

JÁ AGORA

(DO MITRIDÁTICO AO EPULÓTICO)

SILVA CARVALHO

PORÉTICA EDITORA

Silva Carvalho knows, more than anyone else, that *Poretics* (a different perspective of poetry in particular and of literature in general, assuming new possibilities and traits) confronts the most difficult issues in society concerning, for example, ineluctable change, the disintegration of traditional forms of order and the precariousness of new ones, the nature of time, the fragility of the self. Silva Carvalho is well aware that *poretical* language may temporarily transcend these problems, using them as its content by articulating various dimensions of the problems which, however, can never be reduced to what is said about them. At the same time he knows that even with the performance of *Poretics* he will be faced with the growing sense that its new orders, in time, will become more and more arbitrary. For the moment, though, what interests me is the fact that it is in one respect precisely *because of* its indeterminacy that *Poretics* does something which philosophy cannot. Why? Because philosophy runs the risk of failing to appreciate and take in account the contingencies of modernity which do not fit a rationalist model. In other words, philosophy, being rational, fails to advert to new forms of world-disclosure which offer new semantic potential. *Poretics* can do that, because it is only in the active and lively process of engagement with events and things that one can experience the open-ended challenge which they pose. *Poretics*, as far as we can see, is nothing more than a continuous search for ways of coming to terms with the modern experience of finitude.

Aaron Zeist

JÁ AGORA

(DO MITRIDÁTICO AO EPULÓTICO)

SILVA CARVALHO

PORÉTICA EDITORA

ESCRITA DO IMPREVISÍVEL

Não consigo determinar com exactidão
o que me traz à escrita do imprevisível, não faço
nenhuma ideia do que me leva a escrever,
com uma desrazoável percuciência, certas palavras
que se catalogam numa emergência
que procura colmatar o vazio, este estranho
branco que se perfila em redor como se não houvesse
ainda mundo nesta manhã acertada pelo relógio.
Ignoro se ainda sou uma primeira pessoa
do singular, se há alguma singularidade no desejo
de me espojar em páginas alimentadas
pela sua virtualidade, filmes destronando as películas
do que pensamos que é o tempo. Sinto que sou
o silêncio de uma impossível música,
mas sentir faz algum sentido? Não sei responder.
Para quê, pois, tantas perguntas? Se não há
caminho que se possa divisar num em frente
hipotético, há pelo menos este esbracejar agónico
na tentativa de se abrir uma passagem
onde se encontra a aporia. Não a aporia salvífica
de uma argumentação, de uma exposição
mais ou menos especulativa, mas a aporia
que surge nas convoluções da experiência do mundo.
O mundo é esta terra e este horizonte inseridos
incertos na manhã que me divulga e assiste.
Há sempre uma janela mesmo quando a porta
se evaporou da casa onde se habita, ver
é ouvir, ouvir é apalpar a realidade perceptiva
do real, a sua arbitrariedade compulsiva,
o seu desleixo intestino, a sua mudez catapultando
falas antagónicas e díspares, esses mimetismos
maculados pela urgência nunca compreendida.
Estar vivo não é só estar aqui ou ali, ser-se
desdobra-se em diapasões, outros tantos alçapões
que nos desgovernam. A manhã poderá vir

a ser uma tarde, e a tarde uma noite? Espera-se.
Há sempre uma ténue esperança em cada palavra
proferida, em cada passo apocalíptico, em cada gesto
abreviado. Agir é sentir que se pode alcançar
algures o futuro adveniente, a estase não coincide
nem com o êxtase nem com o ínstase, o movimento
insufla o desejo humano de uma extensão
compaginável com a deiscência de um quase destino.
Destino-me a este porisma como um homem
nem achado nem perdido, destituído, contudo, da sorte
que galvanizou as elaborações do acaso, voltas
que se dão pela superfície do planeta, visitas
em que o visitado se confunde muitas vezes com algo
que se insurge em nós como uma presença,
uma respiração iniludível, um corpo assertivo
mesmo em momentos de sofrimento e de desflorada
dor. O real também dói. A experiência dos dias
também dói. Até a alegria, às vezes, dói.
Mas é o prazer que me culmina quando aceito
estas palavras urdidas de feitiços quase dissolutos.
De onde irrompem? Haverá um onde algures
que fuja e escape ao espaço? Acho-me nesse onde
nem terrível nem magnífico, quase que nado
sem estar sujeito à sujeição do nada excruciante,
navego sem velas pandas nem aforismos
simbólicos ou mesmo metafóricos, a vida diz
e produz só disparates, ouvi-la-emos na efusão
de uma escrita inscrita na necessidade vígil?
Vir ao apogeu do aqui é como ir saltando ao ali
que se posfigura, nada do futuro se furtará às redes
do passado, desaparecido o tempo vivido que resta
do vivido? Só o espaço, o lugar da criatividade
histórica lendo o ilegível do que foi? É um mal?
É um bem? Quem sabe? Fico-me silencioso
pela solidão acusmática da consciência, sobrevivo.

ENQUANTO FOR A RESPIRAÇÃO

Terei que dizer que estou a ouvir de alguém ou de algum grupo que se dá, como quem se entrega, pelo nome de Sun Ra Arkestra, o começo do álbum Living Sky? Não tenho. Mas é uma boa oportunidade para me entregar eu próprio a este começo de porisma como se todo o pretexto para escrever merecesse a sua ocasião e a sua sorte. Ouço muito periclitantemente esses sons harmoniosos, é jazz, e até uma voz, talvez emitindo um acerto humano para que seja mais pessoal o endereço musical, parece fazer parte da tonalidade efectiva.

Não vou, porém, dizer se é do dia manhã ou tarde ou mesmo noite, fi-lo tantas vezes que cansei.

Que tenho de escrever é um facto, o vício, o vício, essa droga, que nada tenho a dizer é um outro facto.

Não há música que me ilumine a imaginação despossuída, quero dizer, que não possuo, o que hoje fiz é irrelevante, quem se interessaria por uma autobiografia escassamente convicta?

Não, vou escrever simplesmente que estou a escrever, que estou a ouvir música, que estou... Sim, que estou. Estar poderá não ser ser, concordo, de que me serve esse acordo cordato, perfuntório?

De nada. Não estou no nada nem sou nada, sou complacentemente um homem, melhor, um velho, e está tudo dito. Estará? Penso que sim. Sinto-o?

Sinto, ou sinto-me. Às vezes há um apelo, não que alguém me chame, mas é um sentido apelo, mesmo se sem sentido, o que sinto. De onde vem? Que me procura sussurrar aos ouvidos cercados de vozes paulatinas oriundas de mundos acesos na sua perdição declinante? Não consigo acercar-me de um sentido, de um significado, menos ainda de uma significância, se é assim que ainda se diz.

Sejamos lúcidos. O tempo passa. Modos

e modas percorreram os caminhos da história,
deixaram marcas, deixaram marcos, ou só a efemeridade
diminuta de um suspiro adstringente? Afinal a praxis
não é uma poiésis, dizem os eruditos da língua
grega, que ficará do que ficou com a urgência de ser,
mas até do que estar? Vá-se lá saber! Vá-se lá saber?...
Mas poder-se-á alguma vez saber? Não é a aporia
o que afoga este deslize do raciocínio, é,
como dizer, uma perplexidade sem reminiscência,
um espanto que não espanta, que não assusta,
antes um *thauma*, se me lembro ainda do termo argivo
vivido na arrogância de uma descoberta etimológica.
Etimológico de mim, ignoro se mesmo ou se próprio,
sinto-me arquivado numa respiração insinuante,
estarei na manhã, ou na tarde, ou na noite? As metáforas
são enredos de peças peculiares, delirantes acervos
de movimentos mais ou menos mecânicos, redundantes
na sua ruminação animal, bovina, aletológica.
Que quererá dizer este adjetivo? Importa conhecer
o que significa? Eu deixo-o passar no seu atrevimento
infundado, acasos são acontecimentos fáceis
de processos intempestivos, inautênticos,
convulsões de sucessos perdendo-se no falhanço,
a nossa mais íntima deriva. Não me custa dizê-lo.
Porque não estou a ser eu. Exponho apenas
arremedos de filosofias cépticas ou pessimistas,
não é por estar mais próximo da morte que ficarei
acabrunhado. Poderei dizer que a alegria vasculha vaga
no desconhecimento de mim, ou que é a tristeza
essa mão que me invade num paroxismo do horror?
Não. Carícias, intimidades, a pele contra a pele, peleja
alguma sensualidade nos meus olhos? Ou só o caruncho
da remela? Ah, esta música, e eu não ser instrumento!
Esta luz, e eu não ser sol! Mas estou, vivo, vagido
contínuo enquanto for a respiração que me alvoroça.

CURIOSIDADES DE PACOTILHA

Conciso na curiosidade que me explora numa visão
do que estimo ser o real, integro-me fisicamente
na imprevisibilidade deste discurso, certo de antemão
de não poder concretizar uma mobilidade aspiciente.

Fico-me aleatório no fascínio do ritmo a alcançar.
Afinal o que é um desejo se não prodigala o prazer?
Estou farto de ignorar. Ascendendo, quase medular,
pelos meandros da língua muda, procuro apenas dizer.

O quê? Se o soubesse não estaria aqui nesta inútil
aflição. Há tanto que fazer, afazeres do quotidiano
que não espera por uma hesitação, mesmo se fútil
parece a satisfação de se cumprir um irrisório plano.

A vida espreita em cada esquina, em cada espasmo
metafórico ou alegórico, exigindo-me uma partilha.
Temo na confusão onde me cinjo perder o entusiasmo,
detesto pensar-me ou sentir-me uma inexorável ilha.

O mundo morde-me com os seus avaros cataclismos,
guerras em toda a parte, desgovernos entre exaradas
políticas, notícias de dessemelhanças, os capitalismos
vários procurando hegemonias em regiões almejadas.

A parataxe é um corpo humano. Descobre-se filosofia
o animal que se é, as estéticas do sentido do mundo
redobram-se em curiosidades de pacotilha, uma apatia
quase social sucumbe no enleio, num eco profundo.

3/5/2023

O TEMPO ESCRITO DO DESASSOSSEGO

Instigado pelo desassossego do sofrimento, dorido
nesta parte do corpo que me indefine, uma cegueira
dissoluta espraiaando-se na redundância, comovido
não reconheço a emoção, o percalço que se esgueira,
incapaz de me desdobrar em pensamento destemido.

Falho de soluções apenas soluço. Mas, envergonhado
pelo que acontece, espreito no silêncio da atmosfera
uma esfera de lucidez, pergunto-me, desembrulhado
respondo, mas será possível uma resposta? A espera
não se identifica com a esperança, um fito fracassado.

Onde sinto que deveria estar eclipsou-se no desvelo
de uma estranha anatomia, vou de onde a onde, a casa
não abriga nem obriga quem sou a ser mais um novelo.
Desisto? A respiração continua. Vivo. Não se atrasa
o tempo que me abrasa, a ustão consentirá um apelo?

Mas a quem? Quem está aí disponível? Um temível
silêncio percorre de ecos a caverna da antiguidade,
luz fora do fora a brancura prística, a fala exequível
revela só a podridão de conceitos passados, a idade
não admite mais reproduções do mimetismo flexível.

Que resta ao que resta? Uma réstia da nefasta ilusão?
Voltar atrás, voltar atrás, grita a consciência, o delito
de uma intumescência inaugural. Abrasiva, a solidão
não reabilita a presença do presente, o tempo escrito
não se compadece com a brevidade de uma inscrição.

3/5/2023

O LUGAR COMUM EM MAIO

Maio, e os enxertos, e ainda algumas flores em macieiras e pereiras, nenhuma abelha. Abelhões, se é esse o nome, são detectados pelos meus olhos míopes, escassos numa solidão incompreensível. O planeta aquece, desde o mês passado que passo alguma água nas calotes das árvores mais jovens, que poderei mais fazer? Ignoro. Desmatado o terreno há duas semanas. espero o senhor para a próxima semana, trará o escarificador. Escarificar já foi um verbo utilizado há muito tempo, não sabia ainda o que significava, ou só metaforicamente. Sabia que as árvores existiam, mas que sabia dessa existência? Nada. Há sempre um niilista na juventude revoltada. O que há na velhice? Um outro nada, mas não niilista. E é assim. Não me perguntam como, a este assim, assim desprovido de um enxerto ou de um encaixe, tauxiado no corpo da escrita com uma animalidade instintiva. Maio nunca foi um mês cruel para os sensíveis à mudança da natureza terrestre, eu lá vou de árvore em árvore a ver o que brota das destruídas flores. Algumas ameixas. Resistirão ao vento salgado que desencoraja o cuidado tão caro que foi a um filósofo caído em desgraça? Verei. Ver ou não ver não é a questão, é perder o tempo assistindo ao evoluir da vegetação. As roseiras começam a despertar de um inverno nem tão molhado como deveria ser, mas que se pode dizer do ser? Pouca coisa. Somos todos naturais, especulativos animais fazendo pela vida, se o lugar comum fizer ainda algum sentido. Não estou sentido comigo próprio. Não há razão para tal. Haverá sentimento, ou alguma sensibilidade espalhada no ir e vir pelos meandros desta terra cerzida ainda de ervas daninhas que expelem carraças capazes de introduzir o mal? A pergunta estará bem feita? Ou bem enxertada?

A CONTRAOFENSIVA

Disponível para as coisas do mundo espero, mudo e expectável, que o problema político se resolva, um presidente que não preside sobre o primeiro-ministro, um primeiro-ministro do país que não ignora o que é a democracia. Meus pais já faleceram. Falecerá algum dia este tipo de democracia? E que dizer dos meios de comunicação? Ficaram obumbrados. E apostam agora em cenários possíveis, preenchendo os noticiários onde as notícias redundam num enfado ensurdecedor. Tanta redundância na dança quotidiana, comentadores em dores de parto esforçam-se por adivinhar o que vai na cabeça do presidente, na cabeça do primeiro-ministro. Irá alguma coisa? Nunca gostei da palavra primeiro como da palavra último, são génios, diria de mim uma minha tia, também desaparecida da face da terra. Longe, noutro país de um globo esquecido de ser planeta, homens preparam-se para a contraofensiva, ofendidos que estão pela invasão a que foram sujeitos. Outra palavra que pela sua ambiguidade também não me agrada, mas que fazer? A língua é o que temos, outros diriam, mais filosóficos, que nos tem. Ter ou não ter, às vezes, até é uma questão, talvez irrazoável, mas quem se preocupa com a razão? Disponível sou ou fui, da disponibilidade, um seu insonte teórico, valeu de alguma coisa? O princípio, a teoria, a crítica, não foram termos roubados a Kant. Confesso, nunca senti curiosidade de o ler. Achei-o, assim estupidamente, chato, vá-se lá saber porquê! Há desencontros abissais neste mundo, teria ganho alguma coisa com a sua leitura? Poderia hoje compreender melhor o presidente do país e o primeiro-ministro? O que lhes vai pela cabeça? A ignorância impede-me qualquer tipo de especulação.

SENTIMENTO DE AMIZADE

Acordei, como quem diz, debaixo da música,
ou do jazz, dos The Necks. O seu último disco, saído já
em dois mil e vinte e três, Travel, flutuando
entre um piano e uma baixo que me deixa caprissaltante
como nenhum animal desta terra. Disposto
a deixar-me escutar enquanto a escuto, disperso-me
pela consciência, acorrentado a correntes
um pouco paradoxais, incapaz de uma doxa que me abra
ao sentido provisório do momento. Excepcional?
Nem por isso. Estar desperto numa vigília intraduzível
é sempre um pretexto para pensar ou para sentir,
sinto impensáveis sons soltarem-se neste agasalhado
quarto sem verdadeiramente visualizar o nó
que me ata à cacofonia expressa de um mudo mundo.
Madeficado no mais íntimo recesso do ser,
essa humidade indiferente ao húmus mais ou menos
humano, percorro-me complacentemente
como quem não sabe nem pode mentir, a experiência
saldando-se por episódios de lembranças
que já foram manifestações de uma realidade livre
do real, se isso for possível, e não um dislate.
Dilata-se em mim, longe da ideia de um imo ou cerne,
a presença de um presente sonoro, será vida
o que ocorre, ou apenas uma suspensão de reticências?
Retenho-me. Nada de delírios, de ousadas
associações de palavras acusmáticas, propínquas, eu
não preciso de precisar o que me acontece,
basta-me expandir-me em disponibilidades, com ou sem
uma teoria, como já o fiz, em tempos idos.
A música destes quatro ou cinco trechos, confesso,
alerta-me para um diferente diapasão do tempo,
há quase um sentimento de amizade desejando advir-se.

ENTRE O INVEROSÍMIL E A SORTE

Sem centro de gravidade gravito no fito irrazoável
de encontrar um modo de viver, uma companhia,
qualquer coisa que me elucide no eco insanável
de um retorno iludindo-se numa dispensável alalia.

Escrever não é o mesmo que falar. É antes dizer
num solitário deslize do dizível o que advém, essa
compungida forma de uma esperança, um antever
o que possivelmente nem pode acontecer, uma essa.

Substantivo aceito os adjectivos que em movimento
singular se lançam contra mim, não receio a acção
do real nem a realidade da interpretação, lamento
apenas que o concebível surja como mera reacção.

Indesmentíveis apelos prorrompem na consciência
que desmereço, que fazer dessas vozes indecifráveis,
veículos para temores numa irrefragável apetência
de lucidez, de luminosidade, de iluminações amáveis.

A vida nem sempre é amíntica, epulótica. Devolve
a quem envelhece as ilusões do passado, vingança
que se desprende da imaginação reles e se envolve
num desprezível alcance entretido com a sua dança.

A ignorância ignora que se ignora. Será, pois, agora,
que se terá que enfrentar a desmedida de uma morte,
sem um abraço ao que existiu, sem um hábito fora
de qualquer conflito entre o inverosímil e a sorte?

HOMEM DE PÓ, HOMEM DO PÓ

Nunca comprehendi o pó. Como se insurge contra a limpeza e impregna os objectos, superfícies e contornos, da sua substância, para mim incontornável? Será que cai sobre mim sem eu dar por isso? Homem de Pó, não seria um mau título para um livro que transcendesse o romance ou o drama. Quem, de todos nós, evos dessa realidade, para o escrever num arroubo filosófico, impuro, sujo, estagnável? Às vezes penso, imbuído de tristeza, que também a filosofia hodierna está coberta dessa película granulosa, imponderável. As razões disto ou daquilo foram exploradas, que atitude intelectual para devolver pensamento ao real? Nunca percebi a presença do pó, quando as portas e as janelas fechadas não impedem que a poeira da terra se intrometa com a percepção quotidiana. Será da terra que transparece esse perigo? De onde virá o pó? Há teorias felizes para o explicar? O que dirá a ciência do fenómeno? Dizer, hoje em dia, também é problemático. Ninguém sabe o que dizer sob o peso de uma suspeição inquestionável. Logo, nada. Ou só o pó, nem compreendido nem percebido, essa presença sem sentido, incomensurável. Não tenho paciência para a limpeza. Convivo, pois, sem amizade, com um perigo? Passo muitas vezes um dedo dedilhado pela superfície dos móveis, que “porcaria!”, é o realce da consciência, mas a vida continua e não pode perder-se em atavios de esmeros. Que se lixe, vozinha muda uma inconsciência rarefeita, sustentável, suspirando, “dar ao que é o que é”, sem preconceitos nem juízos por vezes detestáveis. Já fui um homem do pó, alagados anos de exílio em cidades nefandas, estrangeiras. Já fui um trabalhador da limpeza. Dói-me recordá-lo. Fui o que nunca fui, na cidade dos filósofos evidentes.

8/5/2023

NUM AQUÉM OU NUM ALÉM

Meu corpo deblatera. Nunca se cansa da dor.
Corrompido pela fatalidade até acha natural
que o sofrimento seja visto como gesto ablutor.
Maldigo minha sorte num tempo intemporal.
Sinto o que padeço com o ódio e o desamor
que me suscitam um temperamento desigual.
A morte mortifica o inexplicável pensamento,
a morte suscita em mim um eu que lamento.

Nada a fazer quando sinto o nada. Esta vida
não é viver, nem o corpo um conteúdo estável.
Silenciado pela perdição ouço a voz perdida
de uma perfídia abstracta, casulo insustentável
faço de conta que não sou eu, escolho a saída
incapaz de ser êxtase ou estase. Injustificável
alardeio uma desmedida desumana, o animal
que me alcança ignora-se linguagem do mal.

Não estou aqui nem ali. Sou apenas alguém,
alguma coisa. Meu corpo procura incorporar
um sentido, uma sensação, mas é o ninguém
que prospera trágico nas margens do olhar.
Não poder respirar num aquém ou num além,
ter sempre em frente o que não sabe exortar.
Dói o sofrimento como uma desdita ditada
pela armadilha de ser um ser em debandada.

Não ser capaz de dessentir. Minha presença
pressente sempre o corpo e sua carne, doença
que me consente nos parâmetros da loucura,
arfar da matéria numa insolvência sem cura.

ESTE BARULHO SERÁ PACÍFICO?

Este barulho que vem da escola, penso que do refeitório, dura todo o dia, uma fábrica para os pequenos se habituarem à futura fábrica. É um som mecânico, avança na atmosfera circundante sem sigilo nem repugnância, os alunos talvez já habituados a um destino que os falhará. Como aguentam seus ouvidos tanta insolência sonora? Ignoro. Felizmente eu tenho bem perto a música de James Brandon Lewis, *Code of Being* o álbum, saxofone o instrumento que se destaca. Destacar-me-ei destas palavras escritas neste branco, nesta tela cinemática, cinética, convite para mais uma exteriorização do meu sentir?

Ignoro. Mas continuo, outra música num outro tempo e num outro espaço, tentando acompanhar o grupo que se desmembra em peripécias de uma execução talvez ávida de alguma improvisação. Espero, admito, não me desmembrar neste apogeu da sensibilidade, afinal sou um homem, tenho um corpo, verdade que com alguns membros, o mais explícito implícito no que acabo de escrever. Esqueço o barulho e a escola, escudo-me nestas sonoridades adictícias, perspícuas, enfim, tento sobreviver. Conseguí-lo-ei? Hei, hei, nada de desânimos, a dor não me infesta, talvez esquecida de mim, o indesculpável. O quê?

Indesculpável porquê, em que sentido? Ignoro. Convivo com a minha ignorância num estado lacunar, às vezes o sentido de uma tragédia configura uma loucura inassimilável, às vezes o sofrimento quer somático quer psíquico assume tais proporções que nenhuma porção de mim resiste ao larvar pessimismo que me atinge. Não, não possuo um código do ser, não tenho nem essa sorte nem esse atrevimento. Persisto apenas com estratégias talvez datadas, os dados escassos para poder engendrar um poder que me pudesse salvar da desolação e do esquecimento.

Se não fosse a presença da música, o que seria de mim?
Talvez já não fosse. Não desejo parafrasear
pérfrases obsoletas, fico-me por aqui. Isto é, na escrita
nem desdenhosa nem desdita, uma experiência breve
culminando num mínimo prazer, este passar
despercebido do mal, da doença, e até, para ser
franco, de mim, origem de todos os males. Estou,
não sei porquê, a ser sádico e masoquista ao mesmo
tempo. Consegue-se, podem testemunhá-lo.

Aqui surge por vezes um ali tão incomensurável
que me deixa perplexo, sem palavras, consinto-me dor
sem que venha do corpo essa apóstrofe. Sáfara.
Outros diriam, estéril. Mas não é um Waste Land o sítio
onde me encontro. Nem há a tentação de erigir
um *miglior fabbro* no que escrevo, a poiésis piou
nos confins da história que devolvo à história humana.
Há esta escola fabricando barulhos mecânicos
como se vivêssemos ainda na era industrial, dizem,
os manuais contemporâneos, que não, que é já passado
esse tempo. A verdade é que o mecanismo
continua, é ouvi-lo quando a música não o esconde
da consciência ferida. Tenho que me apressar.

Quero dizer, estou com fome, o meio-dia inspira-me
para outras lucubrações, paragens na cozinha
onde uma posta de pescada será assada, se tivesse
escrito «levada ao forno» lembrar-me ia talvez do fogo
industrial que acalentou crematórios em tempos
de guerras passadas. Passaram, as guerras? Não.
O sucesso das vitórias e das derrotas sucede-se
pelo planeta com a constância de uma incontinência,
a técnica precisa da comprovação, que melhor
espaço para se verificar a energia invariável
do pensamento? Grandes avanços no consórcio
das nações, a guerra é propícia à inventividade lógica
e calculista, quem ganha com isso? Não a paz.

O REAL, A REALIDADE

Indeciso quanto à profusão de silêncio
que se abate sobre mim proponho-me escrever
o que me vem à cabeça, a consciência
não é para aqui chamada. Vulgar até desmerecer
a língua não procuro nada, não encontro nada,
espevito-me na prossecução da escrita,
essas palavras negras insurgindo-se contra
o branco do que nem é verdadeiramente tela.
E o que é não é um enigma nem um mistério.
É antes a incapacidade de saber se ecrã
pode ser uma palavra. Omissos em omissões
paliativas, adejo como se fosse um pássaro,
não sou um pássaro. Escrevo. Sentado.
Há uma disjunção incapaz de chegar à noção
de clivagem, de quem a culpa? Apalpo-me,
reconheço-me, sou eu, digo feliz, sou eu, repito,
sentindo que em tudo isto algo está mal.
Um desacerto, uma ominosa desenvoltura
tendendo para o nada, para o vazio material
de uma fictícia configuração do acontecimento.
Acontece que não me sinto nos meus dias.
Que palermice, dizê-lo assim. A vida
tolhe-me e tortura-me, será tempo de partir,
de abandonar o barco, de não ser mais
o mitológico Ulisses que me abrasa? Onde
me meti? Menti? Em que afirmação
claudico, em que interrogação introduzo
uma quimera, um despeito, uma intromissão?
E porquê? Será importante responder? Sei
que sei algumas coisas, sei que ignoro outras
tantas, passo por trejeitos e tiques, respiro.
Absorvo o real? Absolvo a realidade de mim?

NA PERIFERIA DO ALCANCE

Suspiro na suspensão de um instante,
o redor uma transparência relutante
ludibriando a percepção de um real.
Não há porta nem janelas nesta casa,
apenas a evidência de ser um animal
acossado pelo destemor que abrasa
qualquer tentativa de entender o mal.
Nem subo nem desço na pérvia asa
que me obriga a sentir uma ausência.
A verdade não tem de si consciência.

Aufiro de uma permanência legível,
no livro que escrevo nada é incrível.
Tudo passa como um tudo, no todo
alcanço talvez a aflição da mentira.
É com um breve carinho, um denodo,
que a sensibilidade para o sentir gira.
Já do pensamento alcançou o engodo
que cada ideia ou acuidade transpira.
Solícito sem no saber escrevo o nada
em cada aparência da abertura amada.

Deiscências eclodem como loucuras
destroçando as coercitivas molduras.
Ir e vir, rodar na periferia do alcance,
agora um temor, agora a ávida alegria,
um salto em frente, o espúrio relance
sem sentido, seduzido pela sinestesia.
Vivê-la é todo um insuspeito romance
interdito a autores alheados da estesia.
Mas não há voltar atrás. Só em frente
cresce uma saída para quem a intente.

PARACETAMOL

Paracetamol parece ser agora o segredo da presença das coisas, da actividade da existência, da fragilidade de quem se atreve a escrever o que não sabe. O corpo não se deixa incorporar na consciência de um estar que acumule o sentimento e a sensibilidade do bem, algo está carnalmente mal, uma menos que febre fere em arrepios vindicativos a vacância de uma ânsia que se traduz num estúpido medo. O título do texto foi “Traduzo Para Ser Traduzido”. Que queria dizer? Haverá uma compreensão hermenêutica figurando uma possível e inteligível leitura? Paracetamol jaz sobre a mesa como uma estranha sobremesa, níveos comprimidos comprimindo-se para, ingeridos, serem expansões no domínio do silêncio corporal. O sangue é tão real que não admite uma meditação apropriada procurando explicar como talvez a cura advenha, ir à farmácia é um privilégio da velhice, sem ironia, esse fracasso da retórica intuitiva. Levanto-me ferido pela desproporção das emoções que vou acalentando, percorro com um olhar mitigado as dependências do apartamento, esses cubículos preenchendo de ar o vazio pervagante de uma atmosfera inconsentânea com a dor. Perco o peso. Não sinto o soalho. Solto em mim mesmo mesmofíco na intraduzível queda que não se efectiva, caio ou não caio, esborro o zelo de uma falênci: Estou de fora. Não sei como fugir à sensação de perigo, o coração ainda baterá? Pulso ainda no pulso onde um dedo averigua a presença de um estado? Que estado? Regresso à escrita, qual a tradução para poder pensar que não minto? Aqui é onde tenho estado. Paracetamol, a dévia esperança para uma morte que leve tempo a chegar. E se chegar?

O CAOS É SÓ UMA PALAVRA

Imperfeito na indecisão que se acumula no peito
espero que passe esta passagem pela ansiedade
tanto psíquica como somática. Sinto-me rarefeito,
incapaz de me erguer ao domínio da hominalidade,
um destroço de um salso naufrágio quase perfeito.

Onde me levará esta ausência? O pressentimento
não tem coragem de se alargar numa adjectivação
complacente, tudo o que rodeia alardeia o momento
como muito grave. Será possível sobreviver? Acção

e reacção, vou e venho em vagas sucessivas, o imo
como cerne não faz sentido, o acme é a desmesura
dos sentidos desvairados, não acredito num cimo,
estou apenas sujeito a este imbróglio, esta tessitura
onde sofrer um rés ao chão preludia o caos opimo.

O caos é só uma palavra. Já significou. Hoje vive
de nostalgiás tradicionais, esses relatos, esses factos
eleitos pela comunicação simbólica em declive,
incompatível com a resistência manifesta em actos.

Estarei a delirar? O que sinto que pressinto arvora
uma cabeça dorida em ilusória elucubração, instável
não consigo aguentar a experiência desta demora,
onde um descanso, a paz, a permanência inestimável
de um porto que seja a porta para a saída desta hora?

Abandonado abandono-me ao medo, esta febre fria,
este desagregar de todas as virtualidades, o degredo
onde me vejo inserido, espaço do tempo na apoplexia
de um *desconhecido* que se instaura como segredo.

METAFORICAMENTE

Desaguo metaforicamente nestas águas da música, sem saber se sinto ou se dessinto, desejando apenas coincidir entre o som e a luminosidade da tarde. Ventosa. Coincido com o que tenho sido? Nem por isso. Ou talvez, quem sabe! O importante é não só ser, seja o que for, mas sobretudo homem, ou ser humano, como também existir neste estar que não precisa de culminar em nada. A redenção não é uma acção nem uma actividade, nem sequer a energia que necessito para viver a experiência da vida que ainda acalento. Lento, num sentido talvez ambíguo (ver os dicionários), gozo a música que estou a ouvir lembrado do esquecimento lúdico de tanta coisa que foi vivida sem se preocupar com uma história. Embora, para mim, a memória do presente constitua uma história sem mediadores, uma história tão pessoal que não tinge a cultura de suspeitas ou de ilusões. Tingir e atingir são já verbos que me dizem pouco, as palavras, muitas delas, perderam o fascínio de um encontro, se não amoroso, pelo menos intelectual. Sempre histórico. Agora navego, sempre metaforicamente, outras águas, serei capaz de dizer quais as palavras mais prementes deste momento? Aterrorizado, di-lo-ei: Violência e guerra. O real entra-me pela húmida consciência sem pedir licença, de nada me vale refugiar-me na escrita do acaso e da necessidade, tudo dolorosamente me alerta para o que se passa neste planeta a que muitos, em todas as línguas das várias culturas coexistentes, chamam terra. Terrestres ainda não acertamos com a existência planetária, ficamo-nos pelo globo e seus mercados.

INCIENTES FRUTOS

Não consigo meditar. Nem sequer ditar-me frases compostas de sintaxes pródigas, de formulações reversíveis, a inspiração fazendo parte da respiração. Ouço de Janel Leppin este Volcano Song que surge no álbum Ensemble Volcanic Ash, esquecido porém da problemática das cinzas, não as vulcânicas, não as teóricas, mas daquelas em que me tornarei. Ser e não ser deixam-me num estado de exaustão, vivo no que sobrevivo, ou sobrevivo no que vivo, saberei alguma vez onde estou? Estou ouvindo esta música enquanto imagens de incipientes frutos preenchem a recordação do dia de ontem. Este vento mortífero atordoa-me de dor, que vai ser das árvores?, sempre foi a pergunta, ano após ano. Uma estultice não ter desistido deste amor pelos frutos da terra, o terreno varrido a partir da primavera por ventos locais, foi a explicação que me deram, oriundos do desacordo entre a temperatura do mar e a da terra. Mangueiras puxadas pela velhice de mim tentam mesmo assim desvirtuar a imanência da seca, não há filosofia, não há diálogo capaz de mudar as consciências sociais, o capital tem qualquer coisa de suicidário, a ganância é uma doença desconhecida dos hospitais. Confuso lá vou deixando alguma água nas calotes perspícuas, pensando no dinheiro que estou a gastar. Para nada. Este nada às vezes confunde-me, o niilismo não é a minha especialidade nem a minha vocação, estou certo. O que é então? Ignoro. Os choupos, esses, é vê-los, movem-se numa emoção caótica, girafando como se estivessem com o cio, gritando cada folha asperezas de fricções frondosas, ao ponto do ruído que soltam poder se comparar a um jazz improvisado.

11/5/2023

PRESENTE NA PRESENÇA

Não, vir aqui não é uma contraofensiva, ainda menos uma ofensiva. Não há ninguém a ofender, os obscenos deslizes da consciência nunca me permitiriam fazer da escrita um lugar da maldade ou da violência. Dizer o que não se sabe que se vai escrever é uma aventura quotidiana, o tempo a puxar-me para esta progenitura um pouco agastada. Palavras são emoções do alcance que prefigura um conceito indeterminado, este lance, escrever, é ainda um mistério a ser revelado. A vida é uma tentação permanente. Uma biológica investida no desconhecido que nos rodeia de alarmes, um fogo que nos arde em aflogística temeridade, como um jogo em que não se pode brincar. Exige-se do sofrimento uma placidez virtuosa e virtual, as páginas do lamento são execráveis. Quantas vezes caio na aporia do medo ou da ansiedade, delimitado na fraqueza de um uredor que me devasta! Mas continuo. Um porisma consome a ilusão de um achado, é como se a desfortunada fome pudesse ser saciada. Nunca é. Mas continuo, disposto a prosseguir na inevitabilidade deste gesto, dum gosto que me anima na viagem. Vou, nem sempre previsível, nem sempre solitário, caminhando nesta terra fluxível e sem vias moduladas pelo método icástico. Em frente a frente, o tal desconhecido, esse silêncio no adurente mimetismo de uma possível morte. Mas é na distância que se promulga esta passagem, um esviscerar da ânsia contida na ansiedade. Há luz, por vezes, na linguagem dos dias, certos acertos intuitivos, uma quente imagem contrapondo-se às vicissitudes da fulgêncio detestável. Aqui não há deserto, há apenas a ausência inesgotável. Aqui a experiência existencial distende uma harmonia, a sensação de se estar presente na presença da bonomia.

12/5/2023

SEM SENTIMENTOS DE CULPA

Entra-me o sol iluminado pelo quarto minúsculo como uma carícia despropositada, como se eu o merecesse ou estivesse à altura do seu fulgor, como se me pudesse comparar ao fúlvido enleio em que me encontro. Do outro quarto, vizinho, alguém canta um blues, ouço-o de um longe evo no simulacro de mim, desta escrita, do facto de me ter posto a escrever. O apartamento vive do que não posso nem saberia viver. Estupefacto pelo que acabo de escrever avanço impoluto, é na língua que o real desagua, é na língua ferina que me devolvo ao real sem sentimentos de culpa. Obumbrado pelo que acabei de escrever paro por um brevíssimo segundo, o escrito não dá conta dessa hesitação pensante, pausa depascente. O que conta afinal numa vida? Não faço a ideia mímina. Nada, é a resposta que se me impõe. Gostaria tanto de ejacular um verso intemporal, um aforismo que me elucidasse, mas nada, nada me sai de genial ou de eterno. Fico triste. O sol que invade de tonalidades afectivas e obscuras este quarto ainda frio não me inspira, é apenas a assunção de que a beleza só precisa da estesia, sem se preocupar com a estética. Devo procurar na linguagem de um porisma a inteligência hiulca, sulco de uma aquiescência ao que é, ao que passa por ser a presença de um qualquer presente? Vou acrescentando palavras umas após as outras, onde um sentido em tudo isto? Se soubesse, se soubesse... O mundo fez-se da terra, a humanidade perdeu-se nos homens e nas mulheres, salvar-se-ão as férteis crianças? O sol, responsável por tudo, que responda.

SER QUEM NÃO SOU QUANDO SOU

Mas não desanimo. À falta de alma possuo ainda o ânimo, mesmo se periclitante, um pouco deturbado, ínsito como uma ingerência apocalíptica. O vento varre veloz as frondes das árvores em frente, um olhar no teclado, um olhar na janela. Escreve-se, e depois? Depois, nada, isto é, depois continua-se a escrever, a sentir as palavras desabrochando de uma árvore, senão pensante, pelo menos, pelo menos, absorta no sentido de um arroubo. A dor não me vai mergulhar no obsidiante marasmo do ramerrão, não se vai metamorfosear num obsceno sofrimento, eu não deixo. Hoje sou eu que comando. Pode ser a ilusão do momento, se for que seja bem-vinda. Escabujando, continuo contínuo a mim mesmo, um homem envelhecido pelos anos, pelas canseiras, pelo gosto de viver vivo numa encenação do que poderia ser e não é. Não, não deixo o mundo invadir este cantinho de um lar fictício, o fora não é um dentro, e um apartamento aparta tudo o que fere. Ou deveria. Às vezes sinto tanto a vontade de escrever «às vezes». Vezes sem conta procurei desvendar o misterioso assombro da vez, nunca bispei dentro desse som avulso um tempo. Uma atmosfera. Um redor, mesmo se diminuto. Sempre suspeitei desse vocábulo como um vulto breve, passando e passajando, uma olhadela de ninguém, um esboço talvez para uma ingente metafísica indiferente à falsa ontologia em que tantas vezes se perderam as manifestações do espírito. Não desejo ser espirituoso. A consciência é mais que suficiente para me devolver infeliz ao que sou. Estranho porisma este que escrevo, não é? Vou rasurá-lo com a autoridade de um autor? Vou censurá-lo, vou impedi-lo de vir à luz de um livro futuro? Não. Todos os que nascem têm direito à vida, eu não sou um deus. Escrevo apenas, vez de nenhum poder, nem de ser quem não sou quando sou.

15/5/2023

UM ULISSES SEM DESTINAÇÃO

Ingresso comovido na aparência de um sentimento
ora egresso ora inadjectivo, movido pela intenção de trazer
até mim uma realidade que não se baseie na relação
que entretenho com o real. Falha a solvência dessa intenção.
Salto no que solto, que solto? Surtos intempestivos
de acenos mais ou menos poréticos? Ou apenas insuspeitos
desvios e caligantes derivas, passagens de nada a nada?
O outro lado não existe. A vida está sempre neste lado, sigo
pressuroso o seu caminho aberto com uma violência
quase desumana, verdadeiramente inumana. A transparência
é uma humidade, outrora diria, do ser, agora sugiro,
de se ser. Uma humidade quase sexual, biológica, animal.
Sinto-a no mais secreto de mim, incapaz de segregar
um segredo. Os adjectivos, tresloucados, substanciam-se já
nas manifestações do quotidiano, tocam na sofrível
contingência com desvelos que me deixam perplexo. Terei
a coragem de os aceitar? Assim tão irresponsáveis,
inadvertidos, casuais? Como se nada fosse? Como se o nada
também fosse? Muito mais do que sigilo ou presença,
mas sem oferta nem presente? Acontece, são tantas as vezes,
que acontecer irrompe feroz contra a simples natureza
do verbo que é, não quer advir, deseja permanecer irrazoável
na intumescência de uma luz incurável, até perigosa
para os mais incautos. A lucidez pode ser letal, eu que o diga.
Não direi. Sobrevivi à desmedida na parca estupidez,
fi-la, patético, uma estética, agasalhei-a no contacto amável
com a imperfeição e o problema, triunvirato fictício
do impoder. A sobrevivência é um Ulysses sem destinação,
vagueando ora só ora acompanhado, tentando gozar
por vezes um momento de paz, de sol, nos areais retóricos.
Respirando um ar possível e benfazejo, bem longe
da vesânia que acometem as guerras e os seus comparsas.

A PARAGEM É UM BEM

Se uso, de vez em quando, a rima, é para acalmar os nervos que afloram à escrita, esta dispersão que engendra em mim uma despossessão sibilina, obrigando-me a parar para melhor poder meditar no que ousará surdir como tentativa de solução para um desassossego que deseja a disciplina.

O desejo é a cura. De quê, é o mistério. Siderado pela realidade de uma inexistente correspondência vou pé ante pé avançando na enrodilhada renda de uma desmedida infantil, o esforço incapacitado tantas vezes de atingir a acalmia. A consciência é muitas vezes visitada por uma inexorável fenda.

A paragem é um bem. Sentir o redor na sua afasia, um fantasmático silêncio navegando quase perdido pelos meandros do acaso, o olhar da imensidão um ponto de chegada, um ponto de partida, estadia onde se mede a metamorfose do desvelo, o urdido ensimesmamento alçando-se à feraz felicidade.

Rimo e rio sabendo que a foz edaz virá num futuro qualquer, o tempo uma imbecilidade intuitiva, o lugar uma dobra de um lenço, essa ficção breve onde as palavras não serão apêndices do soturno deslize. A foz não rima com a voz. A definitiva obra desprender-se-á numa alalia, num som breve.

Ouvi-lo será impossível. Sê-lo ficará pelo segundo. Haverá memória onde não houve uma despedida? As luzes apagar-se-ão e nada mais será mundo. Medido pela acalmia o último ardor será da vida.

NEM IR NEM VIR

Um corpo não é um apogeu de nada, muito menos do eu. Quando a dor descobre que o sofrimento se arroga ao sortilégio da tristeza, melhor será fugir pelo desvão da realidade, atalhar a distância, esquecer o alcance com uma jucunda despedida. A alegria é essa fogueira que arde sem contemplações. Onde a ardência fugaz para poder abrigar-me da intemperança da arbitrariedade? O sentido não se faz nem se arvora, devora a ilusão das inesperadas interpretações, são tantas as razões para nos enterrarmos nas falsificações complacentes. Nem ir nem vir, passar brisa ou aragem, seguir o olhar de quem não consegue atingir um auge imarcescível. Fala que língua? Nenhuma língua debita o quer que seja, seja uma mentira seja uma verdade, só a passagem retém do sucesso a sua experiência, só o vivido pode merecer uma advertência do silêncio e da imanência. Amo o destemor desses amores que preludiam um devir imperativo, agarro-me ao desafogo e afogo-me feliz por ter chagado aqui. Este é o lugar. Isto não é um isto. O que é descuida-se e desmente-se, o real configura as figuras da aparência, este é o som da música urdida com uma displicência que atordoa. Qual singularidade qual sabedoria, a fome enfeita de catástrofe a ferida do globo irredutível, quem capitaliza? Quem se desdiz no que diz com a inteligência de uma obscenidade? O palco desapareceu na sua tragédia infecunda. Facundo escreve quem acerta com uma perspicácia indistinta o destino das populações sonoras, são tantos os gemidos, quem morre nesse hospital da pravidade? As pobrezas alastram-se em desmesuradas dimensões do cálculo, qual a moeda, qual a hegemonia? Guerra, guerra, guerra, parodiam os senhores da hora. Como expungir o tempo?

HÁ AQUI UMA DEMORA

Manhã tão cedo, mas não apetece mais a cama.
Perco-me em segredos indisfarçáveis, visível
a olho nu, essa nudez iconoclasta, a presença
incontestável da vida fluindo num vagido forte
introduzindo-se no esmero de uma audição edaz.
Não sou capaz de idealizar. De sentir um a mais
no que presencio e vejo, as coisas transformam
os objectos em amabilidades quase estéticas,
os objectos fazem-se interior de um apartamento,
tudo parece estável e perplexo, ontem teria sido
já este hoje que me empolga pelo facto de existir?
Existo, sei que existo, mesmo se depauperado
pelas experiências do quotidiano incandescente,
um fogo lambendo uma fuga sem que haja lugar
para um destino imarcescível. Amíntico estar,
respirar, não o ar nem a luz da manhã, há aqui
uma demora, não sei de quem nem de quê, há
como se o verbo haver tivesse perdido a forma
dos seus limites e das suas possibilidades. Sei
o que estou a escrever? Sei o que estou a viver?
Cómodo diria, nada. Num silêncio nem por isso
sideral aconchego-me ao redor, ao ambiente, é
da imanência que não posso falar, menos ainda
do devir, esses inacontecimentos especulativos
que me magoam onde menos sou eu que sou.
A estadia não é um estado. Nem a vida insonte
fala. O tempo nem recua nem avança, conceito
ou realidade, o tempo vasculha as rugas vincadas
do meu rosto e não é a velhice o que encontro.
Encontro-me, súbito, graças às palavras afeitas
às interpretações mais casuísticas e nebulosas,
frente a uma alegria seduzida pelo cedo de estar.

NÃO FAZER SENTIDO

Alegre sem uma razão plausível esguardo a janela
que não acerta com o olhar, será o que vejo mundo?
Ou haverá um engano nos sentidos com que apela
a consciência a um estar? A sintaxe vive do segundo.

Importa voltar atrás para desembrulhar a irracional
perplexidade de um amplexo? Que ganhará com isso
o porisma incoativo? Deixo misterioso o breve sinal
de um devaneio perpetrado pelo desvairo remisso.

E continuo como se fosse o tudo a exigir um todo,
as perspectivas foram e serão sempre irrelevantes,
as confissões não confiam nas igrejas onde o lodo
segrega uma capa de falsidades às vezes constantes.

Não fazer sentido não é a mesma coisa que dessentir
o que nos toca, é não saber ler o mundo no que age
de violência e de amor. A ignorância não é mentir
para se poder fugir da indignidade social do ultraje.

Vou, pois, alegre, nesta descida convulsa e perigosa,
aceito a falta e a falha e o falhanço, do ágil solecismo
retiro um arroubo desconhecendo a flora ardilosa
que se investe no dicionário do anistórico aticismo.

Soletro cada som na esperança de advir a guitarra
que me abra ao incontroverso real, não é uma dor
o que me exclama, nem o sofrimento febril esbarra
com a exuberância da experiência num infeliz pudor.

Revigoroo e arfo a presença indesmentível da alegria.
Redundo na redundância de um alarme que inebria.

NO DELÍRIO DE UMA ACALMIA

Convirjo animal no delírio de uma acalmia sedutora, não sou gato nem sou cão, sou um homem perplexo por amar os cavalos esfuziantes. Corridas sensuais as dos sentidos nesses momentos de uma excepcional desrazão, meditar não é pensar, pensar não é sentir, é, pelo menos, a impressão. Da sensação aproveito a oportunidade para alcançar um breve testemunho do conceito, concebo-me intraduzível, por vezes sou aquele que sofre por não reconhecer o que é a dor. É a carne que fala sem precisar da língua, é no corpo que se desvendam as razões de uma estadia, a falta não tem em conta o perdido, a devastação histórica de uma memória que resplandeceu no seu presente. O desvio não desvirtua as virtualidades da audição ou dos olfactos, os cinco sentidos nunca troçaram do sexto, esse implacável mecanismo dos espasmos que galvanizam a inteligência falha para que possa atingir a diversidade do existente. Multiplicidades disto ou daquilo não decidem da riqueza do planeta, o que ciranda não precisa de círculos, o que arvora não tem que imitar as árvores excêntricas e ablutoras. É, pelo menos, o que cuido. Posso estar errado, erros e desmandos sulcam as minhas vísceras, que sei eu que esteja além de mim? Respiro. Não vejo a verdade do ar ou da transparência envolvente, tudo me acede em plena consciência da hora. Não estou miraculado nem pretendo fingir que conheço algumas facécias das facetas mais divergentes da experiência terrestre. Escrevo. Nem escravo nem senhor. Escrevo no entre das fissuras cognoscíveis, se estou a sorrir ninguém saberá porquê. Poderão sempre tentar adivinhar. Não os reprovo. Aprovo com carinho os que ousam saber.

18/5/2023

AS VIRTUALIDADES DO DEÍTICO ESTA

Alongo-me reptiliano, talvez mesmo sub-reptício,
nesta ingente arquitectura do tempo, esperando
que o dia me aceite sem grandes convulsões do sofrimento
nem muitos pensamentos que me possam ferir.
Sofrimento e dor serão a mesma coisa? Este pendor
interrogativo, de uma ignorância inulta, aborrece-me agora
que atingi, ou deveria ter atingido, a idade da sabedoria.
Uma afirmação é uma bênção, quer se queira quer
não. Não sei por que tive de passar este não para este verso,
ou simulacro de verso. Às vezes... A memória
do presente não me permite a assunção destes *às vezes*
que pululam desavergonhadamente nestes textos
alheios à problemática da tessitura. Tudo isto para agora
vir dizer que estive em Vila do Conde, terra natal,
lugar das rendas e dos rendilhados que fizeram já parte
da minha infância. Não vou dizer porquê ou como.
Não sei se repararam, mas muito do meu suspeito estilo
deve ao rendilhado, talvez seja um tique que me ficou
desses anos em que a família, as avós, negociavam
nesse ramo e nessas folhas de um empreendimento caseiro.
Vila do Conde são os meus irmãos. A família
original. Tudo o mais é agora cidade, espraiada
até às praias ventosas onde deixei, nas suas areias lívidas,
algumas pegadas anónimas e pungentes. Alonguei-me
tanto nesta pígia arquitectura que agora não sou capaz
de me desembaraçar dos seus imaginados
labirintos. Às vezes (lá estou eu!) meto-me nestas sombras
despidas de corpos ou volumes que as justifiquem,
mas não há nada de pejorativo ou de negativo
no emprego de tais vocábulos. Quando o sol do verão
está a pino é um prazer gozar tais sombras. Apocalípticas.
Reptiliano, o sentimento não aceita esta percepção.

23/5/2023

AO LONGO DA VIDA

E, no entanto, o mundo multifário alonga-se histórico como a história da carochinha, nele estou inserido, vituperado como uma experiência do humano, passagem sem outro lado, decorrer sem se ser rio, nem o sorriso que se esboça nos lábios laboriosos, independentes das comissuras. Não sou independente, nunca fui livre. As sociedades em que vivi, impregnadas de leis e interdições e preconceitos nunca me deixaram prorromper na propensão inocente para um eu ou para um mim. Fiquei sempre aquém deste “para” estático, sujeito a êxtases e a ínstases muitas vezes incompreendidos e incomprensíveis. Mitridático, procurei, através do efeito camaleão, passar despercebido, era um mimetismo pragmático, pois o medo de ser surpreendido na manifestação de um feitio, de um temperamento, de uma tendência, foi mais forte que a extravagância que habitava os meus sigilos. Vulníficos e vulgívagos os hábitos da multidão capitalista ou capitalizada cerravam fileiras para um comodismo incontroverso, vertido em assunções de verdades que nem sequer eram verosímeis. Compreendo, o pão, ou a necessidade da sua deglutição, justificava esse procedimento. Gramei gramáticas mundanas em acessos acesos de obrigações e de deveres, nada a fazer. A impotência foi alma, se ainda aceitam a sua presença na ilusão que nos alicerça. Somos homens e mulheres teimando sobreviver na carapaça do servilismo, quem pode criticar tal comportamento? Todos sofrem alguma dor. Vir à terra não é iniciativa própria. Engendrados, engendramos casulos, razões, hipóteses, opiniões. O açoite pós-parto continua vivaz ao longo da vida.

23/5/2023

A CONDIÇÃO HUMANA

Ele ou ela, exemplificação de nós todos, homens e mulheres, avança e dança, avança e dança, avança e dança, num respirar do corpo que não aspira a mais do que estar vivo. Respira, respira, dia após dia, até que irrompe em frente essa letífera pira que o faz parar. Absorvendo ainda o ar. Mas já sem poder dançar. E a pira, talvez por não ser metafórica na sua alegoria excruciante, concutida pelo ar desfigura essa frente que o chama, “vem, vem, percorre os passos do aqui e do além, sê humano do princípio ao fim, finaliza a aventura permitida pelo tempo, pelas vicissitudes, pelo acaso”. Seu ardente respirar desmembra-se então num *res*, numa pira, num ar. Pirar-se já não pode, é corpo ferido pelo vulnífico enleio da sorte, sai do seu corpo um sangue imaginário, esvai-se seguro como nunca foi o destino ou a fatalidade. O ar começa a faltar-lhe, exíguo sem comparação, com um “sem” aturdido, falível, espantado. O ar não areja a complacência de estar, menos ainda de ser. Até que o ar deixa de ser aspirado. O que resta então? O *res*, a coisa. Do vivo permanece inerte uma coisa, uma matéria ainda com a forma do corpo que foi. A matéria não o faz menino da sua mãe. Do seu pai. Os pais deixaram de ser país habitável. *Res*, coisa, jaz rente à terra, cadáver. Cada ver exige um olhar. Possivelmente algumas lágrimas. Sem futuro, hirto, hiante e hiulco, jaz. Será brevemente cinzas, ou mesmo nada? Ou irá, sepulto num impossível ele mesmo, pela proposta fácil e costumeira e tradicional dos outros, ex-amigos ou ex-família, habitar um casulo de simples tábuas?

24/5/2023

ESCOLHOS E NAUFRÁGIOS

Sinuosa manhã tão real que até faz doer os olhos.
Pela janela realista pode-se observar os pinheiros
mansos numa estase que nenhum vento ousa
perturbar. Não se pode concluir que esta lousa,
superfície antiquíssima, sugira ou retenha ordeiros
mecanismos da beleza. O verde evita tais escolhos.

Escolhos e naufrágios abundam nestas exequíveis
plagas. Sem se saber porquê. Os dias aterrorizam
a mansidão de uma vontade de alegria, de paz.
Onde se poderá encontrar um discurso loquaz?
Certas contradições e certos falhanços profetizam
sensibilidades e pensamentos altamente legíveis.

Mas pode-se profetizar? Não será um engodo letal
sentir-se um alcance antes da chegada imprevisível,
pensar-se que se pensa quando se alardeia opiniões
que não ultrapassam o desejo de existir? Aluviões
de metáforas trarão algum contentamento? Risível,
o anseio de um futuro habitável poderá ser irreal.

Volto à manhã sem nenhuma manha, irrazoável
declino qualquer responsabilidade desta escrita.
O mundo deixou de ser mundo, elo premonitório
a assunção de que a verdade perdeu o revulsório
vezo da história, jaz petrificada na louca desdita
da memória do que nunca foi, um surto inviável.

Daí que a formalidade do porisma advenha lenha
para o fogo ablutor, haverá uma perda, não digo
que não, e depois? A rima resume o quê? Traz
a quem lê que olvido, que descoberta, que mundo?

NADA VALE O QUE VALE

Interrompido pela ansiedade avulsa que contradiz uma real aflição, descubro que nada vale o que vale, tudo se resume a uma aliteração, a uma tautologia, taumatúrgico riso de um incomensurável abandono.

Não vogó aqui sentado perpetrando o crime do zelo em escritas cunctatórias, o silêncio não é divino, muito menos poético ou mesmo porético. A alegria abençoa-me sabendo que não necessito da bênção.

Escrevo. Já nem sequer o redor ou essa frente falaz que se imiscuía na fábula da vazia transcendência, escrevo o que ascende ou descende à consciência, ciente de que é aleatória a junção das ávidas palavras.

Dizer o que quer que seja que o diga a história coeva, mesmo se incapaz de qualquer contemporaneidade. A pobreza não é um mito nem uma falsidade, o lugar é sempre um país independente da ausência dos pais.

O presente é da memória, esse memorial mortíco cavalgando a inépcia do feito como do efeito, facto que não nos deve deixar estupefactos. Escrever que simplesmente escrevo afasta a ilusão da fala.

Não vou introduzir a impertinência do falo. Muito menos do tesão. Há e sempre houve uma tensão, esse entre da coexistência, essa afabilidade inteira na intenção brejeira de se alcançar um pérvio alcance.

Não são obrigados a saber do que falo aqueles poucos que alguma vez me lerão. Nem todos serão loucos.

MUDAR E AGIR É DIFÍCIL

E prossigo, pressuroso de uma adveniente extensão, estendido na perdição dos vocábulos fáceis, feliz por não compreender a controvérsia do ocasional “versus” que teoricamente impede o pragmatismo. Sei o arroubo e a esterilidade da prisão sociável.

Prossigo neste estafado processo da senescênciaincorrumpível, ouço os que dizem as barbaridades compreensíveis, devolutas sirense da mistificação possivelmente inconsciente. Os malandros ignoram que o são, ou são pérfidos deslizes do ignoto mal.

O mal, esse canhestro e cadavérico mutismo, fatal explicação para a pravidade, para a corrupção. Quem ousaria atirar uma pedra bíblica sobre a prevaricação? Todos pretendem a sobrevivência. A todo o custo. Salve-se quem puder, é o grito desprovido de alarme.

Ouço e vejo em conversas e em debates televisivos o perfuntório relato das acusações inúteis, a gente que perfaz a multidão em gerações adventícias colhe o que semeou. Não saber o que fazer. Quem é quem na rotina da mediocridade prazenteira e empobrecida?

Sorrio do dislate e da inteligência. Anos demófilos e democráticos sustentam o privilégio da pobreza, quantos milhões sofrem a fome? Dão números corroborados pelas estatísticas, como compreender a incapacidade? Só o capital poderia responder.

Valeria de alguma coisa? A impotência aceita leis e regras e constituições. Mudar e agir é difícil.

O METÁPORO DA ELUCUBRAÇÃO SILENTE

Farto de particípios passados travestidos em adjetivos
recomeço o que nunca deixei em pousio, o branco
não é um abraço de amizade, o branco branqueia a rota
da discórdia e da corrupção, dizem, pelo menos,
os especialistas em criminalidade financeira. O crime
deixou de ser do pobre ao rico, agora é o rico que esconde
do mundo e da sociedade o seu roubo quase metafísico,
porque para lá da física das coisas. Estúpido uso,
a língua que nunca coincidiu com todos os dias. Os dias
arfam em liberdades um pouco desacertadas, assertivos
os computadores computam não só números como enredos
de segredos que mal conseguem segregar uma acção
imbele. Não falo mais da desmedida da beleza. Ouço,
compulsivo, as vozes da fealdade e contento-me, infeliz
ou feliz, com o que tenho. Não acredito na fénix,
muito menos renascida. Das cinzas surgem apenas visões
escatológicas arrependidas de introduzirem um fim
sem consequências outras que as de serem finalmente
finais. Visões, audições, o planeta planeia a expulsão
da humanidade dos seus domínios, fazem-se encontros
de cientistas, como resolver o problema da aporia?
Quem sorri não se determina pelo riso. Indeterminado
o pensamento pensa que pensa, assim desgovernado
por a lógica ter desvirtuado ao longo dos séculos o *logos*
de que falam os mendigos do intelecto argumentativo.
Mas onde desvendar um grego mais ou menos clássico?
As classificações são especiosas preciosidades do cálculo,
as pedras reconfortam-se por sobreviverem nos rins
dos homens e das mulheres atreitos a violências corporais.
Participo na vesânia que procura, a todo o transe, ser
identificada com a loucura? Talvez. Quem sou eu
para dizer que não? Sim, é cada vez mais fácil iludir
a consciência insciente que nos elabora, dizer disparates
não é para toda a gente, só os corajosos prefiguram
o que se posfigura num enleio de apetência de futuro.

Ir mais longe não é uma palavra de ordem. Ficar rente ao perto é um aperto da garganta. Respirar, respirar, concitam os professores da ginástica genital, quem sobra desse delírio civilizacional, quem escapa ao desterro da hora? Ninguém augura um passado razoável. Todos se refugiam na ideia de que tudo pode ser resumido ao todo, que fazer dos sem-abrigo? Obrigado a meditar sobre o sofrimento global mergulho em mercados onde as falsas mercadorias se conjugam sem verbos, haverá uma outra língua para lá das línguas que o mundo madeifica em extorsões e explorações oblíquas, obtusas? A ignorância não pode ser um traço teórico ou estético. Mas ignoro o que não honro numa sagração passadista, passo pelo tempo em injunções apocalípticas, ambiciono fugir à ambiguidade, mas é tão difícil fazer sentido quando os sentidos do corpo desmentem uma substância na ansiedade desfeita em apelos do medo e da angústia existencial. A matéria nunca engendrou uma mãe. A pátria nunca justificou um pai. Perdidos em acessos de assédios pretendemos não fingir, fingimos esmeros que subjugam o sujeito como o objecto, seremos rituais de forças que nos desmantelam em desmembramentos da sensibilidade? O sensível deseja ser perceptível, mas a percepção ainda conta com o desembaraço ágil de uma sensação? Sentir é ainda viável? Pensar joga com o jogo do “versus”? Ultrapassar nunca necessitou de uma estrada e de móveis mobilidades, a referência desconhece a redundância, e o que redunda da tautologia é só um passo na viagem da evolução? Incerto, musico fora da alegoria dos museus, danço no espaço aberto da deiscência indecente, os protocolos esquecidos já dos colos, não só das mães como das ideologias, orgias de convicções alicerçando opiniões sem um claro efeito. Feita de defeitos a estética da imperfeição concorda e comprehende uma estética da vida de todos os dias, mas que fazer da estupidez quando se arvora ao direito democrático da estética? Será possível fazer do problema uma manifestação da concorrência académica? A praxis

deixou de ser pragmática, padece agora de todos os males, mortifica os homens e as mulheres que transbordam das réstias das crianças que foram ou não foram, ser-se é um reflexo do atrevimento histórico, a memória acerba ainda rima com a escória, as nódoas em panos tutelares almejam ser páginas de livros iluminados pelo génio. Que fazer? já não é uma pergunta, muito menos a questão. Onde estamos? Quem somos? Para onde vamos? Inútil o enleio, a prossecução de uma absolvição. Estamos no planeta. Somos uns malandros, uns mais do que outros. Vamos para onde não há regresso. A meditação abandona, medusada, estes escaninhos de nenhuma configuração, o sol sacoleja, o céu entenebrece de um azul quase mefítico, a cidade petrifica-se em alumínios e vidraças, o campo arqueja no prelúdio das secas convencionais. Uma casa nunca foi um apartamento. A habitação não se habitua à escassez de utensílios, onde fica a cozinha, está virada para o sul, para o norte, para o oeste, para o leste? Ninguém sabe. As coordenadas foram inundadas de química e de física, a matemática mantém-se na sua ilusão de ser objectiva, que se pode fazer na abstinência de uma ilusão abusiva? Passamos, vamos por aqui e por ali, fazemos férias férteis de acontecimentos íntimos e pessoais, aventuras ciosas do seu logro e da sua manha, mas o direito ao lazer não é uma aquisição contemporânea? Contemporânea de quê? Ninguém sabe responder. Ordeiros e mecânicos abrimos as mãos aos conceitos do trabalho, não damos tréguas aos preguiçosos que se bastam do silêncio e da solidão. Aracnídeos, infestamos os fossos e os abismos, as teias da especulação mediática, as redes da divulgação digital, onde os dedos, onde os apêndices, onde a carne visceral coincidindo com o corpo? Nada de nada e tudo é verdade. Não importa a ocasião no seu ocaso terebrante, o sol rodeia a terra num descalabro mítico, a ciência pontifica, expõe os mecanismos da percussão, experimenta a eclosão da matéria na oclusão da alegria, o sofrimento não reconhece a dor e a dor desloca-se quase fecunda na facúndia das imbecilidades extemporâneas. Como sair

do atoleiro? Visão pessimista, dizem os críticos alheios à crise e aos critérios da realidade depascente. Vogamos na primeira pessoa do plural por comiseração e encomiasta condescendência, valerá a pena mudar o mundo? Para quê? As sociedades sucedem-se em energias historiadas, estudos disto e daquilo dão-nos o isto e o aquilo, valerá a pena expandir-se o conceito de amizade numa efábulaçāo burlesca, grotesca? A tragédia é impossível, a sátira virou maledicência e vingança, o drama perdeu os seus burgueses, o cómico caracteriza a insanidade dos povos insolventes. Insustentáveis malícias transformaram-se em perícias, a polícia desdobra-se em polícias, a polis um arremedo da tradição ocidental. Ninguém aceita os acidentes vários do percurso. O que é, o que foi, tem muita força, cai-se sempre na opulência do poder, da potência, do escondido abuso. Nenhum escrevedor consegue dar do real a viril imanência que o desvirtua, planos do ser, hematóides deslizes da decumbente filosofia, a arte estagnando-se em eficazes artistas, os artistas testando técnicas óbvias e obscenas, abstractos tractos da separação, do decurso, se é que os dicionários vigentes ainda possuem a tristeza de uma catalogação propínqua à concomitância. Fugir não seduz um oásis. O deserto cresce a olhos previstos, onde a chuva, o oxigénio, o ar caligante? Respirar, eis a insolvência da solução periclitante, respirar lentamente a humidade ambivalente, esse sopro desrido de espírito, essa brisa aconchegante, esse vento ventriloquo. A hora da janela em frente demora como uma elipse eclíptica, o prolixo olhar ouve o que houve de desejo e de amor. Será possível que o impossível possa calcrarreia ainda o método fácil, deixando o metáporo na berma da estrada, nua como uma comparação despropositada? O segmento não é um fragmento, a história não é uma estória, estar perante uma abertura enrubesce de prazer, ah, esse corpo cinzelado pelo ardor, essa emissão fática e enigmática! Ah!

25/5/2023

OUTRA DIMENSÃO

Celebro afliito uma dimensão do possível, arpejo
no delírio icástico de um instrumento, esta vida
vadia por entre os escolhos do invertebrado pejo,
desmerecer a sorte não significa o acaso da ida.

Vou no que escrevo circuitando a calamidade,
um passo não encontra uma frente transmissível,
uma paragem pode ser uma passagem nesta idade
em que o sofrimento é global e inadmissível.

Se pudesse chorar as lágrimas inquestionáveis
seria talvez feliz. Mas o que se apresenta mundo
modifica o desejo de se atingir as responsáveis
mediações de uma felicidade no zelo vagabundo.

Mundo vagabundo das aleatórias manifestações
do engodo sibilino, gozar uma paz é um crime,
sofrer uma exploração não causa escoriações
naqueles que ousam ser deuses no falso sublime.

A ordem da estabilidade causa vómitos azedos
aos pretendentes da harmonia, quais as melodias
capazes de dar ao infortúnio a ausência dos medos
que alagam de suor e sangue os expostos dias?

Na inclemência dos dias organizados em trabalho
dirigido pelo poder do dinheiro ou da política,
ninguém se atreve a sentir, a inventar um atalho
para poder resistir como um sentimento de crítica.

O homem deseja, do desejo, fruir uma consolação.
A mulher deseja, do desejo, atingir outra dimensão.

PELA SUPERFÍCIE DO REAL

Imperfeito como uma incompletude rastejo
pela superfície do real sem adornos nem efeitos,
as causas perdidas achadas na apoplexia dorida
onde colapso, transformando o impávido ensejo
numa outra coisa, apreendendo o vazio de eleitos
sentidos vindos da voragem da estadia suicida.

Rastejo em tergiversações de inócuas accções.
O tempo de hoje não contesta nem manifesta
uma vontade de mudança, a tarefa impossível
no recheio das sociedades amestradas. Aluviões
de sofrimento culminam na terra que nos resta,
o perigo faz rir os milhões do capital plausível.

O pobre quer ser rico, o rico detesta a pobreza.
Como se pode sobreviver entre contrários, quem
sugere uma companhia remediada, a balança
pesando o pensamento de uma justiça, justeza
em que se poderia ganhar a paz? Nenhum além
espera a riqueza, nem a pobreza é uma herança.

O planeta ainda não é planetário. O sentimento
nacionalista não se desprende do século dezanove,
por que razão se deseja parar o tempo? A estase
contemporiza com o desespero, que pensamento,
se o há, alberga a paragem? A dor que comove
alguns infiltra-se na escrita sem qualquer frase.

Assim vai do que dizem que é o mundo. Carnal,
vejo por onde rastejo o temor, o horror, a falha
sublimando o falhanço voluntário, a intemporal
indiferença que nos destitui em desumana poalha.

UMA DESCRIÇÃO EXTEMPORÂNEA

Um céu coalhado de chumbo branco atapeta a sensibilidade de quem escreve, as árvores pelas suas frondes balançam em devaneios incompreensíveis, uma descrição poderá ser ainda contemporânea? Não é a tristeza a dor de sentir que não se pode sentir a realidade do que acontece, a apologia do pensamento destrói o que se constrói, como não sucumbir à brisa invisível, à apoteose das sensações que fogem das possibilidades gnosiológicas? Extravasado pela vista que o olhar consente exponho as peripécias do momento, lúrido aceno de uma devastação que provoca o eco que não sabe como alastrar. Elos iniciáticos não conseguem introduzir um nó na corrente das sensações apalavradas, a percepção faz de conta que conta com o que existe, a farta janela que dá da frente uma incomensurável inexistência furtando-se à ideia de um furo em direcção ao futuro. Está bem o que não está. O céu nublado não deixa de desocupar o que oculta, a luminosidade do sol, soturna manha para quem desperta na manhã aluvial com a esperança de poder espreguiçar-se. É o corpo que sofre a ausência. Nada mais há do que há, a tautologia da maravilha verbal. Será preciso dizer mais alguma coisa? Cobre o que jaz. O chão concomitante não imagina a beleza de uma existência sem a imanência quase teórica das suas deambulações tantas vezes impérvias, mas quem se importa? Não o sortilégio desprovido de maldição razoável.

26/5/2023

IMAGINAR A REALIDADE

Corpóreo até na meditação insulada insulto obsceno a cenosa manifestação do desapego, que haverá aí que seja incontornável? A praxis porética desenterra terríveis crimes facilitados pelas civilizações passadas, que orgulho diante dessas pedras infelizes tentando subir à ilimitação dos céus estagnados? Sentir não é o mesmo que fingir um sentido para o sentido carnal, não há vísceras à vista, a pele com seus poros frágeis esconde as vicissitudes do organismo, o metabolismo deixa-se ultrapassar pela energia, a energia consente apenas teorias resolvidas a inventar máquinas neutras inventadas para armar o mundo de mortes dispersas. As guerras sopram de horizontes longínquos, chamas de cidades despovoadas, cogumelos fictícios subindo pela inocência de um céu perdido de contemplações. Velhos pergaminhos humanos escondem-se no negro de escuridões amnésicas, jovens disparam difusos disparates sobre o inimigo, eliminar, eis a fórmula, o fundo da questão, quando procuramos sobreviver a invasores da vesânia. Governos acendem lumes de fogueiras quase alegóricas, que escrita verdadeira falha na contrainformação, que obscenidade impera nos impérios do falhanço sanguinário? Longínquos e tonitruantes apagam-se pela distância os clangores dos gemidos e dos gritos feridos, que mãos mágidas e epulóticas alcançarão um alívio ou fecharão o olhar de quem falece no desconhecimento da morte? Muda de um silêncio contemporâneo do míssil a reescrita do que voga e passa e repassa não adere ao solidário sofrimento dos que sofrem, a inutilidade repercute esta página de um livro sem presente e sem futuro, o livro nunca terá leitores para imaginar a realidade.

26/5/2023

SIBILINO

O prazer que sinto ao escrever ou ao dizer “sibilino”
deixa-me confuso, como se estivesse a cometer
um crime insubstituível, ou a auferir de uma alegria
que não se assume como um efeito da Grécia
antiga e insofismável. Nunca fui grego ou romano,
e, no entanto, são tantos os sinais dessas presenças
nos porismas que alijo com um destemor paradoxal.
Não desejo ser um clássico. Do contemporâneo
existo apenas como um homem, mesmo se adjetivo
quando menos comprehendo a enteléquia. Lembro,
há muito tempo escrevi, “enteléquia, enteléquia”,
desconhecendo o seu significado. Fui estúpido? Talvez.
Talvez muito do que se escreve nos escreva elos
de estranhas correntes, imanentes de uma energia
que depaupera o desejo de outra coisa. Não sinto, a bem
ou a mal dizer, nenhum problema numa estética
que se reclama de o ser, afinal temos que viver apostos
às tradições mais improfícuas que resistem ao tempo.
A história é pessoal. Está sempre presente na tersa
memória do presente, cada passo passa por ser a etapa
de uma longa viagem por onde não há caminho.
Caminho na insolvência da experiência, ou só me fio
nas sonoridades adictícias das palavras insontes?
Fios que me aparecem neste lodo sanguíneo, laços
hematóides tentando-me no duplo sentido, se é
que há algum sentido quando se sente. Sinto tantas
vezes que não sei nem posso pensar, as ideias
que por vezes invadem a consciência só me trazem
distracções, mas distracções de quê? Às vezes
respondo sem me perguntar. A intuição obedece
a mistérios e a sortilégios e a enfeitiçados enredos
do impróprio, do inacontecimento, do alcance vivido
como uma extensão impossível. A substância
acumula a sua ânsia na estrutura da angústia angusta,
onde estou, onde estive, estarei alguma vez? Sim,

vivo. O delírio não é uma loucura comprovada. O som do silêncio é uma palermice, um esdrúxulo engano. A ilusão não impõe porque não há impérios viáveis nos nossos dias, só impérvios deslizes de reformulações que não levam a nada. Não, não sou um filósofo, não, não sou um poeta, não, não sou um escritor. Sou o que escrevo com a desfaçatez do ignorante, as águas não determinam nenhum rio, o rio não é o tempo que passa ou dizem passar, as figuras abandonaram o estilo e nada mais são que carcaças carcomidas pelo bolor. Estarei a ser trágico? Não acredito em tragédias humanas ou terrestres, há a dor, há o sofrimento, mas também há a alegria de um prazer consumado na carne. Vive-se de peripécias que negam as peças de um puzzle estrangeiro, ontem foi, hoje é, amanhã será para os que sobreviverem ao dia. Aturdido pelo sol que já foi acmástico, sublinho a ausência da violência neste texto incomparativo, sei que esta palavra não existe nos dicionários vigentes, de quem a culpa? Afinal o que é a liberdade? Quando a sociedade nos encurrala em ilusões de estabilidade, de normal funcionamento das instituições, que mais se pode fazer? Seria incapaz de pegar numa arma. Lanço apenas alarmes insubmissos e inúteis, quem terá a pachorra de vir a este livro e de começar a lê-lo como vivência defraudada? As promessas que nos fizeram, onde está a democracia dos sentidos sociais e socializados? Que bom, poder chafurdar nesta ignomínia, odeio, para que o verso fique mais pequeno, a abjecção tola que detesto, séculos de improvisações idealistas materializaram-se em negações de tudo e de nada, por favor, abram os olhos, e façam tudo para serem felizes. Caí na ideologia dos conselhos. Desculpem! Tanta coisa para ser dita e quando dita não ultrapassa a sua condição de coisa. Começo a ficar cansado.

28/5/2023

O MUNDO É ESTE NADA

Insulto, comovido pelo despropósito, esta solidão
tão lacunar que se alberga no sigilo do meu olhar,
será que ainda vivo? Estultificado por um perdão,
súbito, passo a outro significante, será isto perdoar?

Duvido. Deplorado pelo estigma colho neste chão
uma despedida da vida, terei ainda que caminhar
por modelos e motivos desconhecidos, sem razão,
ou instigado por um fogo que não me pode amar?

Onde estou? Sou quem sou? O mundo é este nada.
Será possível tal afirmação? Ignoro o prazer de ter
no desejo um alcance comunal, a forma inopinada.

Saber será a faculdade epulótica, breve, de conceder
ao sabor das horas um irrazoável sentido da escada
que nunca poderei subir, falho de sorte e de poder.

Vigio numa vigília amodorrada o sólido movimento
de um espasmo, não sinto o estímulo humano da dor,
apenas me alheio da desgraça quando o sofrimento
me estiola em porções ávidas de um declínio ablutor.

Não desisto da sáfara aposta. Aposto no pensamento
investigo a ciência do catastrófico e limitado torpor,
a consciência desvairada, a desmedida do momento.
Não desejo ser a vítima vituperada do exilado ardor.

Escabujo um quê e um quem muito aquém do limite,
basta-me sentir que sinto, que meu corpo insolúvel
não se desagrega completamente, deplorável convite
da falta de memória, da falta que se concebe volúvel.

28/5/2023

IGNORÂNCIA IMARCESCÍVEL

Não é tarde nem é cedo. Concedo a quem me lê tudo o que advém desta ignorância imarcescível, a sorte não tem que ser sempre um acaso, nem o acaso mudo. Sacudido pela plenitude de um abraço do sigilo forte finjo que sou feliz, que fustigo a irrisão do conteúdo, na forma formalizando um fluido que me transporte.

Voo em ondas aracnídeas áreas da tosca sensibilidade, aqui uma pobreza entristecida, ali uma riqueza feroz, em toda a parte a ilusão de que há mais mundos, idade percorrida de séculos devolutos apostando na atroz mentalidade do sofrimento. Choros sem capacidade de resistência não bispam para a paixão uma real foz.

O quotidiano é um mísero mistério, entenebrecido zelo de quem trabalha o seu pão diário. O ócio recai na tarde de futebol, gladiadores desprovidos de armas, desvelo de outras eras menos civilizadas, enquanto sem alarde o esquecimento de um destino desvirtua, com um apelo, a raiva subjugada na sujeição que fulmina quanto arde.

E eu? No meio da engrenagem devasso, de mimetismo em mimetismo, máscaras criminosas, fecho-me em casa ouvindo a música contemporânea. Meu acerbo mutismo não significa nada. O nada não consubstancia uma asa, o voo é uma mentira, a solidão um engano. Um abismo não culmina na metáfora. O que é, afogístico, abrasa.

Nós nada mais somos do que nós. Vivemos o intragável tempo de uma geração destituída, pensamos humanos que vamos ganhar uma estadia. Perdemos-nos na amável incongruência de continuar os esquemas dos enganos.

28/5/2923

PEÇO DESCULPA

Dá gosto ver que o dia não despertou segundo as confirmações meteorológicas. É certo que o sol sinceramente mortiço não extroverte o prazer de se viver, mas até as nuvens parecem comportar-se com uma certa decência.

Farei uma máquina de roupa? Ainda não sei. A hesitação é o meu forte. Não um castelo onde me possa abrigar, afinal onde estão os inimigos? Sei, há ideologias políticas que não se comportam como o sol, há ideias que insistem em ideários, a democracia não agasalha todo o tipo de idiotia? Falam de uma democracia saudável como se houvesse democracias enfermas, não é apanágio da democracia ser sempre sã? Ignoro tanta confusão de preceitos e de ideias e de opiniões, mas não vivi sempre na confusão? Nada de novo a ocidente. O oriente poderia ser a página em branco para nos orientar, infelizmente não é. Dizem-me, e com razão, há oriente e oriente. Respondo, há ocidente e ocidente.

Acidentes de percurso também há, e houve. Ouço professos professores de história dizer que Alexandre, o *grande*, foi um homem com uma *grande* visão. Invadiu outros povos para construir um império. Seu mestre foi Aristóteles, um *grande* filósofo. Confesso que cansei de tantos *grandes* homens e de suas façanhas, quer guerreiras quer filosóficas, afinal a vida não é de todos? Será? Duvido.

A multidão multifária ainda precisa de heróis, somos todos gregos clássicos classificando as nossas insignificâncias com ilusões afectivas, cegos aceitamo-nos *pequenos* na intrusão da inclemência e da crueldade do real.

Não há nada de profético neste arrazoado discutível, tudo aqui é contemporâneo, embora, às vezes, não se saiba de quê. Este quê faz-me ferver de raiva e de espanto, deixo a ... (Alguém me telefona, peço desculpa. Tenho de ir.)

29/5/2023

QUE CHATICE!

Defendendo-me do som de um disco de Ryuichi Sakamoto, recentemente falecido, cujo título, Beckett, me atraiu, descubro que esta banda sonora não tem nada que ver com o Samuel, esse impregnável génio da impotência. Não fico triste. Sinto-me apenas ludibriado.

Até porque já vi esse filme esquipáptico, e não dei por nada. Filmes de acção não são a minha especialidade. Mas não ter dado por nada, agora que penso, deixa-me triste. As coisas, os acontecimentos, passam por mim e não me alijam um rastro, uma memória, mesmo se mesquinha e inadvertida. Ouço esta música em estado de sem estado, independente de mim e da própria música, sofrendo apenas sons inaugurais por me serem desconhecidos. Serei, também eu, já agora, um desconhecido? Não digo dos outros, que o sou, mas de mim? A sonoridade não me permite uma resposta. Irresponsável pelo que sucede à volta limito-me a estar à volta com problemas destituídos de interesse, até a música que nunca visitou um museu, é uma suposição, desconfia da sua própria musa, ou da do Sakamoto.

E penso, Beckett nunca deveria ser o título de um filme que não fosse sobre o Samuel. Uma falta de respeito, balbucio entre a ironia e a decepção. Súbito, lembro-me, levanto-me num inócuo supetão e vasculho pressuroso na prateleira indispensável um disco antigo, consumido há muito. Aqui está. Tenho-o na mão. “For Samuel Beckett”, de Morton Feldman. Quarenta e sete minutos, mais uns quarenta e quatro segundos. A memória é travessa. Lembro-me, a propósito deste adjetivo, de uma canção de Brel, o Jacques, «Les Marquises», onde cantava : «La pluie est traversière». E começo, subitamente, anódino, a chorar. Que chatice!

UMA DEISCÊNCIA AFECTIVA

Com uma dor ligeira da cabeça instiguei-me a vir escrever. A manhã tão celular que é talvez um prazer que só senta a dor de cabeça, o resto do corpo indiferente a um sofrimento mais drástico. Icástico o volume da sensação desmaterializa-se na acção onde a praxis, escrever o que é e se passa, devolve o que me envolve de desconhecimento e de maravilha. Estar vivo será motivo para me congratular?

Olho para a página que de branca nada possui de níveo. O porisma não sabe o que fazer, alicerçou-se na dor de cabeça, que cabeça poderá traduzir a mente que tantas vezes me mente impressões e apanágios? Ouço vozes femininas que passam na rua adjacente à janela real, a mistificação fez dela uma porta para outros domínios da extravagância, pensando eu que calcorreava um mistério, um *thauma* que de grego nada mais tinha que o desejo de que o fosse. Fosso de interrogações incoativas não me abeiro de nenhum abismo, que abismo não há. Há, ou houve, essas vozes femininas desaparecidas no fluido do tempo que não coincide com a ligeira dor de cabeça. Não estou perdido nem achado. Espoleto apenas a necessidade que me trouxe aqui, sem calcular as pedras que teria de pisar. Esta voz talvez masculina não arvora uma razão intuitiva, alardeia apenas o som do teclado interciso no silêncio. O universo, se existe, não se alterou com esta dor de cabeça até certo sentido tentacular, a dobra não inaugura nenhum mistério, o corpo incapacita um voo que me estendesse numa extensão cognitiva. Não faz mal. O mal é da cabeça alheia à disposição para uma deiscência afectiva, não formal.

A DOR DE NÃO VIVEREM

Subsumo sem interdição ou pesadelo a vigília onde me encontro, não há sol, logo, não há eu que resista a esta deterioração da intraduzível personalidade. Obsoleto descubro no obsceno deslize de uma experiência imóvel o descuido da fragilidade e da fraqueza, não me apouento por eu ser eu e não o outro das mitologias filosóficas do século passado. Deu o que deu dar do mundo as especulações mais intransigentes da inteligência e da fantasia, mudou o mundo com essas escritas espalhadas nas consciências das academias e das escolas? As palavras são o que são. Tautológicas ou decisivas esbarram contra o muro do real. O mundo, as populações do mundo, nada ganharam com essas inglórias manifestações. Faltou-lhes as mãos, as festas, as acções. Não digo que a porética seja a vasta solução para os problemas do planeta, é apenas a história de uma memória do presente vivida na contemporaneidade do acontecimento. Voz sem uma plausível foz avança na contingência ignorando se toca alguma fímbria da espessura do futuro. Sempre hesitante, pé ante pé, passo indeciso, abrindo uma exposição à respiração do que pretende sobreviver ao castigo icónico da história do poder e da violência. Subsumo assim um movimento pragmático, exsudando esta intuição: a libertação terá que ser colectiva. A aporia não é uma praga do discurso. Cursiva nos seus próprios termos, é a sociedade: isto é, milhões de mulheres e de homens e de crianças sofrendo a vívida morte, a dor de não viverem.

ESSA BRISA DOS SENTIDOS

A passagem não é uma aragem abissal demonstrando um poder ignobil, parasita. Antes é essa brisa dos sentidos sensual, manifestação de uma inamissível visita quando a consciência advém consensual.

Furta-se ao degelo e ao medo, introduz no que deduz uma aferição do momento tendo como provimento o desejo da luz. Nem sempre consegue evitar o advento do sofrimento, nem a dor que o conduz.

A passagem não é tempo. Essa imagem percorreu os séculos indevidos, figurou o espasmo das delações, foi uma margem para o declínio do pensamento. Arvorou uma ilusão quando se pretendeu alagem.

O que é tem uma presença. O invisível não é o mistério. É uma canção de sereia procurando levar os seres ao irredutível silêncio do sagrado. Mas a morte é a teia que espera os desgraçados: o indizível.

Possa, pois, a voz da simplicidade conter a complexidade perplexa do existente, possa a experiência dos dias desenvolver o prestígio da alegria, o sorriso latente de quem nada mais deseja para poder ser.

O prazer do desejo é amável. Estimável, a mão que acaricia, acaricia o desejável.

THE LITTLE THINGS

The Little Things, o que estou a ouvir, agora mesmo, de um tal Thomas Newman, esse desconhecido talvez até demasiado conhecido pelos melómanos da contemporaneidade. É música. É, na tarde pegajosa onde me encontro, um bálsamo epulótico, uma mão contendo a fragrância de uma flor indiscutível, uma contensão mitridática opondo-se à contenção nostálgica. Que estou a escrever? Passo, passo a passo, palavra a palavra, pela ilusão de uma escrita terapêutica, mas isso importa? Portas abertas e fechadas, já não falo das janelas, esses imperativos cunctatórios, tão distantes já das filosofias fleumáticas. Foi tempo para o tempo. Do espaço só posso admitir como evidente a luz que elucida este quarto onde escrevo nonadas feéricas, às vezes furibundas, outras vezes demográficas. Não sei qual é a emoção que me devora, reconheço certos tiques, nefastos trejeitos, o corpo arfa de sossego, a tempestade é uma alegoria estrangeira, quando sinto a dor não adormeço num regaço onde pluviais regatos transbordam de imaginação. Olho o que ouço e não vejo nada. São sonoridades, são sons catalépticos, vagabundos festejos da aflição infligida pelo gozo próprio de estar. Vivo. A tarde entrelaça-se com a música, as paredes ardem numa desmedida que não se confunde nem funde com a desmesura, serei realmente humano? Adverso impingi-me aquele *realmente* como uma intrusão abrasiva na nomenclatura da paixão, será essa a emoção, ou antes uma eumoção desgovernada pela lucidez? Quem sabe? Demoro neste movimento edaz e sintáctico, sooo quase a uma vibração do que sou, palingenesia.

30/5/2023

NA INCONGRUÊNCIA DO REAL

Tauxiado na incongruência do real
deslizo como uma brisa bafejante,
suspenso na imensidão de uma vogal
vogando nos interstícios da amante
forma que não desiste, quase animal,
do seu conteúdo útil e extravagante.
Pudesse a escrita abrigar-se zelosa
dos seus inimigos, estimável prosa.

Mas o real rasteja numa infestação
de perigos e de peripécias. Soletrar
um cântico relativiza a divulgação
da morte como da sorte, desesperar
não leva a nada, nem o ser da acção
comporta uma divergência do estar.
Repúdio é o que espera o sibilino
oráculo da profecia, falível destino.

Gritos insulsos e exiciais gemidos
ecoam em simulacros da imanência,
a humanidade perdura nos perdidos
elos da guerra, da luta, da violência.
O futuro não advém pelos esvaídos
subúrbios da esperança, é a ausência
do que passou, esse alado refrigério
de uma presença viva, sem mistério.

Que faço eu no meio deste caótico
incurso na demência? Quem conduz
as populações da terra? Há, exótico,
algum motivo para que o negro pus
se transforme num desejo eubiótico?

30/5/2023

DO DESCALABRO

Chateado com problemas oriundos do computador
não estou em condições de escrever o quer que seja.
Que faço aqui quando todo eu sou desassossego
(estúpido) e ansiedade descontrolada (estúpida)?
Não tenho já idade para ser comedido nas emoções,
nas reacções, nos percalços quotidianos? A sabedoria
da velhice é um mito universal. O mito, segundo
grandes cabeças geniais, não é o nada que é tudo,
poderia talvez ser o tudo que é nada, versão minha,
talvez falha de genialidade. Não, o mito é a narração.
Narro o que descrevo como descrevo o que narro.
A meditação não me atrai por sugerir um ditado
a mim mesmo, nunca fui uma musa, menos ainda
uma camena. “Sem camena não sei como poetizar
a vida”, plagio-me sem qualquer pudor. O verso
nunca é primeiro ou secundário, teria irrompido
no Diana Bar da antiquíssima vila passada a cidade,
Póvoa de Varzim o seu nome. Sem que eu pudesse
suspeitar do que o verso retém. Esse *versus* latino
alijando um “contra” descritivo. A displicência
aceita que a “memória do presente” se transforme
na memória do passado. Uma tragédia existencial,
nem por isso literária ou mesmo filosófica. A velhice
não é do padre eterno. É do homem que ainda sou.
Ignoro a que propósito surgiu todo este excêntrico
arrazoado. Ah, foi do desconchavado computador
que me pôs num estado de lástima, estupidamente.
Levantei-me manhã cedo e fui à loja do especialista
que trata dele. Em vão. A loja só abriria a sua porta
às dez. Regressei acabrunhado. Meu desassossego
nada tem de metafísico, é mais o estado humoral
de uma idiossincrasia que não se comprehende. Vou
ter que ir num outro dia ao local que nem sequer é
do crime, no horário estabelecido por uma razoável
ou irrazoável determinação do seu dono. A liberdade

de uns pode ser uma chatice para os outros. Não é a moral da história. É história, mas sem moralidade. Nunca devia ter encetado este porisma. Fi-lo aflito como uma infância sem fala, tentando consumir o tempo com um alívio verbal. O alívio chegou, o coração serenado, a comissura dos lábios pronta a receber um sorriso de comiseração. Mas. Há quase sempre uma adversativa no imo despovoado, haverá um jeito de remediar o mal que está feito? Ignoro. Embora conceda que a estética da imperfeição, assim como a da estupidez, ou mesmo a do problema, têm que sustentar uma respiração porética, um extravio da versatilidade escritural. Caso contrário elaboraria um logro, uma indelével mistificação. Sim, estou mais calmo. O que passou parece ter passado, o passo agora só pode ser em frente, uma dança acrobática indiferente à ausência da música que costuma lidar com a imprevisibilidade dos saltos e dos gestos, vida de um derrame tão físico que até nos convence, assim tão independente, que o futuro poderá ser possível. Encalho. Encalhei. Cansei-me, não de estar paulatino a escrever, mas da incursão de há pouco. Há muito de artifício no pouco engenho da forma inexplicável em que se forma um conteúdo epulótico, mitridático. A fatalidade não é, porém, um destino. De que falo? Ainda falo, ou só escrevo? Ninguém na materialidade sorrateira deste momento, as imediações desmedidas medem-se pelas parcias infusões da sensibilidade, é talvez uma estultice perder o tempo sem se encontrar um rumo ou uma destinação. A morte não nos espera, para quê desesperarmos perante a sua eclosão? É, pois, o que me digo. Não sem sentir a coincidência entre a eclosão e a oclusão. Não há trocadilhos obedientes. Há esta apetêncio de continuar a avançar entre a dor e o prazer, no acerto do descalabro mais fecundante.

DE TENTATIVA EM TENTATIVA

Transpirado, um pouco obumbrado com o cansaço, onze horas da manhã e já duas de rega, árvores frágeis e rosas atónitas encalhando numa debilidade insultuosa, proponho-me, lesto de um assomo assaz intempestivo, escrever o que sucede sem grande sucesso na acção de lutar contra a seca omnipotente. Mas o suxo cansaço, não sendo um confrangedor aço de um instrumento de tortura, permanece no corpo e desagua nos dedos que tocam, sem contingência, nas teclas esmorecidas. Terei coragem de continuar esta escrita intumescente? Vou tentar. De tentativa em tentativa, tentado pela dor ou do corpo ou da mente, ou mesmo pela curiosidade de saber o que o dia tem para me dizer, vou elaborando livros da vida quotidiana, essa história que me é mais verdadeira do que aquela que aparece nos anais risíveis dos investigadores encartados. Silva Carvalho é pois uma personagem histórica irrelevante que a História do poder, seja ele qual for, desconhece. Até concordo e concedo. Só que a irrelevância é como uma dança muito próxima da estupidez da iconoclasta imperfeição, cheia de problemas e de enigmas. Uma história pessoal e transpirada no seu corpo convulso nunca poderia fazer parte da História instituída. Não há nem nunca houve instituições nos meus livros. Há, tem havido, a facunda experiência de uma experiência que não é redundante, mas um problema a resolver. Mas quem, de entre vós, que não possuís uma voz, ousará sequer aproximar-se deste enredo de factos e feitos, sem começo nem fim, passando pelo rendilhado de passos avulsos? Quem, com coragem, esse pressuposto porético, ousaria ser um sentimento de urgência, um albergue da amizade? A porética talvez não seja de ninguém uma passagem.

O MEIO-DIA

Quase meio-dia e não percepciono nenhum meio.
O sol, segundo a ciência, já não é o que é: uma bola
de fogo. Lá se vai a metáfora por água abaixo.
Não vou por água abaixo porque ela não existe.
Aterro apenas na terra flamejante de ervas danadas
passando por daninhas. Essas flores selvagens
rivalizam com as rosas que me elevam a lugares
insondáveis, de uma beleza tão vegetal que quase
me facilita o lugar comum ou o truismo. Intuído
no desenlace de uma sensação incapaz de se imbuir
da respectiva percepção, procuro refúgio na emoção
que vivo. Que vivo? Que emoção? A sensibilidade
deblatera terrores e horrores de uma ausência
que não me interrompe na intermitência de mim.
Não comprehendo muito bem o que acabo, assim
tão irresponsável, de escrever. Escrevo na ilusão
de um meio-dia que avança indiferente ao sol
e a quem escreve, que se passará com os outros?
Dominarão o tempo? Viverão também as ilusões
da facticiedade, homens e mulheres que se atrevem,
os que se atrevem, a dizer que somos irmãos?
Poroso como uma membrana incandescente vou
atravessando travessias de acontecimentos inultos.
Estendi tantas vezes a mão que até me envergonho
de o dizer. Está dito. A pobreza é um crime. Ser,
quando não é estar, é uma estupefacção. No estupor
de um minuto desvelo o que não revelo, o amor
é uma arma de dois gumes. Grumoso regulo-me
pelo sol que veicula luminosidades lúcidas, o calor
não desvincula o desejo de elucidação. A acuidade
tem pouco que se lhe diga. Limito-me a escrever.
A escrever que escrevo. O meio-dia não vai longe,
mas que longe passou tão perto do que sou e fui?

A ERRÂNCIA DA IMPERFEIÇÃO

Não posso dizer que não gosto deste trecho de Alexander Hawkins (Mirrorcanon), “The perfect sound would like to be unique”, do álbum Breake a Vase, onde o piano humilde nada mais desenvolve que sons sentindo que desejam pertencer a uma bonita melodia. Mas aquele “perfect” e aquele “unique” acerbam alguns engulhos, vocês que me conhecem poderão perceber porquê, em mim. Enfim, a tradição cultural do ocidente alargado, é como agora se diz, espraia-se benevolente e ominosa mesmo em sons pensados inadequadamente únicos, que se pode fazer? A originalidade atrai quando se perdeu a origem, a compensação consoladora amacia esta sensação de uma inapreensível solidão naqueles que justamente não são únicos. A humanidade dos homens e das mulheres anda muito por baixo, os humanismos vivem aparentemente da sua dissolução, a vida das populações desorganizadas continua entre a dor e a aflição, o sofrimento uma palavra maldita. Sim, mal dita. A música deste jazz não jaz no chão da nossa mais profunda ignomínia, dizem que já não há nem o bem nem o mal. Há e haverá sempre este entrelaçado de sons soltando-se dos instrumentos, quem os poderá ouvir é um outro problema. O futuro é esta invasão do presente, ou o presente é o desmaio do futuro. Escolham, se puderem. Ou não aceitem o disparate. Eu aceito, vulgar e anônimo, a errância da imperfeição.

UMA OUTRA MÚSICA

Sobretudo porque, ouvido o disco na sua inteireza, se descobre que não há nele nada de original. Mas réplicas de réplicas contorcendo-se entre pianos e saxofones, numa igualdade desigual com tanta música que foi já feita. A combinatória de acordes e a escolha de um tempo é sempre a mesma. Uma combinatória. Às vezes, imune a críticas, sobretudo as oriundas da minha pessoa, julgo que tudo ouvi em Bach, numa outra disposição histórica, num outro temperamento desafiando a idiossincrasia. Mas devo estar errado. As impressões são só impressões, as sensações não são a mesma coisa. Das emoções livres não posso ou não sei falar. Nem tudo o que escrevo digo, penso, sinto. Espero que a frase seja compreensível. Nem sempre sou compreendido, muito menos apreendido. Essa é a liberdade que a escrita me concede, as linguagens saltam das línguas como percepções precípites, irrupções periféricas mas não irredutíveis, faros animais devolvendo ao olfacto o seu indesmentível zelo. Apagou-se a sonoridade deste vaso fictício e a manhã, se não prospera nem redime, permitiu-me aceder ao desenlace desta aventura, escrever, não o que acontece pelo mundo, eventos irreversíveis, mas a simplicidade agónica de uma acção que se condensa na densa atmosfera da consciência. O silêncio tem horas, são quase onze horas de um domingo. A mulher desdobrando-se na cozinha, um bolo inesperado a confeccionar, eu aqui retido nesta travessia desprovida de sinais e de signos. À nossa maneira cultivamos uma outra música: a companhia.

UM JOGO IMPROCEDENTE

A terra, aparentemente, aceita a guerra dos homens como um facto natural. É compreensível, quando a retórica nos permite a figura da personificação como um dado nem por isso muito adquirido. A terra suporta ofensivas e contraofensivas, devastações nas suas florestas, todos os tipos de vesânia e ganância que definem os homens, ou melhor, (digo-me sempre, ser mais preciso, ser mais preciso), a humanidade nessa indelével generalização. Não há preço a pagar. Os vindouros que se safem. Para que querem eles a ciência e a tecnologia, a sorte de disporem de meios para sobreviverem? Agastado e furioso pelo que acabo de escrever, divago vago, ora de mim mesmo, ora de mim próprio, como uma emissão ambígua no vazio da sensibilidade que comprehende também a razão. Coexistência é a palavra com que procuro furtar-me à filosofia velha do *versus*. Serve-me de alguma coisa? Não faço a mínima ideia, mas de ideias nunca pude introduzir uma maneira de pensar ou de se estar na terra. Preocupo-me com as árvores sedentas, faria sentido preocupar-me com o destino da humanidade? Não digo, como muitos o fazem, que se safem, a vida é sempre um hoje. Passado e futuro são criações quase ideológicas. Utilizo algumas vezes o verbo safar, consciente da sua cónica ambivalência. Tanto poderá dizer, desenrascar-se, como também desaparecer, expungidos nós pelo dedo da demência fatal. Não há, nos tolos dos milhões, o desejo de fugir da terra para darem cabo da habitabilidade solitária de outros planetas? Não grassa a indiferença irredutível daqueles que estão simplesmente a sobreviver? Homens e mulheres, joguetes de um jogo improcedente.

ESPAÇOS DA TERAPIA

Os porismas já não me saem bem.
Catalogados pela velhice impróvida
são como a oscilação de um vaivém.
Paro aqui mesmo. Rimar a próvida,
estulta rima, faz-me sentir o rebém.

E eu não estou aqui para apreender
a tortura de um chicote malfadado,
tentó apenas, no declínio de estar, ser
um homem saliente e condensado.

A velhice por vezes cansa. Dança
de outras idades mais jovens, não
é mais, hoje, que dores. A vingança
do corpo arde nesse fogo da ilusão
de que até morrer haveria a aliança.

De quê, sempre foi o raro mistério.
Passar pelos interstícios da hora
numa demora foi um amor sério
pelo comum desejo de uma escora.

Estou aqui, respirando lentamente
numa eclosão de pacíficos termos.
Devo possuir uma inefável mente
quando conspurco passados ermos
que não subsistem mais no ocidente.

Não, os porismas já não me saem
bem. Outrora espaços da terapia
são hoje palavras e ecos que caem
no silêncio da impossível sabedoria.

UM TEMPO DO SENHOR

Não é um tempo do senhor,
como dizia minha mãe, mas é um tempo,
e isso basta. Da janela deste quarto esquartejado
pelo sul expungido pelas nuvens aterradoras,
nenhum sol. Nenhum sal. Apenas sons
de alunos nos seus recreios perpétuos aprendendo
sabe-se lá que vivências e que cegueiras.
As copas das árvores em frente balançam
de verso para verso, a tarde não se faz tarde,
avança, apenas avança sem destino
e sem história. A natureza não necessita
de narrativas, positivas ou inglórias.
Chuva, da prometida, nada. Desconfio cada vez
mais dos serviços meteorológicos:
a discrição coincidirá com a complacência?
Tenho que compulsar um dicionário da internet.
Mas não agora, que escrevo inundações
de palavras pouco apalavradas,
sons que se erigem na mente medida
pela disposição de receber o auge do real.
O real realmente não se ajusta à realidade.
Desvincula-se das percepções
e das sensações, ignora as emoções humanas
numa indiferença quase política.
Quem vive num subúrbio, como eu,
e não na polis que engravidou e depois pariu
polícias e políticos, tem que se contentar
com a ausência de uma palavra
mais ao menos adequada. Poder-se-á
dizer que há uma vivência suburbana, um olhar
suburbano, uma atitude em tudo suburbana?
Já não digo nada. Já não falo.
Escrevo nesta tarde poluída pela corrupção
dos sentidos e dos sentimentos,
deixo-me levar sem diapasão pela alegórica

monstruosidade. Viver, ah, viver,
a interjeição acomodatícia, inerente ao ente
decapitado pelas religiões do homem.
Este “homem” interfere com a divagação
do momento, uma intrusão quase
provocatória, mas de quem? Não diviso
nenhum inimigo neste sul do capitalismo feudal.
A janela não me dá mais do que está nela,
espero que seja compreensível
a dimensão e a fluência do disparate.
Não vou perguntar o que está a acontecer
no planeta mistificado pelo globo, ou sua noção,
quem não viu numa bola a origem de todo o bem,
de todo o mal? Terra, terra, repete a voz
insolúvel, haverá na dispersão
uma delusa insuficiência do pensamento?
A razão sensibiliza-se com as esmolas
de ricos bilionários, a pobreza
não será uma miragem, uma alucinação selvagem?
Onde habita o centro do poder? Não há centros?
Ignorava. E poder, e poderes? Ei-los
específicos na sua disposição tanto democrática
como ditatorial, os governos organizam
seduções, promessas, efeitos da gramática
que empolga as multidões seráficas
das populações despovoadas de verdade.
Velhos mecanismos metamorfoseiam-se em novos
arremedos do progresso, a liberdade é um zelo,
as democracias dão a liberdade
aos pobres de serem livres na sua pobreza
desconsolada. Não é um tempo do senhor,
como dizia minha mãe, mas pouco falta.
Muitos dizem, não há-de ser nada.
Eles aguentam, foi sempre assim, senhor e escravo,
porque não poderá continuar a ser assim?

A ESCURIDÃO DA CEGUEIRA

Iludido pela minha presença, atento
ao que sou, ao que pareço ser, nada
me pode impedir de pensar um lento
atentado ao real, hora desgovernada
no enleio indecente de um lamento.

Lamento não possuir a arma fautiva
que me liberte da hodierna opressão,
sou apenas um homem numa deriva
que possivelmente não tem remissão.

Solto gritos de dor no descampado
da memória, não reconheço a história
como uma verdade temporal. Alado
na insurgência submissa da escória
nada mais sou do que sou, o raso lado.

Alardeio por vezes o nefasto fascínio
pelo outro que também sou, o amor
não é uma mácula máscula, o domínio
sabe muito bem o que significa a dor.

Dorido e petrificado vou acalentando
esperanças especiosas, subir um dia
ao cúmulo de uma cimeira, dotando
de mel a fome prazenteira. Luzidia
a leveza da ilusão é um eco nefando.

Onde estou? Onde a casa aprazível,
o país apetecível? Onde uma lareira
crepitando de crédulo fogo? Dizível,
só o estertor, a escuridão da cegueira.

SOBREVIVER É O FITO CARNAL

Metuendo, icástico, evensor, fescenino,
um nada sussurra o pouco que cicia,
compõe a indecência do discurso sibilino,
advém uma quase coisa que anuncia
apenas o degelo inteligível do figurino.

Figuras fáceis de inventar na passagem
do tempo introduzem esquemas novos
da velhice compungida, outra imagem
para as retinas que não retêm os povos.

Os povos subsumem árduas populações
empregues em testemunhos do trabalho,
falar da humanidade com improvisações
inóspitas não faz avançar o tresmalho.
Sair da armadilha requer transposições.

Melífluo, márido, material, o sofrimento
não consegue fazer do antro uma norma,
a casa ardeu no engulho do divertimento,
a rua sua de fogos atiçados pela forma.

Ninguém sabe nada de nada. O instante
não é um apêndice do tempo, a alegoria
jaz concutida no dever ser concomitante,
como evitar a fuga para trás, que alegria
abrevia a perspicácia lenta do visitante?

Sobreviver é o fito carnal de toda a gente.
Escapar às garras da inaudita crueldade
do real, uma vida que, de convincente,
só convence os que apostam na maldade.

O PROBLEMA DO MAL

O mal tornou-se um mistério mefítico.
Deixou de se contrapor ao bem, larga
metafísica que sustentou o zelo político
do ocidente. Para onde ir é uma carga.

Um peso milenar abarrota a incerteza
da solução, gritos e lumes consomem
a leviandade de uma sedutora beleza,
quem ousará ser novamente homem?

Todos procuram na justificação erudita
alcançar uma visão aletológica, o medo
medita as suas razões, jaz quase maldita
a mistificação de um gesto, evo azedo.

Que fazer? faz de quem pergunta o zelo
de um movimento abrindo-se emoção,
comove o delírio da dor, é com desvelo
que se revela o que desvelou a traição.

Aracnídeos sobramos em quem somos,
percorremos na inacção a fácil maravilha
que nos possa proteger, são os assomos
que se digladiam no *logos* que fervilha.

Ir mais longe foi a voz do alarme. Resta
em alguma fresta a iniciação ao futuro?
Ou só se adivinha um delírio na aresta
onde a construção se perdeu no monturo?

O mal desfez-se em acidentes da história.
Permanece do mistério mefítico a escória.

A EXISTÊNCIA DA EXCLUSÃO

A rima é uma suspensão da velocidade onde o pensamento se desgoverna, ida mais do que vinda, talvez um vaivém introduzindo no amálgama a temeridade de uma acção convulsa. A despedida não é uma visita, a rima é o que contém.

Pensar duas vezes antes de escrever, ser uma pausa e um enleio, a rima destrói o tempo e assegura ao espaço em branco uma outra maneira de se ser modo, ver na paciência uma plenitude que constrói uma realidade independente do arranco.

Permanecer no jogo sem o jugo estafado da dispersão obsessiva, descobrir a certa palavra para o incerto ritmo, deiscência de uma experiência relativa onde o fado não significa nada nem estimula. Aberta a porta, a rima rima quase com a ciência.

É um prazer meditar sem a oclusa ideia de uma obrigação inteligível, o mundo deixa de ser um intruso, o real transluz numa imanência indubitável, sapateia numa dança oferecendo um errabundo desenlace ao alcance que não conduz.

A rima descobre o seu rumo depascente, colhe da absorção das coisas a direcção, dirige-se ao feliz encontro de um ente que não teme a existência da exclusão.

A CHUVA

A chuva veio alicerçada pelo vento de um sul reversível, não foi, como em certas regiões, uma aluvião celeste ou metafórica, mas caiu tão abrasiva e decente que algum chão calcado parecia até ser da terra. Não haver mais chuva! A humidade emudeceu no circular delírio da atmosfera, o corpo que visitou as árvores em perspectivas de alguns frutos sentiu pingos no rosto como se fossem gotas, a água tão líquida que apetecia ao corpo liquefazer-se numa quase comunhão com o impensável. Nunca chovi, nunca chovo. Mas correio essas sendas que circuitam as árvores, ávido de novidades, uma pêra mais gorda, os cachos de uvas estrangeiras cachoando em limites de volume e de espaço. As maçãs inaugurais estão ainda nos primórdios das encenações bíblicas, embora o livro continue a passar pelos perigos da sua inata invenção. Sacudi as roupas, entrado em casa. Feliz. Este canto da terra talvez seja privilegiado. As chuvas ventosas não trouxeram em si respostas, ecos de velozes desígnios da natureza, fenderam apenas a insinuação de uma sensação sóbria perante o seu espectáculo. O gosto devê-la caindo, mesmo se em atitudes selvagens, foi um dispositivo para uma efábulaçāo calma, serena, a portada reportando as vicissitudes da sua presença. Estive presente na visão que me assistiu? Às vezes sinto que pensar é um crime de lesa-apresentação, uma falha dispersão calcinando os precipícios do estar.

9/6/2023

PASSO A PASSO

Este fim de semana terá ou conterá em si algum fim, alguma finalidade? A pergunta não foi fonicamente formulada. Mas dura na sua demora como um corpo sinónimo de uma abstracção desmedida, conceptual. Brinco, obviamente. Dizer alguma coisa onde falta justamente essa coisa é tarefa para os ociosos, os tais preguiçosos zelos de uma atitude atinente ao fim da produção. Não me apresento em nada que escrevo. É, pelo menos, o que penso. Não aspiro, devo sugerir, à objectividade. Basta-me seguir passo a passo a insolvência de um caminho incapaz de existir para os meus passos. Elo de disparates disparo para todos os lados, quem me impediria de resolver o problema que me edifica instituindo intuições coesas? Sem que a coerência arvore uma lei ignara ou um hábito traduzível nos anais vesgos da história. Teleológico à minha maneira desmembro a própria noção de finalidade, haverá alguma felicidade em se testemunhar um fim, um acabamento, uma completude mais ou menos autónoma? Dissolvo-me nas inteligíveis palavras da língua corrente, não corro como um devasso atrás da presa, preso em mim procuro apenas libertar-me da prisão existencialmente contemporânea. Artiloso lanço perspectivas pouco activas aos deléveis homens, englobando a mulher num acidente das gramáticas ocidentais. Ser ou não ser é um passo para o passado imoto.

9/6/2023

A LEI DA REDUNDÂNCIA

A senescênciâ obsoleta não consegue atingir a lei da redundância, reflecte apenas a imagem inclusa na arbitrariedade da percepção. Perdido nos anais da sensação emotiva e demótica rio-me do facto ser um feito nos efeitos que gera no engendramento da indispesável filosofia. Já da estética ética não poderei adumbrar nenhuma opinião. Jaz pois nos escaninhos da sensibilidade a forma conducente ao conteúdo, mesmo ao continente, se se quiser levar ao fundo a superficialidade da investigação. Vestígios de línguas mais mortas do que vivas avivam só nostalgias adversas e inversas, o fogo nem sempre exige a palha com que se enchem livros para serem vendidos aos incautos leitores. A cegueira é uma compulsão. O medo mordaz não se reconhece no que vê, a ansiedade audaz desvinculou-se da angústia metafísica para ser só física, do corpo, da carne, da pele. Poros iniciaram a porética, o desvelo de um encontro casual, nem sempre a sorte se conduz como o acaso, acaso haverá um processo habitacional que convide o vício a diluir-se na sua intemperança? A vida nada tem a revelar. Só pretende ser vivida via para nada, concordância de adversas verdades desmentindo a centralidade do sagrado. Quem vai e avança raramente regressa ao ponto de partida, esse vagido verde como um alcance do que se julga ainda o direito do mistério. O mistério estertora.

A MENSAGEM AMBÍGUA

Deixo-me embalar pela voz cordata de Angel Olsen
manhã cedo, sem me lembrar, compungido,
se passei pelo Missouri por altura do seu nascimento,
anos oitenta. Ouço estas canções de um “Big Time”
quase mítico, poderei dizer que gosto
do que estou a ouvir? Não saberia responder.
É uma música acariciante, trazendo um carinho
que não dispenso, mas ser-se embalado manhã cedo
levar-me-á a algum prazenteiro adormecimento?
O sol, atordoados pelas nuvens níveas
em conglomerados distintos dispersando-se
pelo céu azul, faz o seu caminho obediente, cada dia
um dia distinto, cada passagem uma pequena mutação
da sua mobilidade adstringente. Estarei,
manhã cedo, já disperso? Ainda nada fiz, abri
apenas a portada que me indica o sul, tomei, absorto,
os comprimidos do meu sustento, sentando-me
depois ao computador para poder escrever que a voz
de uma mulher que poderia ser minha filha
me embala numa adjetiva dimensão da humanidade
que devo, ou deveria, sentir. Não me preocupo
com as palavras que canta, preocupo-me apenas
com as nonadas percuentes em que se funda e afunda
uma meditação nem por isso meditada,
a medida sempre faltou nos arremessos esporádicos
da minha personalidade, se é que ainda sou
uma pessoa. Sou uma pessoa. Direi mais, um homem.
Só que não me lembro se passei pelo Missouri,
eu que atravessei continentes onde o conteúdo
exemplificou uma aventura do império desassossego.
Acabo este porisma amíntico ouvindo um anjo
debitando o seu “go home”, a mensagem ambígua.

OUTRO MUNDO

Há pianos de mim elevando-me música
de um outro mundo sonhado na intercepção
de derivas que balançam, e balançando
lançam-me para propriedades da existência
impossível, estranhos voos de um vazio
procurando uma imaginação que saiba ler
o que sinto. Sinto que sinto. Mas ouço a voz
do inexistente, esse futuro, esse amanhã
de uma nostalgia ao avesso? Colmato-me,
sem ter que me matar ou suicidar, neste ar
que se introduz na respiração como uma luz
desejando perder-se nos remoinhos cegos
da imponderabilidade? O vulcão abandona
a sua missão metafórica, a lava é palavra
porque tem que ser alguma coisa, a coisa
de que falo falará a outra gente? Onde
subsistem os que subsistem na perdulária
partilha do mesmo, prazer e sofrimento?
Sons solidários de pianos emotivos soam
em cálidos movimentos informes, formas
paralelas do mundo em que se vive, efeitos
da disjunção entre o que é e o que poderia
ser, se, se houvesse, se, por um segundo
que fosse, o mundo pudesse desenvolver
nas suas entranhas uma outra estadia, a foz
para a voz e para a vez da felicidade ultriz.
Ultrapassado pelos instantes do momento
sinto no voo da música uma arcaica carícia,
onde estou do que sou? Onde paira o sol?
Em que apelo o desejo deseja viver o surto
de uma imanência manente? Sem camena,
poderá a musa musicar uma apresentação?

E QUE DIZER DO OCIDENTE?

Lá fora nada demora mais do que um instante,
nada muda no mudo desvario do acontecimento,
tudo parece devolver do tudo a disposição
para um hábito habitável. Faz algum vento.
A luz vai e vem sem sucessos imprevistos, olhar
nem sempre significa ver, ver dispensa muitas
vezes o olhar. A cegueira não oculta o zelo
da beleza desultória, a paz predomina vivaz
em cataclismos das emoções estéticas, as estesias
são tão plurais que transformam as intermináveis
pessoas em precipitações de uma comovida
emoção. Não há tempo para transfigurações,
passar não necessita de passagens arqueológicas,
a lógica resiste bem ao sortilégio das maldições.
Lá fora não exige a exumação de um dentro
ideológico, tudo passa na peripécia do sopro,
ninguém inventou ainda uma origem satisfatória
para o que não teve origem. Comunais mortais
amortecemos o pensamento devoluto, débil,
em lutos que aborrecem as lutas intestinas,
mas para onde vamos perdidas as esparsas metas
que nos castigam com promessas consoladoras?
Onde um destino? Uma direcção? A frente
transformar-se-á no lá fora da contemplação
evidente? Recluso no impulsivo desejo de acção
manifesto que frustração? Estarei só? Serei voz
sem um dono? Dispenso-me na infeliz sorte
da desolação? E o acaso? Desorientado percebo
o oriente? E que dizer do ocidente? A sua morte
programada na etimologia será uma verdade
ou uma ficção? Demoro a responder. Ignoro
a resposta. A pergunta seria viável, exequível?

10/6/2023

UMA DORMÊNCIA

Trago comigo um sono que me traga, envolto em dispersão alongo-me febril até ao limite da humanidade, acabarei em algum começo? Não há caminho, não há senda, não há estrada. Inviável lanço ao azul do céu um olhar invisível, onde paira a minha cabeça, onde perde a sua presença a minha mente? Minto para sobreviver à aparência mitológica do caos? Uma dormência não me atira para a cama. O dia não adia mais o eco da insolvência, terei futuro nesta inútil dor onde me confino desconfiado? Ar em toda a parte, até nos resquícios vis da respiração que pensa e sente, ouvir uma língua estrangeira deixa de exarar uma experiência expectável. Confuso pela dispersão profusa que galvaniza as redes da minha proximidade, fecho o real no deslize da catacrese, outrora era a pungente alegria de estar vivendo uma aventura, agora só este sofrimento pervaga as nodosas plagas. O inesperado corpo deixou de ser do delito, desperto num acordo não configuro um acordar, haverá um sonho dardejando a ardência de uma coisa que não reconheço? Será um percalço? Uma mentira eterna? Trago na defecção do momento o zelo de uma ignorância agónica, as amarras perdem-se num mar de plásticos, viver não se amansa na floresta dos enganos.

MATÉRIA DE UM DESASSOSSEGO

Matéria de um desassossego inexplicável
tentó compreender o que me acontece,
tudo parece ser ainda tudo, o nada instável
difunde uma dor que não me reconhece.

Estarei no outro lado, seja do que for?
Ou é esta superfície do espelho adurente
que me consome em chamas no avindor
catálogo da matéria que nunca mente?

Um clamor estrondoso anavalha o eco
de um grito aflito, será que a felicidade
não pode viver no anseio de um boneco
que se ignora joguete da inulta verdade?

Onde está a minha carne, a pele visível
que cobre o corpo? Serei apenas a acção
de uma convulsão inaudita, a exequível
existência de uma inexorável decepção?

De nada me vale olhar para todos os lados.
Os dados não estão lançados, a presença
das coisas coisifica-me. Não haverá dados
para se compreender a turva indiferença.

Não estou onde sou. Não sou onde estou.
A experiência do desgaste e do sofrimento
trouxe à existência falida o que moldou,
este esporádico trejeito do acontecimento.

Doo a quem quiser o calor da companhia.
Possa sobreviver quem cair na armadilha.

A VIDA É DESPREZO

Impossível concluir esta possibilidade sem idade definida, o fogo que devora o estertor desta hora não vigora aceso nas cinzas apodrecidas. A obscenidade do vagido é uma vaga memória, adora quem o nascimento? A vida é desprezo.

Pelos que nasceram para viver. A fuga à realidade é conivente dessa obsessiva obsessão, respirar, os pulmões arfantes visitados pela presença da sanguessuga, esse esvair da esperança tola, impulsiva, culminando nas artérias insignificantes.

A condição humana destrói a natureza humana. Crescer é apreender o contrário da inteligência, é conceder ao hebetismo a sua parte indesmentível, uma certeza feita de enganos e de armadilhas, fadário onde a revolta se volta contra o cinismo.

Que espera a humanidade? Um trabalho que produza riqueza a quem predomina na dominação da ordem e do vígil crime. As máquinas não ajudam no breve atalho que poderia trazer à actividade a vacina capaz de fazer irromper a vida sublime.

Rodeada de empresários estupidificados a prisão é livre, a pobreza uma doação implausível, a liberdade uns mitificados alcances que não traduzem a libertação.

A LUMINOSIDADE EXTROVERTIDA

Assimilando a luminosidade extrovertida
que se expande em figurações inopinadas
pelas paredes embranquecidas esqueço-me da vida
e aproveito a ocasião para sentir que o sol inventa
explosões artísticas onde a beleza não caucioná
nem a arte nem a literatura do convívio.

Não faz mal. Aguento-me nos interstícios
onde a realidade predispõe o real a ser menos cruel
nas suas indevidas manifestações ultrajantes, traio
talvez as convoluções dos sentimentos, imponho
quase autoritário um acontecimento feliz.

Estou feliz? Ultriz a resposta não aguenta
a pergunta. Ou vice-versa, se quiser ser mais exacto
nos conluios abstrusos que mantenho com a luxúria
da luz. Esqueci o que ia escrever. Foi pena ter assim
perdido uma oportunidade para esviscerar
os preconceitos e os protocolos, descolo
a língua difusa que me apreende num aceno obtuso,
serei um intruso nas malhas aracnídeas do desejo?
E do prazer? Vá-se lá saber! A tarde independente
decorre no estilicídio de uma água líquida,
quem se importa com as redundâncias tersas,
com os verdadeiros solecismos? Soletro comovido
esta repetição de mim, o plágio convida as plagas
a demoverem as ondas do mar frio. Estarei isento?
Não me perguntam de quê. O tempo travesso
não passa mais do que uma aluvião corroída
de hipóteses mais ou menos tradicionais, as feridas
que culminam no corpo psíquico auferem da junção
de contrários nas suas fraldas fraudulentas. Existir
é uma aberração. Consumir a vida nas dores
quotidianas, uma estupidez. Só o sol sobrevive.

GRITO QUE GRITO

De particípios passados para particípios presentes passo nas malhas da conveniência, grito que grito e ninguém ouve, a atmosfera fendendo-se em risos de uma indeterminada eclosão oclusa. Contrario a contradição com nonadas específicas, o clamor já não se distingue da sensibilidade, a idade arvora gelhas e rugas no rosto carcomido pelos tempos. Épocas do que pensei ser o ser foram-se perdidas na pouca memória, o que resta do que confundiu a consciência de um estar? Nada. Só o corpo passa por ser corpo, mesmo se envelhecido na demência obsoleta de uma inteligível assimilação. Assinalo apenas as peripécias em que não fui protagonista, eu já não sou eu, mas fui dolosamente um homem no desvairado ermo da planície quer citadina, quer rústica. A natureza impõe no sentido de um redor, passo horas frente às árvores inocentes, a escassez da água uma limitação limítrofe, mas a terra não se perde na humanidade que se suicida? Outrora passava dias em cafés estrangeiros, os desígnios do exílio exigiam-me crimes, fui da criminalidade um diapasão exponencial, prometi a morte ignava ao patrão, felizmente não tive que ser assassino diante da cobardia exploradora. Mas a fome traiu o que me atordoava. Titubeante desci boulevards inscientes, a população indiferente, os passantes incluindo-se em risos desconexos, talvez felizes por não passarem fome. Participei dos gramaticais particípios, mais presentes do que passados, amei línguas que não me viram nascer, escolhi na seiva do registo animal o impoder como um impropério. Contrário ao que contrario contraio-me conteúdo.

11/6/2023

PALILOGIAS VULNÍFICAS

A crise cruza e crepita na crédula criatividade do quotidiano, as experiências intestinas paracleteando movimentos de uma desmedida que rivaliza improcedente com a solidão da desmesura apocalíptica. A crise crescente na sensibilidade insípida insulta a abstracção que toma nos seus braços uma correspondência cadavérica por estar já morta. Não há vacas nem cavalos nem ciclos nem mães vegetais nestas dolorosas paisagens. Haverá um sentido verdadeiramente sentido por quem escreve, isto é, na carne mental e psíquica? Desflora a inversão apanágios de flores inexistentes, a beleza das rosas rodeia as formas volúveis do pensamento amarfanhado, onde investir, no apogeu da vulgaridade ou no auge ingente da singularidade? Não é para compreender. A crise deixou de criticar. Perdeu-se agónica nas falanges da consciência contemporânea, guerras de tempos contra tempos, adornos de virtualidades vígeis prefigurando figuras que não se sustentam na sua base. Incipientes rostos rastejam onde não há chão, os olhos divertem-se em perícias de acontecimentos que não reconhecem os eventos aventados. Valerá a pena sofrer com os atentados hostis aos conteúdos sem continentes assinalados, ou será melhor esquecer os mundos da terra aterrada com tanto flagelo e tanta virulência do sofrimento das populações que ignoram onde começa o povo e acaba a família matriz? Não respondam. A crise circunda a realidade.

12/6/2023

COMO RESPONDER AO REAL?

Como responder ao real? Com acasos sustentados nos aleatórios deslizes da convulsão, ora cedendo ao secreto delírio de vontades civilizacionais, ora repelindo com horror e asco as membranas frágeis de discursos que não se atrevem a ser convicções? Nada como experimentar a manhã do crédulo dia, ouvindo as vozes pueris dos adolescentes eleitos em jornais vendidos aos especuladores do negócio, sentindo na periclitante luminosidade as previsões de uma chuva que nos poderia humedecer no leito das suas águas prófugas e arcaicas. As vozes fictas desapareceram do recreio, tudo isto é a desilusão de um discurso que detesta a literatura desumana? Olhares vulgívagos vagueiam em sigilos espessos as razões e as razoabilidades do momento, sabe-se onde paira o discurso de um curso de movimentos movimentando-se na acracia inamovível do acaso? As emoções ainda comovem? Zelos do quotidiano irrompem na amorfa configuração do real, quem se reconhece vivo e real, quem assume a segurança de uma certeza, quem ousa ser ainda alguém? Ecos de fluxos teóricos galvanizarão ainda os elos rudes das práticas infligidas aos nossos passos? Impasses sem uma saída demovem os transportes ideológicos onde nos fincamos, quem não tem medo da solidão completamente isolada? Escabujamos. Impérvios na alienação gradual escabujamos. Vemos suceder a infâmia e a injustiça, individuais como colectivas, sentamo-nos diante da televisão noticiosa e vemos os malefícios do poder, das hegemonias intestinas de porções do planeta estupefacto. O planeta sofre o que já não sabemos sofrer? Sim, como responder?

12/6/2023

A AGILIDADE DA FORMA

É então que a agilidade da forma forma
o desejo de outra coisa, de outro lume,
de uma música oriunda de uma norma
que não escravize, antes evite o estrume
a quem ignora se aceita ou se transforma.

As quatro paredes são um seguro espaço.
As janelas devolvem ao olhar a segurança
talvez esporádica de um intraduzível laço,
ei-lo, o mundo destituído da sua vingança.

Onde estão os livros da leda comunidade?
As músicas dos músicos que visualizaram
a apetência de um outro mundo, unidade
do refrigerério onde aqueles que ousaram
ousaram extroverter uma convivialidade?

Não é uma ficção, como pretende a ciência
sociológica, juntar a coexistência ao lado
mais fraco da humanidade, a percuciência
do saber engana-se num saber desastrado.

Sorrir em lábios libertos não é um crime,
como noticiam as vozes da comunicação.
O realismo não é um pessimismo, esgrime
com que convicções quem, na escuridão,
vê a plenitude no inultrapassável regime?

Não há amor onde governa a morte. Nada
como nascer todos os dias para a exequível
experiência dos sentidos, uma mão levada
pelo carinho pode dissolver o impossível.

O VERSO SOLITÁRIO

Imperfeito na idiossincrasia dos dias
quem se esgueira para as periferias
sabe que a vida não é uma vaga ilusão.
O zelo não contempla a contemplação,
a imagem dissoluta dissolve o desejo
como frustra a mentalidade sem pejo.
Fazer sentido do insensível clangor
não é matéria para a excruciente dor.
Percorrer, pois, os lodos da passagem
com uma alegria carnal, a paisagem
não desvela nenhum país inaugural,
os países são vis impasses do digital
nos que se esquecem do valor da terra.
Uma ambição demente não só aterra
como aterroriza o prazer de se estar
a ser, que mais pode o ser demonstrar
que uma acuidade e uma apetência?
Apetece a quem sente sentir a ciência
do devir, a outra face deste mundo
envergando os trajes do vagabundo.
Uma ilusão da ingenuidade? Talvez.
Mas sofrer a realidade alberga a vez
do tempo estranho, uma intraduzível
alienação tão funesta como a dizível
frustração de não se pertencer à face
do mundo quotidiano. Que desenlace
para a melancolia de um dever ser?
A doença tem que se libertar do ver
na doença duma fatalidade. O alento
alivia a dor do planetário sofrimento.
A lucidez é um gesto extraordinário.
Quem ganha em ser o verso solitário?

12/6/2023

A CONTRADIÇÃO APLICADA

O palerma, esse fictício amigo, cicia-me aos ouvidos:
“a contradição é sempre a expressão de uma tarefa,
e uma tarefa é um movimento”. Não me espanto
onde me espalho da conveniência pensadora,
incapaz de pensar aufiro apenas o atordoado
limite da minha limitação. Expressão, tarefa,
movimento, deixam de ser palavras e conceitos,
ficam-me no cérebro como manifestações daninhas
de uma incapacidade. É preciso ter-se muito cuidado
com os amigos que nos afagam com absurdidades.
Verdade que já tentei, várias vezes, introduzir
uma “inexpressão” impressionista, intuitiva,
mas que fazer da tarefa, esse vocábulo tão caro
ao que se deveria fazer para recuperar um mundo
que nunca existiu? E o movimento? Sem dúvida não há
tarefa sem movimento, emoções, comoções, ardores
de se passar de um lado para o outro lado. Talvez
esse factual amigo não seja tão estúpido, débil,
como pensei que pensava. Uma razoável dor
de cabeça açambarca esta confusa dispersão
onde me encontro. A razão e o sentimento são
como um voo de uma gaivota gaivoteando pelo ar
saudável desta tarde atulhada de nuvens indecorosas.
Nunca tive coragem de ser inteligente. Preferi sempre
a estupidez como o suporte para a imperfeição
dos problemas que tive e tenho de enfrentar.
A contradição. O paradoxo. A doxa. O dúctil eco
Ecoando, já agora, pelos refegos do corpo nem sempre
próprio, ao contrário do que admite uma certa ideia
de filosofia. O século vinte não deu o que tinha
a dar. O século dezanove ainda menos. Dar
é um verbo que me inebria de felicidade.
Continuo este disparate como se fosse tarde
para sair deste imbróglio? Se houvesse agora
mesmo uma música contemporânea da emoção

que sinto e penso e idealizo, se houvesse, seria talvez
mais amigo do meu amigo, aceitaria as palavras
por ele sussurradas ao meu surrado ouvido.
Nem sempre se está à altura das circunstâncias.
É um facto. Invejoso por não lhe replicar uma breve
demonstração da minha competência pensante abrevio,
ou melhor, abrevio-me na especulação do enfado
que seria ter que pensar, ou ter que fingir
que sei pensar. Às vezes até duvido que sinto.
A história da existência contemporânea coloca-me
muitas vezes num estado de apoplexia cunctatória, riso
de mim mesmo na pessoa que sou, desconhecendo
a possibilidade de sentir num tempo da terrível
insensibilidade que se propaga nas versões
da propaganda e do premonitório. Deixo
este adjetivo numa solidão acusmática, devo
por isso entristecer ou ficar sorumbático? Coriáceo
o corpo fez do delito a sua lei e a sua regra, a indelével
oportunidade de regressar a uma companhia humana
devolver-nos-ia a humanidade achincalhada? Vou
das consequências abstrusas edificar um idílio
com o desgoverno do planeta, num plano
meramente porético, o que é detestável? Eco
de uma proliferação das experiências idólatras
convenço-me, ou tento convencer-me, que tudo
se resolverá, entre a dor e o sofrimento, nesse prazer
parco concedido aos corpos que não sabem como nascer.
O extraterrestre já foi uma ilusão. O selvagem votivo
uma outra dimensão da sociabilidade opiniática.
Restou o que resta. Este homem concedendo
à linguagem a liberdade de ser sôfrega
de uma oferta. Um presente será sempre
bem-vindo, a vida será sempre um gesto louco
advindo essa futura paragem da respiração mitridática.
Não é preciso estar-se à altura da morte festejada.

O INCERTO FESTEJO

Descoincidindo com o tempo espacioso onde evoluo numa divagação hílare, rastreio a predisposição breve que sustenta uma preocupação. Onde a vida, se eu suo nas entrelinhas da minha sensibilidade? Quem escreve o que escrevo, que fantasma me assusta quando recuo de pavor perante a infestação desta despossessão leve? Estarei perdido no imprevisível limite desta demora? Ou terei que sofrer alegremente a dor que me devora?

Vou sempre adiante de mim mesmo, mesmo quando tento parar para poder respirar, que força me impele, que devaneio árido me desvia do atalho quando ando nas pisadas de um percurso onde a transpirada pele se afoga num afago descomunal? Serei eu ousando um princípio que me transporte à existência imbele? Sei quem sou. Sem destino nem fado caminho alado pelo voo da repercussão, um simulacro marchetado.

Nenhum sentido me sente. Ressentido vou perdido pelas arcaicas desrazões, implausível colho a forma do delírio, arquejo no bosquejo onde me é devido o arremesso da imanência, o lugar que se transforma num lar antiquíssimo onde a família vive no olvido. Apogeu de uma esperança tento lançar uma reforma. Estúpido gesto da juventude dessorada, envelhecida. Não há, porém, regresso. Carcomido, ouço a vida.

Uma vida ultriz, vínculo de uma ousadia. Um desejo de uma vivência capaz, dizer bom dia à forma edaz onde se possa reconhecer a passagem como ensejo de se abrir um caminho na floresta da sombra voraz. Uma vida vivida entre o carinho e o incerto lampejo.

12/6/2023

FOTOGRAFIAS

Fotografias de alguns queridos tentam vivificar as paredes silenciosas do frágil apartamento. Olho-as prosaicamente enternecido, sentindo a falta da sua presença. A velhice é um remorso? Duvidando da pergunta formulada excluo-me de uma dinâmica discursiva, sigo o curso dos acontecimentos como se ainda fosse possível acontecer alguma coisa. A obsolescência da sensibilidade não é sensível às divagações familiares, e, no entanto, perco-me dissolutamente numa mais do que mente ou presságio. Salto pelos solecismos em línguas devastadas pela erosão do sentimento racional, ir e vir não corresponde a um vaivém, quem vem ao olhar é uma ausência querida, perfilhada pelo amor que procuro incentivar. A vida é uma mão vazia de tudo o que passou pelo crivo da existência, o que sobrou sobra-me num extemporâneo clique de um tique profano. O rosto é um rasto, é um resto, uma afronta, uma ofensa esparsa. Gelhas e rugas e sinais sinalizam apenas as penas que devo ter sofrido. O sofrimento doeu, a dor sofreu os seus espasmos. Do prazer não falo. Fotografias, esses instantâneos da caça ao tempo, essas fixações de ilusões ocasionais, pensar-se uma eternidade no limite vago e pravo de uma impressão tumultuosa. Foi-se. É verdade que o ser se serve dos humanos para resplandecer em indecências ideológicas? Há quem diga que sim. Eu digo que não. O oculto realismo da forma não obedece ao conteúdo que tentamos impingir às nossas convicções.

13/6/2023

MUDOS CATACLISMOS DA VESÂNIA

Comigo nada se passa, tudo passa na exteriorização de uma complacência contundente, ver e ouvir, cheirar e tocar, apreciar o sumo de uma laranja. Os sentidos sentir-se-ão felizes? Trouxe-os ao elo de muitas divagações interessadas. O prazer catacrético de estar eleva-me a uma apologia do silêncio contido no seu ruído estupefacto. Vozes vazias vagueiam felinas nas clivagens do raciocínio inesperado, o que é pensar? Julgo às vezes que a consciência necessita da companhia da estupidez reflectida no disparate, há espelhos que se recusam a dar a face, se a ambiguidade puder ser uma manifestação do estilo desfalcado. O mundo berra mudos cataclismos da vesânia hematóide, que sangue corre ainda nos animais que de tão civilizados se entregam à ideia inulta que fazemos dos selvagens? Batalhas esporádicas penetram nos corpos dos mais sensíveis, nervos de uma complexa compleição exortando o tempo da história factual a modificar-se. Uma laranja e o seu gosto não é uma traição. Nem a tradução de um desinteresse anabático. Percorro o som dos meus passos muito lentamente, os quartos na sua diversidade especulativa adormecidos na luminosidade intercisa na atmosfera da tarde. Nunca é tarde para não se escrever. Escrito o grito de um repente, subitamente sente-se que algo está certo, ignora-se se o estar, se o ser, qualquer coisa desliza no desfibrar do pensamento, solução avulsa corroendo a disposição desta humilde hora. Um pouco de esperança não faria nada mal. Venho docemente ao equilíbrio da lúcida janela.

UMA APÓSTROFE

Fecundo na facúndia de uma exposição emocional
calcorreio os delírios de uma apóstrofe, onde
estão os que estão vivendo alguns destinos?
Ninguém neste espaço do fora. Nuvens volúveis
carregam nelas estertores envaginados,
sou capaz de dar do real a sua metamorfose?
Ou só manter uma relação interpretativa
afogando-se na perspectiva de uma realidade?
Resisto às tentações da hesitação, dissolvo-me
na intumescência de uma imanência, rimo
no riso que comissura os meus lábios, é isto
a felicidade? Ou só o olvido da perdição perdulária?
Deixo-me cativar pelo imodesto atrevimento
dos sons que as palavras escondem, o recesso
não é um berço, pode ser uma sepultura abstracta.
Concedo, concordo, aceito. Mas no peito arfa
um coração substantivo na esperança de ver
aparecer o adjetivo solidário, terei a coragem
de lhe oferecer esse apoio e essa envergadura?
A originalidade não é uma tortura ao corpo humano
que nos habita, escolher não requer a liberdade,
quantas vezes não é a prisão que determina
a práticas de actos instigantes e complementares?
A facúndia estabelece com a facilidade
uma verbalidade instintiva, deixar-se escorrer
na predisposição de quem nos acompanha
desde um quase sempre problemático. Fecundo
enleio não ser eleito pelo estudo do comércio
dos livros nem dos editores acomodados.
Alguém quer viver meu eu, que devo fazer?
Faço de conta que nada se passa. Ficarei imune
e ilesa? Isso importa? Abro-me ao comovido eco.

O ICÓNICO NÃO REDIME

No desultório limite da realidade imprevista culmina esta sensação de que será em vão procurar obsessivamente uma percepção, um sinal, um estigma que possam conduzir quem escreve a uma elucidação icástica. O icónico não redime. O silêncio objectivo não introduz na consciência uma assertiva distinção entre o tudo e o nada. Ao inédito ser não cabe nenhuma linguagem. A força da ebria movimentação deseja num esforço forcejado abrir uma brecha, alguma solução, um achado que conceda à réplica do intuído momento o eco dos instantes insignificantes. Significar faz de quem o faz uma perclusa partida, uma falsa chegada. Não é necessário um caminho, basta na floresta impenitente das chuvas colossais encetar uma passagem, o corpo passa, os braços bracejam, o rosto encontra-se face a outros dilemas poréticos. Só assim se avança. Pé ante pé, passo após passo, deixando por vezes pegadas obscenas. No lodo, no virtual papel, ficam os porismas que poderão ser lidos. Não será obrigatório decalcar essa experiência. Cada um abrirá no deslize quotidiano uma senda, o abrigo onde respirar é mais do que sobreviver. Ver não basta ao olhar. Pressentir uma solúvel saída é o prazo, o prazer de quem desvenda a inexistência do enigma. Só há experiência e tempo de vida. Tudo o mais são nefárias ilusões das histórias terrestres, imaginações fantasmagóricas de povos sem populações.

A VIBRAÇÃO DA TEIA

Imagens salientes transportam a ideia de uma felicidade social, de um futuro ao abrigo da provação, da verborreia impingida pelos que apontam um furo para se poder evitar a vibração da teia.

Possessos de uma liberdade negociada arvoram o riso do sucesso, da viagem pelos países do prazer, a vida ordenada segundo as leis da criminosa miragem.

Pobres dos ricos que são pobres, A dor não lhes será só do corpo, a alma eleita pulverizada pelos desmandos do ardor, a doença onde de suspeita em suspeita a medicina não acha o remédio ablutor.

É o que dizem as ideologias da poética vingança, da humanizável distribuição. A maldição da injustiça não é profética, a vida poderá ser diferente. Terão razão?

Ninguém sabe o que é a vulgar história. Teorias dilucidam os que parecem lutar por um futuro sem vestígios de memória. Acções são levadas a cabo sem vincular. O presente é um presente da rica escória.

A dor campeia pelo universo da humana população. Morre-se de fome. O esterco invade as cidades milionárias, a pestana lúrida da terra estrebucha no árido cerco.

DA COMPARAÇÃO AO SÍMBOLO

Vazio como um vaso em que a terra promissora poderia acolher alguma roseira, resumo-me a sentir que algo deteriora as minhas comparações, estigmas de uma língua incapaz de advir porética linguagem ou insubstituível testemunho de uma realidade.

Absorto numa estupefacção não muito longínqua da estupidez permaneço petrificado na aliteração do real, que posso fazer para sair deste impasse, que passos vígeis intuirão uma trânsfuga direcção? Olho para todos os lados e não bispo uma abertura.

Encalhado na própria privação confiro à palavra caos todo o seu peso mitológico, triste por advir mais um mensageiro de uma mistificação iludida. A irrisão não deriva do apogeu do sofrimento perpetrado pela solidão de um vaso destituído.

Não posso abandonar a forma, nem o conteúdo. Espero que alguém venha e me enche de húmus, essa espessura de uma substância preludiando a possibilidade da terra na terra do impossível. Não sou um vaso nem me comparo ao símbolo.

Soletro uma voz numa inespecífica vicissitude vulnífica, o que fere foge de todo ao quotidiano, o que me retém não possui um alvo exequível. Regressar atrás não é possível. Vazio faço luz na escuridão que me alinhava de desperdícios.

Esvaído num cansaço doloroso sinto que sentir não é solução, melhor colmatar-me de mutismo.

A MOBILIDADE NÃO É ETERNA

O automóvel leva-me pela rotineira estrada
do sentido dessentido, uma curva à direita,
uma curva à esquerda, uma curva angusta
no olhar em que fixo os parâmetros do real.

Para onde vou não há nem haver nem ser,
nem o fim da viagem é um fim. O incógnito
não é o desconhecido. Um apagão carnal
não entretém uma língua nem um suspiro.

De nada vale emprestar ao que não é o eco
do que foi. Ninguém estará na materialização
de um ninguém, alguém ousará apreender
o incompreensível? Só a imaginação habita.

Desfolhada dos seus convictos devaneios
imagina talvez um outro mundo numa outra
realidade, as religiões servem para religar
uma ignorância a outra ignorância. E depois?

O automóvel não me concede ilusões, vai
sempre pela estrada assediada por outros
automóveis. Movem-se de emoções edazes
aqueles que se estimam. Quem estima o fim?

Não há memória que se faça história do vão
percurso, nem um discurso que se outorgue
um além para lá de um esquecimento avulso.
Vai sem regresso a respiração do tumulto.

O piso da estrada nunca ajudou a passagem
do automóvel, a mobilidade não é eterna.

UMA MEDITAÇÃO ABSTRUSA

A manhã. As frondes das árvores. O céu azul. Um asilo nada mais é do que é. Será possível compreender um sentimento, uma sensibilidade? Tarefas da actividade humana abraçam o vulto da rotina, uma aventura não se revê na ventura. Faz-se pela vida. É o pregão. Apego-me inulto à desmedida de uma constatação vulnífica, eco de quantos gritam que são felizes. Serei feliz? Acaricio a meditação com dados do quotidiano habitável, que vou comer ao almoço? O jantar tolera as suas vitualhas? Não navego. Medido pela metáfora azeda construo uma mentalidade secreta segregada pelos afazeres corriqueiros. Lavei os dentes? Não me lembro. Lembro-me de ter nascido? Saberei quando vou morrer? É neste menos que espaço que faço do aconchego uma meditação abstrusa, terei a lucidez da luz para me guiar nos passos perdidos? A manhã transformar-se-á na tarde. A tarde na noite. Há verdades que nos iludem. Haverá lua? Épocas da história reverberaram na veneração poética, catalogaram pressentimentos de um amor, ser passa de mão em mão como um tempo sublime. A verdade não será uma ilusão? A ilusão quer agora passar pelo padrão de umas presciências desprevenidas? Quem sabe o que sabe? Ignorar é uma sabedoria? Tantas perguntas suspendem num sufoco a minha respiração, arfo no largo limite das minhas posses, onde uma inteligência digna da sua fama? As frondes das árvores são também copas? Os sinónimos serão anónimos? E a manhã? E o céu azul? Que dizer disto tudo?

ROSTOS FRIÁVEIS

Irrelevante revelo um sentido destituído de realidade, a idade não é do previsível homem, a história perfaz no seio corroído o que desfaz da falênciā do amor risível.

Disparatar. Separar as águas das margens incorruptíveis, abrir inundações notáveis para os meios de comunicação, imagens televisivas de mágoas nos rostos friáveis.

Esta é a história do sustentável momento. A guerra erra no soberbo limite da sorte, homens deslizam no chão do isolamento, as armas esperando o sortilégio da morte.

Tanques alcatroados percorrem a inacção do inimigo, onde está o inimigo? Amigo do seu amigo cada soldado de cada nação perde a noção do que faz, onde o abrigo?

Cadáveres silenciosos foram silenciados pelas explosões plausíveis, combatentes corpos estagnados no fluxo dos desejados futuros. A hora é dos azos inconsistentes.

O ocidente perplexo não consegue prever o que não sabe resolver, que fará o labor do inimigo? Esperam que o nada seja ser, que outros paguem no sofrimento da dor.

Assim vai da política das nações agourais, destituídas de sensibilidade perante os ais.

A FINGIR

Um minuto diante do monitor, a fingir
que estou a pensar, a fingir que estou diante
do monitor, a fingir que estou a pensar.
E assim de seguinte. Mas o minuto passou,
em que pensei? Em nada. Este nada só não ressoa
no cúmulo da tarde porque, porque lhe seria
impossível. Vou desistir de escrever?
Claro que não. Tenho alguma coisa a dizer?
Claro que não. Entre o não e o nada
crepito no que palpito, se puder dizer assim.
Poderei dizer assim? Quem mo impediria? Nada
melhor que se sentir livre a liberdade
do momento. Não é ainda o crepúsculo,
é tarde para se estar sentado diante do monitor,
mas que fazer? A vontade não me ata
a nenhum leme do sentido, sinto-me infeliz?
Ousei uma cacofonia? Desde que não seja
caca, tudo bem. Cacos vi-os espalhados do vaso
insano da consciência, espelhos da aridez
arbitrária dos dias. Estou a ser injusto.
Nunca houve um vaso no sigilo flagrante
da falta, nem nada se quebrou ou partiu. Partir
tem alguma coisa que se lhe diga? Nada
tenho a dizer, nem sequer a confirmar o niilismo
quase implícito no abuso dessa palavra.
Sim, o minuto passou e agora decorro
na página precursora de um livro, premonitória
maneira de insinuar uma história isenta,
sem narrativa. Narrativizo o que me acontece,
acontece por vezes que me deixo ir pelo curso
do discurso num percurso ponderado,
aleatório, ocasional e derivativo. A fingir.

O FOLGAR DOS SENTIDOS

Poderá ser a ansiedade acataléptica, poderá ser a curiosidade da senescênci extravagante, poderá ser apenas uma forma do ser se revelar à falta de uma ontologia.

Poderá ser. Às vezes este giro frásico irrompe num supetão imaginante e blatera confissões da palilogia. Se me faço compreender. Eu, afirmo já, não comprehendo. Esta sintaxe não arreda pé, finge que pode passar despercebida, mas o que é fingir? A fuga para a frente não se resume a um passo atrás, ou resume-se? Sempre pensei que o emprego do termo “mimetismo”, que me alberga, fosse minimamente compreendido.

Mas não. Os dicionários digitais são só consultados para banalidades obtusas, ninguém quer ir ao âmago das coisas. Será porque as coisas perderam o seu âmago? E isso foi possível? Como? Se demoro algumas palavras nesta recreação é porque não vejo o tempo passar nestes instantes intestinos. Ver não é evidente para quem ouve o sol cair numa lassidão intemporal, indiferente à falha que culmina no falhanço desta prosódia sibilina. Adumbrado pela redundância catapulto-me ao som do silêncio, como muitos o fizeram. Não darei nomes nem figuras. Afigura-se-me natural perpassar pela cultura baixa da sociedade multifária, antolha-se-me fundamental eclodir nesta rima intempestiva. O anseio desapareceu, a curiosidade continua. A velhice é um dado adquirido. Diz-me o folgar dos sentidos.

DO TUDO AO NADA

Paradigmático e sem jeito começo a escrever com a sensação intuitiva de que eu não sou verdadeiramente eu, embora concorde que a verdade não é para aqui chamada. Poderei responder à chamada, ainda por cima, como aliás por baixo, prosaica? Haverá, algures nesta periferia do redor, alguma coisa que queira ser dita? Nada ouço. Vejo embevecido a tela que me acena num despropósito realista, que terei que fazer para a agradar? Enchê-la de garatujos? Ou de fragmentos tão difusos que poderão até parecer que são profundamente profundos? Profusos. Radicais. Raízes e Portos, é o título celular de um livro inédito como aquele que o escreveu na juventude do logro biológico e social. Socialmente dita uma desdita nunca permitiu a quem quer que seja que fosse o quer que seja, é chato ter que passar por estes simulacros do labirinto, só tem a perder a estética. Mas tu ainda acreditas em estéticas, perguntou-me um professor enquanto carregava no acelerador do seu velho automóvel. Foi há mais de vinte anos, em Massachusetts, se não já em Rhode Island. Acredito, foi a resposta, se não forem injunções anteriores ao facto. Não sei se o convenci, mas lembro que não se tocou mais no assunto. Há assuntos que nos ultrapassam. Certo, haverá sempre trapaceiros que debitarão teses sobre o quer que seja, este seja corresponde ao quer? Uma pergunta quase profunda, ó ironia disto tudo. Do tudo ao nada vai um todo.

O CORPO ESPECTACULAR

O corpo ainda espaçoso depois de um banho
quase sempre semanal, a pele, e os seus poros,
tem que ser poupada, dizem os dermatologistas
mais radicais aos velhos. Sou um velho.

Não trabalho há quinze anos. A segurança
social, sempre imprevidente, já me pregou
partidas, a pensão oscilando consoante os auges
dos governos politizados. Não vou revelar
ao nada da não leitura o montante da pensão.

Pensariam, como pôde sobreviver?

Se soubessem ficariam tristes, pelos menos
alguns, outros diriam que sou um homem rico.
Entre a pobreza e a riqueza que se digladiam
nas mais diversas opiniões vou tomando
os meus banhos semanais com a alegria triste
de ter que me ver nu diante do espelho.

Um espetáculo pouco salutar. Um pouco
abjecto? Acho que não. Nunca compreendi
o que se procura dizer quando se emprega
o termo dignidade. Digno de não ser visto
nem surpreendido na minha nudez, acalentei
apenas a resignação de quem sabe que, mais dia
menos dias, vai morrer. Não fico triste.

O futuro é um fechar dos olhos para sempre.
Um apagão. Intumescido por este paleio,
que nem se atreve a ser de chacha, continuo
dardejando nesta tela filmes de inultas
películas tão transparentes que até parece, digo
eu que não penso, que estou, epifânico
e multisciente, diante de uma incandescência.
Quase teleológica, um pouco monstruosa,
convenhamos. Não deixa de ser espetacular.

UM OUTRO PROBLEMA

Assim vai da vida desacontecida, a vida inautêntica que fazia estremecer de indignação o filósofo do século vinte desta era. Não vou revelar o seu nome. O inominável, porém, é uma charlatanice. Serviu de título a romances impotentes, talvez mesmo escatologicamente masturbatórios, mas é um outro problema. Que não desejo abordar, sobretudo aqui, neste casulo de intempéries fictícias, fáceis de serem detectadas por uma olhar mais acutilante. A acuidade não percorre esta vasta planície incomensurável, a estultice significa muitas vezes o delírio inteligível de uma argumentação tantas vezes lógica. Nada a fazer. É onde me sinto bem, neste nada da liberdade de acção, levantar-me e depois sentar-me, sentir no cérebro acusmático palavras tentando edificar linhas sintagmáticas, inócuas na sua pragmaticidade convulsa e convoluta, já agora. Já agora? Não é o título deste livro? Vou ver. É verdade. Mas aquele parêntesis perturba-me, “do mitridático ao epulótico”, é coisa que se escreva, que se diga, que se pense? Felizmente a inteligência artificial rediz que o autor está no seu fim. Extinto, fossilizado antes do tempo. Antes do tempo? Expressões que me devolvem o desejo de ser expressivo nas impressões sensuais que devoram o silêncio. O meu silêncio. Só meu. Silêncio instático onde evoluo sem precisar de viajar. A pessoa que pôs em questão como antagónica estes dois termos era um palhaço, um tradutor de enigmas, de mitos e de falsificações significativas. Se acreditasse na existência da alma, diria, paz à sua alma. Os mentirosos também podem ser génios.

UM COMEÇO DE VIDA AUDAZ

Problemático predisponho-me a não ser eu, a fingir que uma distância desperta pode instalar-se no mecanismo do dever que se deve à consciência ainda liberta.

Mas o mecanismo não é a manifestação do desumano, do pós-humano, do intra-humano, para não dizer numa definição atrevida, inumano. Uma ilusão pelintra.

Ocluso em halos de insonte impotência o pensamento pensa que pensa, disfere um jacto de jactância, ocupa na ciência um lugar sem tempo, sorte que nos fere.

Ferir é um acto que de tão banal perdeu o seu assento nos dicionários vulníficos, quem se importa se o auge é um apogeu? Quem não adulga os momentos miríficos?

Quem não é um terapêutico masoquista? Aceitar a vida capitalista no seu invicto materialismo explorador não se enquista num abstruso nada, de si pouco convicto?

Não ser eu é-me impossível. O alcance não são os outros semelhantes, essa voz dos diálogos filosofantes. Noutro lance ter-se-á que encontrar uma via para nós.

Feliz do que não é feliz. A estupidez faz do que desfaz um começo de vida audaz.

IGNORANTE DA SUA PANCADA

Falamos uma língua diferente,
diz-me ele, muito calmo. Como, quando, onde?
Pergunto quase assustado. Minha mente
se não mente ouviu o descalabro. Que esconde
uma afirmação tão destituída, tão ausente?

Que língua haverá por aí, pensei, capaz de ser
ainda língua, mas diferente? Por favor,
peço-lhe comovido, dá-me um exemplo. Viver
é essa língua, responde-me com fervor,
contemplando nos olhos o facto de haver.

Replico, agastado: Paleio de chacha!
Não comprehedes nada, foi a resposta evidente.
Fustiguei minha estupidez na cálida acha
de um fogo ctónico, animado, ciente
de que estava a ser aldrabado. Abri uma racha.

Põe-te a andar, disse-lhe. É essa a liberdade
que concedes a um amigo? Não soube
que responder. Fiquei vexado. Que futilidade
a tua dizeres-me que a vida fala! Ouve
bem o que te digo, só há silêncio e crueldade.

Sorriu como se apresentasse um mundo
diferente diante do meu olhar. Mas a língua, essa,
não surgiu na comissura dos lábios. Um fundo
de desprezo assomou ao meu sangue. Peça
de uma tragédia vi nesse amigo um vagabundo.

Põe-te a andar, repeti. Sem me dizer nada
virou-me as costas, ignorante da sua pancada.

ASSIM ASSIM

Não sei mais soletrar o meu nome. Mudo perante o fora que é paisagem, olho em redor, tomado por um assalto da ausência.

Anónimo no mais fundo do mundo tudo me parece distante, um sibilo de uma dor, a exposição extrovertida de uma percuciência.

Onde estarei? A pergunta ressoa na brevidade do sol ameno. Quem serei? Incapaz de sentir o quer que seja procuro apenas um ponto onde me possa equilibrar. Mas a boçalidade do instinto arvora o seu poder, pressentir que se está a morrer deixa-me um pouco tonto.

Vou cair neste chão da história, é a sensação desgovernada, o corpo já indefinido, a pele transpirada. Vou cair na surda morte. Lanço um olhar postremo à desproporção que me rasga, nenhum clarão do vago sentido alcança o alcance de uma desmedida sorte.

Acordo esvaído em suor. O pesadelo arcaico demora na memória do momento. Sou o que sou, repito como se houvesse uma hora para poder edificar-me. No escuro prosaico dardejo os meus olhos. O silêncio onde estou desprende-se da recente aventura, vivo do fora?

Meu nome tomba sobre mim como uma chama. Ardo na solidão da cama deserta. Em mim desfloram-se um encontro e uma aurora, a trama que me convida a erguer para um assim assim.

O CREPÚSCULO

O crepúsculo não é vivido como um isento exemplo da queda, o sol não sacoleja no celeste limite do céu, pertence ao universo lento onde escabujamos entre um oriente e um oeste.

Mas a luz encapuzada faz doer o coração de quem não comprehende a natureza estreita, será que se é capaz de uma emoção sem receber do sofrimento uma suspeita?

Suspeita de quê? Que quê existe nos degelos do sentimento da realidade, que realidade abre o real nas multifárias facetas dos desvelos, que ser humano ganha a sua humanidade?

A noite aproxima-se lentamente da finda tarde, é tarde para se discutir se o símbolo capta a imagem visionada pela ustão do que arde ao sabor de um vento e de uma ideia inapta.

Sofremos o que gozamos. Não é uma sentença. Gozamos o que sofremos. Não é um abonatório enigma. Perdida a Grécia não somos pertença de nada, nem da ilusão de um aceno cunctatório.

Passamos pacíficos obreiros daquilo que não nos pertence. Cansamo-nos para sustentar a riqueza do alheio, alienados pela corrupção pensamos que podemos refugiar-nos no lar.

O crepúsculo é já um opúsculo antiquíssimo, nele não se pode ler nada. No nada está a lei.

A NOITE DA PELE FÁTICA

Noites que não sintetizam a noite,
espectros risíveis de paradigmas alucinantes,
de onde vem o que vai na enxurrada,
indo sempre adiante do que se espera sentir
para nos sentirmos seres humanos
ainda efectivos na frequência do tempo
da afectividade. Pergunta ou afirmação? Ignoro.
O jogo não se traduz nem num jugo velho
nem numa brincadeira infantil, o subtil desejo
de se viver na constância dos instantes
é mais forte que a falênciça do desânimo.
Prolepe do que nunca será reconheço a vinda
desses acusmáticos temas emocionais,
afinal sou ainda um homem, mesmo se
a condicionalidade da impressão
case muitas vezes com acasos inesperados.
Noites diluviais sugerindo configurações
onde não posso entrar nem eclodir,
que barreira, que muro, que membrana
me impede de formar um casulo onde pudesse
abrigar-me da sensação de um abandono?
A solidão não me faz medo. Medido
pelo que aufiro de liberdade, mesmo se parca
e desvirtuada, fundo-me na escuridão
como se eu próprio fosse uma luz luzidia
tauxiada na sua própria realidade.
Mas não experimento uma contradição
invasiva, coexisto no que existe constatado,
a percepção é bem-vinda e eu sou demorado.
Sem rumo numa rima abrasiva colho
apenas a aprendizagem de uma passagem,
poro fluxível abrindo a pele fática.

NEM É TEMPO NEM É ESPAÇO

Pedaços de peripécias fragmentadas
em segmentos da história pessoal esvoaçam
sem pressentirem qualquer noção de pássaro
ou de ave, a nução introvertida de uma sensível
intromissão no domínio do nominável.
Extravasar não expõe um infinito.
Não há nada de ilícito na escrita expedita
da extravagância, há quem prefira o calor
de um centro, como se a mãe ainda fosse viável.
A mãe nem é passado, nem presente,
nem futuro. Nem é tempo nem é espaço.
Foi o que teve de ser. O ser do amor materno
não é íntimo nem eterno, só os fracos
se ficam pelas recordações anestesiadas.
Não é um mal sentir-se uma falta.
Mães e pais florescem nas biológicas artes
do instinto, é uma lei sem legalidade.
E depois? Depois quem escreve sente-se acha
de uma fogueira da insignificância, arde
na inestimável intemperança, sorri
do disparate. O sentido brota intuitivo
com a displicênciade quem não tem
que dar uma explicação, sobreviver pela palavra
poderá ser uma ilusão, é uma constatação
nos livros que desobedecem à ganância
contemporânea. Não foi sempre assim, pergunta
o astuto leitor, mas onde, se a vacância
destronou o vazio das leituras apaixonadas?
Dar aos sentidos do corpo a genialidade
de uma presença inofismável, o problema
reside nesse sexto sentido que se instala
como um absoluto. Perecer no nada ingente
confunde muita gente, mas a velha
metamorfose deseja agora vestir a pele
de uma palingenesia indisfarçável. Servir

de exemplo não serve de nada. Tudo parece respirar uma abundância de acertos habituais, ir por ali não é o mesmo que ficar absorto no absurdo desleixo do queixume, quantos não se perderam na ficção deles mesmos, quantos não pensaram salvar-se na intrusão de um desmame? Tudo rodopiando no remoinho da turbulência intelectual e emotiva, reflexos não são ainda amplexos, talvez nunca o sejam na plenitude incomensurável. A experiência não tem vida própria. Avançamos de declives em ascensões céleres, a queda não é uma paragem paradisíaca. Nem sequer é queda, para os sensatos desfechos da existência. Homens e mulheres foram já crianças, aprenderam a sentir e a pensar, mas o quê? E com quem? O planeta não é uma terra de ninguém, quem se arroga ao direito de ser seu proprietário? Poucos convencem os demais que também poderão ser poucos, a armadilha escorre um sangue espesso de peste e fome e doença. Não nos podemos fiar ou confiar a um princípio. As filosofias fazem-no, deixemo-las fazer. São só filosofias, argumentos desprovidos de vida, da experiência comunal. Intelectuais deslizes onde a inteligência se abstrai de sentir o que vai pelo mundo fora. Mas é aqui que vivemos. Não nesta página conspurcada pela necessidade, mas neste aqui que subsume todos os lugares onde os homens e as mulheres labutam, na dor, no sofrimento, algumas vezes no escasso prazer. Somos muitos aqueles que poderiam, se quisessem, tornar a estase numa palingenesia.

UM TRAÇO DA EVIDÊNCIA

Repetir é como plagiar um traço
da evidência salutar, é abarcar
num ingénuo e genuíno abraço
a presença do real, não o altar
que substitui a essa no espaço.

Essa é a percepção do sensível
que inaugura um olhar, viver
na amargura é um desprezível
mecanismo do funéreo poder.

Escrever o dizível é uma acção
para toda a vida, sentir o viço
do que acontece, não o escalão
das ideias feitas num movediço
invisível, o absoluto da razão.

O pensamento não é irracional,
como pretendem alguns. Dita
a escrita, é no dizer que o mal
desaparece numa triste desdita.

O prazer de ser acolhe o ausente
no seu lar. Repetir uma língua
não desvirtua a alegria presente
da aventura que vive à míngua.
O amor aflora em quem o sente.

Há caminhos que não desfazem
a dor. Dói dizê-lo com candura.
Só trilham a via os que a fazem.
Fazer poderá ser uma vígil cura.

O VENTO E O NADA

O vento, infelizmente, não inventa nada.
Afugenta apenas os pássaros das copas das árvores.
Poderei arvorar-me a alguma coisa?
Não sinto o calor que deveria existir, segundo,
pelo menos, o boletim meteorológico.
Não nos podemos fiar em nada. O dia de hoje
deixou de ser manhã para irromper
na tarde, logo, estou numa tarde do mês de junho.
E é assim. Assim? Assim como? Não vou
dizer que não sei responder. Que inventar?
Estou como o vento. No turbilhão talvez de um vento
da loucura, se isso ainda for possível. Duvido.
Ninguém nas ruas. Poucos automóveis
estacionados. As pessoas trabalham, produzir
já é um outro problema. Problemático. Político.
O país lá vai de perquirição em perquirição
tentando desvendar o que aconteceu.
Como se isso fosse possível. Há mentira
em toda a verdade, quem foi que o disse? Importa
reconhecer a origem do desconchavo? Abro
uma portada para recolher a roupa. O sol quente
esvazia-se na ventania que faz, o apartamento
contudo ainda está frio. No verão é um refrigeréio.
No inverno uma conta de electricidade
danada. Não, não vou elaborar teorias icásticas
e acutilantes sobre o nada, basta-me tudo
o que me rodeia, este mundo de mundos feitos
ao jeito de uma jornada. Para onde vou?
Vivo dia após dia para um fim desengonçado,
temo o fim? Não estarei cá para responder.
Não ser vento ou uma árvore, mesmo se ameaçada
pela incúria política dos poderes abstractos.

UM MOMENTO ENTENEBCRIDO

Um momento entenebrecido não recusa a luz
nem a luminosidade acinosa, uvas de uma sensibilidade
mais dada ao desespero do que à alegria.
Não faz sentido? Mas como, se foram os sentidos
que me ditaram essa frase? Não digo meditaram,
isso sim, seria uma estultice. Sinto-me
quase preso a mim mesmo, não consigo fugir
à minha presença, presencio as coisas nas coisas difusas
como se apresentam aos meus sentidos.
Onde paira o pensamento? Quisera sabê-lo.
Sabe-me a tudo tudo o que escrevo neste desplante
do vocábulo fácil, não corro atrás do atrás
nem da frente, especado nesta cadeira contemporânea
exerço a minha hominalidade com um acervo
de textos que não testemunham nada. O real
confunde-se muitas vezes com a realidade, concedo,
mas concordo? Não haver uma música agora,
agora mesmo, agora já, uma música que me despertasse
desta vigília inimiga do sonho genial. Vou
recapitulando as intempéries da minha vida, sou
desprovido de inteligência ou de sabedoria? Confesso,
sou. Entenebrecido pela brevidade da escrita
escuto em cada palavra um som sem voz,
eu que amo a voz humana como mais ninguém.
Exagero. Eis um traço da minha personalidade. Exagero.
Verbo ou substantivo? Vá-se lá saber! Talvez esse lá
não exista nos confins da lúdrica possibilidade,
já o pespegaram ao ser e os resultados foram funestos.
Ai daquele que se meta com o ser! Sairá chamuscado.
Os lugares comuns e prosaicos não fazem
dos versos prosa, nem da comunidade humana
uma brejeirice da história. Entenebrecida, a dor deplora.

UM APANÁGIO DA IDADE

Divago e divulgo em divergências sensuais
as apetências de uma comunidade,
saberei ao certo em que predisponíveis manuais
poderei desenvolver um apanágio da idade?

Épocas passadas vislumbraram civilizações
histéricas e ecuménicas, haveria alguma estética
na construção de medos e de ilusões,
ou só o poder do engano de uma fatídica ética?

Histórias recentes mecanizaram as guerras
em arremedos de armamentos, matar o mais
possível dentro dos tratados e das álgidas berras
onde campeava o flagelo dos demais.

Culpa? De ninguém. Lá se foram os concertos
das nações, as apologias dos sofrimentos.
Esvaídos em cinzas os incertos
cadáveres mumificavam-se em monumentos.

Viva a pátria, entoavam os que iam morrer.
Músicas intestinas exortavam a morte
a comparecer nos campos lúteos do entardecer.
As campanhas dependiam da anabática sorte.

Nem um apodíctico “Salve-se quem puder!”
Civilizados em menstruações inibitórias iam
esses homens em convulsos apitos do mister,
livros inúteis onde as lágrimas caíam.

Divulgo no que divago alguma coisa? As vidas
são vividas como arcos de alucinações despidas.

DA HIPOCRISIA DO SABER

Mas o calor, amor, o calor opalino
onde nossos passos possam louvar
algum relevo do despudor sibilino
que nos deduz nesta maravilha solar,
vem do sol divino, cálido, uterino,
que governa o sentido vero de amar.
Já a lua flutua numa outra dimensão
da consciência, desmaio da isenção.

Pobres das místicas manifestações
que apoucavam a realidade ingente,
os mundos perfeitos dos aldrabões
não acumulavam a sorte coagente
que confundia as gentes de ficções.
Soou alguma vez a voz abrangente?
Mas, amor, o poder que ama o poder
é mais forte que o receio de sofrer.

Não estou a ser exacto? Mas, amor,
quem poderá abreviar um discurso
da complexidade intraduzível, a dor
será uma resposta, um raro recurso
para a apoteose do ilícito esplendor?
Amor, esbracejamos no breve curso
de outra aurora, e o que é a demora?
Se não o é, o que é devora esta hora.

Sejamos cordatos na injustiça. Ser
desmente a desmedida, a medida
nunca existiu. Existiu o amor, ver
os outros como distância, urdida
membrana da hipocrisia do saber.

NA CEGUEIRA

Na cegueira mais exacial traduzo o translúcido
clima da fidúcia, essa acuidade indecente
impondo ao instante o momento de uma forma.
Informado pelo real obsidiante exulto
e exorto a capacidade de transgredir as leis
do que ainda chamam de destino, mas só atino
com o atinente luxo da ambiguidade.
Omissio escolho a decepção como carisma
e passo muito lentamente para o verso seguinte,
gozar esta paz plural e plurívoca, sentir
que não necessito do pensamento para urdir
uma divagação pretendendo usurpar à meditação
os louros de antiguidades delidas. Ignoro,
sinceramente, se estou onde sou. Desfaço-me,
na frase aduzida, de velhos conceitos
emocionais, exponho-me à disponibilidade
pragmática, consciente que não há no explorado
mundo de hoje explosões críticas. Sei
o que digo? Tudo, mesmo a exação, faz sentido,
duas palavras auferem uma compreensão
tão feliz como abrasiva. Não ousarei sugerir
que me abrasso em cinzas intuitivas, a inclusão
da retórica no discurso decorre de hábitos
que ainda nos habitam. O todo sensual devora
a possibilidade de acertar com a memória
do presente, não há ofertas votivas sufragando
uma liberdade difusa. Inadjectivo elaboro
uma casa onde moro, a vida de todos os dias
aflora como uma amostra do zelo eterno
que nada me diz. Transpus o sofrimento da dor
em milhares de palavras. O susto, o medo,
ganham em mim uma outra perspectiva. Amei.

17/6/2023

SENTIMENTO DE UM FUTURO

Demorado na inconclusão de uma peripécia mais ou menos estética, mais existencial que teórica, debruço-me sobre o chão actual da realidade onde infiro uma desproporção ignorada pela harmonia. Evoluo no avanço de uma ausência tentando a experiência breve de uma presença, presentifico-me no afago onde me diluo num menos que corpo próprio. Que sinto? Dessinto. Os sentidos destoam com os embotados eclipses das elipses vagas onde me incluo numa sucessão de apelos quase mudos. Não chamo por ninguém. Só lamento que a proficiência não seja o ardor de uma tentativa de saída. Obnubilado, dito um conceito indiferente à sua noção, ouço berros intestinos na luminosidade da manhã, estarei lúcido? O real desrealiza-me. Frente de um atraso milenar milito pela recuperação de um auge, já que o apogeu me está vedado. Toda a palavra que se finda na *logia*, penso, por exemplo, na analogia ou na apologia, faz estremecer de raiva a razão que me dilacera. Sou capaz de uma tristeza plena na alegria? Avanço numa dança rendilhada, a ctónica abreviatura da catástrofe não deseja abrigos nas minhas explorações singulares, o centro desmembra-se como uma tautologia circular desconhecendo o seu valor hermenêutico. É na voz que tenho de me fixar, numa emoção desperta, num carinho e numa carícia. Onde um corpo que não seja só um porisma? Abro a sensibilidade ao sentimento de algum futuro.

17/6/2023

SONETAR A VIDA BANAL

Vou tentar sonetar neste breve
desmerecer da hora, o instinto
sobrevivendo à amusia leve,
o desejo um auge do labirinto.

Sou aquele plinto que escreve
que escreve, um órgão sucinto
na plenitude solta onde se deve
procurar o discurso indistinto.

A presença de uma distância
faz-me sentir o recinto zeloso
do perspicaz clamor da ânsia.

Olho embevecido o especioso
deslumbramento da tolerância,
tudo se resume ao alegre gozo.

Atento ao que não digo, tudo
colhe da palingenesia coeva
uma impressão do conteúdo
onde prospera a distinta treva.

Ouço a música da passagem
que brota do tempo, a icástica
imagem não traduz a alagem
que arrasta a obra fantástica.

O soneto deixa assim de servir
o clássico testemunho do real,
paira na página como um devir
incapaz de pensar a vida banal.

SONETOS DESMESURADOS

Insisto neste desfibrar de sonetos
que se perderam na acre voragem
do tempo, estados suxos, insuetos,
de miséria e de invicta carnagem.

Abraço-os numa exaustão isenta
e comovente, nostalgia dormente
de um que foi ferido na placenta
que a memória trucida e consente.

Mas as cinzas não são fogueiras
desaparecidas, restos do descaso,
parecem mais fúnebres bandeiras
de batalhas que não tiveram azo.

De nada vale chorar o sofrimento
e a ausência, tudo é voraz intento.

Nem a história nem a melancólica
memória abrigam um instituído
fulgor, um esplendor da simbólica
escória onde jaz o sedutor ruído.

Avança-se na cegueira alcoólica
como ébrios desenlaces do fluido,
pensamos uma medida diabólica
no sentimento que será destituído.

Depois, é o mutismo. A inusitada
percepção da perda, o frio temor
de um acabamento. Desmesurada,
a ilusão persiste na ultrajante dor.

NA INCLEMÊNCIA DA CRUELDADE

Deslizo quase liso e rente na aparente audição
de uma música, intuo cada sóbrio instrumento
que desposso, penetro quase selvagem
na inclemência da crueldade onde desaguo.
Não há água que me solette uma vigência aberta
ou realista, não há mundo onde há terra,
aterra por vezes consentir-se um sentimento
onde não deveria irromper a inanidade de sentir.
Mas penetro quase sensual, quase sexual,
numa dor que não me pertence, o corpo alivia
o pensamento absorto e abstruso, escrever
um fundamento nesse inexistente fundo colhe
em mim uma derisão ingente, independente
de quem sou ou julgo ser. Existe essa música?
Uma aluvião de amálgamas deseja vivamente
pertencer ao recinto das emoções devolutas.
Terei tempo para absorver a realidade desta hora,
a incandescência miraculada do fora? Terei
pachorra para testemunhar o que não aceita ser
um testemunho? Deluzido pelo arbitrário vez
do acaso lanço-me inflexível na desrazão
do olhar pervertido, são tantas as sensações
inóspitas, tantos os destemperos da sensibilidade,
onde merecer uma pausa para poder gozar a paz?
Perdido na perda da perdição aufiro da queda
e do abandono, ir mais longe é uma vesânia,
não ir cauchona a imagem deturpada do cadáver
que permanece ainda moribundo. Tudo faz
sentido quando é sentido. Nada faz sentido
quando é pensado. Se pudesse parar, calmo
e isento, por um instante, e ouvir a música
que entretenho no entretecido de um repouso.

A ACALMIA DO VAZIO

A acalmia, esta intuição de um passado
passando por um presente, por um futuro.
A acalmia numa pacacidade dos sentidos,
evoluções de imagens deslizando sem retinas
nos olhos de uma estranheza adstringente.
Mas fecho os olhos para contemplar os ardores
da escuridão fictícia, finjo que já fui jovem,
finjo que já sou velho, fujo da desprovida
realidade e prorrompo ininterrupto como ideia
quase indecente. Comparo-me com a analogia.
Hipnagógico desconheço o que me atrai,
o sono do sonho previsível é uma tolice.
Acmástico como estou reconheço que a palavra
nem sabe se é um adjetivo ou um substantivo.
Desconfio dos verbos contemporizadores.
Faço-me acompanhar da catacrese sem poder
sentir se é uma crise ou um espasmo, espanto
é não compreender a fuga em frente atrás
de uma solução para os estilhaços de mim.
Não são as ruínas românticas que me induzem
na paz da natureza, as copas balançando
tocadas pelas brisas do crepúsculo, saberei
intuir uma intuição contemporânea do que bispo?
Há quanto tempo mantengo os olhos abertos?
Adjectivos hiante e hiulco surgem no horizonte,
a terra sempre acolheu a beleza como uma lei
inaugural. Inauguro-me? A acalmia. Sentado
na espreguiçadeira nem me dou ao zelo
de me espreguiçar, basta-me abrir e fechar
os olhos, basta-me baster. Não estarei a mentir?
A certeza é uma dúvida. Dividido, não contenho
multidões, amigo Walt, amigo Bob. Sou vazio.

UMA VOZ DE MULHER, UM PIANO

Love in Exile, e uma voz de mulher dissipa-se numa acalmia racional pelos recantos da sensibilidade contemporânea, fazendo-me crer que estou no oriente da minha mais drástica impossibilidade. O álbum tão recente como provir de 2023. Se fosse música talvez a minha vida fosse um pouco diferente, ouvidos possuo para ouvir, mas haverá uma verdadeira emoção nesta beleza despropositada? Afinal o mundo desobedece a uma harmonia, desconhece a melodia que talvez o pudesse fazer humanamente habitável. Mas gosto. Do gostar não posso arquitectar um valor que distinga esta música de outas músicas mais ou menos fáticas, só posso murmurar, talvez movido por uma imanência independente, que gosto. Há um piano que sobressai, mas a voz é, será sempre a voz “that is great within us”, como pretendia Wallace Stevens, fragmento de um verso retomado por Hayden Carruth para encabeçar o título da sua antologia “American Poetry of the Twentieth Century”. Século a século percorre o tempo a sua nomenclatura catacrética e inexplorada, e nós, humanos em dias melhores ou mais tolerantes, ouvimos do amor no exílio as manifestações mais fantásticas. O piano deve ser de Vijay Iyer, se não me engano, a voz não sei de quem é. Uma pena. Entretanto a manhã nem decorre nem passa, extática numa névoa amena não precisa da música nem do piano para viver do que é, essencialmente uma manhã. A natureza que se move não se comove com expressões calmas dos que se dispõem a sentir que no exílio o amor é viável, talvez até inultrapassável. Eu, que demorei no exílio cinco ou seis anos da minha olvidável existência, há muito que abandonei a ideia de exílio. Como disse o outro, tudo é terra, as fronteiras são delírios da loucura concreta, fixações do medo

que assalta as populações de uma língua milenária. Vivi em tantos países, tentei aprender algumas línguas, mas só encontrei homens e mulheres e crianças como em toda a parte. O resto são fantasmagorias, paleios de chacha, enganos também milenários, obtusos olhares para o que é. O real é planetário, abusando poderia até dizer, universal. A manhã e a voz feminina não se confundem numa analogia poética, fundar fundamentos são tarefas para as religiões do facundo pensamento, da inorgânica sensibilidade. Tomara que esta música chegasse à tarde, entrasse pela noite, permanecesse sempre como uma companhia. Não, não tenhamos ilusões. A qualquer momento esta voz e este piano findar-se-ão deixando-nos num leve abandono, exauridos, embriagados e sujeitos a uma ressaca. Salvem-se os sujeitos da alegria e do sofrimento, a dor não é para aqui chamada, voz sem som distila da carne e do corpo a sua chama, a sua chamada. Se fossemos objectos não seríamos. Em vozes humanas perdi-me,achei-me, introduzi uma dimensão quase apocalíptica, uma desmesurada revelação que não me serviu de nada. A manhã permanece enovoada. Eu continuo emocionado, jaz onde ou em quê a incomensurabilidade do amor, da amizade? Só neste exemplo de jazz? Um carinho insuspeito suspende-me no instante do momento, mas a música precisa de contínua continuidade. Sim, sim, o piano também almeja ser voz, a comunidade dispersa-se num desejo prazenteiro, só o prazer concede aos animais que somos a liberdade figulina que nos acalenta e fere. Gozar este infinito verbal como uma opacidade de um delito consumando-se na eloquência de uma presença, não me entrego à necessidade de uma eternidade, a hora e o segundo bastam-me. Basta-me ouvir quem sou no que soa.

UM CHORO PLANETÁRIO

Um choro planetário tenta acomodar-se ao sentido da minha consciência, mas não posso aceitá-lo. Aqui já há sofrimento que baste para me sentir ferido e subjugado, a fragilidade é uma presença tão descomunal que receio mesmo mencioná-la.

Viro-me para o fora, não o fora bispado pela janela, mas o fora que não se contrapõe a nenhum dentro onde pudesse refugiar-me. Não conheço o dentro nem um dentro de mim, serei um solitário? Serei alguma coisa? Um homem, cicio, digo, um homem.

O homem do fora. Furo fluxível na aliteração breve, escusada, que língua humana saberia amar-me mais do que eu a amo? A reciprocidade é uma invenção, há sempre um mais, um a mais, há sempre mais ou menos, um menos, um a menos da tangibilidade.

Abrir os olhos devolve a desilusão e a amargura, em que ponto do globo se engloba a fácil felicidade onde pudesse exaurir o desejo de outra coisa? Ser um outro nada tem que ver com a perda ou a sorte da identidade. Não me identifico com este mundo.

Mundifiquei-me em esforços da disponibilidade, abri meu corpo à possibilidade de um futuro, os muros estão em frente como se um atroz atrás fosse mil vezes mais poderoso e inteligente. Estendi mãos que não foram tocadas por ninguém.

Ou só alguns. Amei-os até à ausência do sentido. Do sentido trocei como um prisioneiro perseguido.

PERIFRASICAMENTE

O sol tem sido um amigo luxuriante, vejo-o quase todos os dias do ano, não o adoro como os antanhos, mas sinto que sem a sua proficiente luminosidade a vida que me coube teria sido miserável. Miséria basta a da condição social. E paro. Parei segundos de nada ou um minuto bem contado, recomeço agora a escrever sem ter a mínima ideia do que acontecerá a este porisma matinal. Ainda nada aconteceu. Certo, levantei-me, fiz as ablucções do costume, depositei os olhos na breve internet, e estou aqui a escrever. Se isto fosse um poema modernista não seria coevo nem mesmo moderno, se fosse um poema sofrendo o pós-modernismo não seria nada. É um porisma, inclui-se na indecisão e hesitação paratácticas, não ignora a hipotaxe quando ela irrompe como fluxos de elos sintácticos dando lugar a ecos intumescentes que se entrechocam ou se ligam em compreensíveis casamentos com a crueldade dos inacontecimentos que por vezes acontecem. Eis um exemplo fortuito da deriva hipotáctica. Como na guerra, meus textos expelem uma profusão de tácticas, sobreviver solta a inventiva em vibratilidades que sonham fecundas com emoções, comoções, sensibilidades atinentes ao mericismo. Não se nota? Tudo demasiadamente abstracto? O concreto na sua variedade cimento faz que evite a ossificação petrificada, não quero ficar submerso nesse lodo artificial como aconteceu, sei dos filmes americanos, a tantos crimes ou vinganças dos assumidamente criminosos. Vou dizer que sinto alguma coisa? Que todo o meu ser (deixa-me rir) é um diapasão do amor, do desejo, do húmido prazer? Não, não vou falar perifrasticamente de um coração.

20/6/2023

NÃO VOU DIZER QUE IGNORO

Trago estupidamente fora de mim o que me traga com uma violência canibal, não consigo expungir a presença de um mal que me indefine, me demora, vou tacteando paredes frias como se este intolerável “como se” trouxesse a liberdade que me evita e não me configura.

Não percebo muito bem o que estou a escrever agora que deveria estar a fazer qualquer coisa de mais útil. Verdade que foi a dor, ou a falta, ou o que quer que seja, que me expeliu para a superficialidade da língua, mas a limpidez da comunicação perde com estes engulhos ilesos e temáticos.

Poderei remediar esventrando-me numa exangue metamorfose ávida de sensações e aborrecida com conceitos que procuram justificar o injustificável?

Não vou dizer que ignoro. Mas ignoro. Não sei deslindar da experiência da realidade um aceno mais ou menos profundo, novo, coerente, assumindo a sua inexperiência e o seu zelo, o mundo abarrotado de ideias e de argumentações filosóficas não merece da minha parte conivências que possam colaborar com as ilusões perecíveis da época. Já bastam as *epochés* bem-pensantes.

Quem as compreendem comprometem uma abertura de se tornar uma deiscência, impedem a redundância que nos desmente como seres sentientes nos calabouços das imanências evidentes porque teóricas. A prática de escrever, de vir escrever, é muito mais radical que a prática da escrita. Entretém a existência com problemas que não iludem as repercussões da intrusiva dor.

POBRE DESSA VOZ

Um silente estremecimento da voz
colmata o fosso do devaneio isento,
ninguém ouve esse enleio, esse atroz
atrevimento da delícia, um lamento
não merece o derrame livre da foz.

Mas a voz culminou no convincente
arpejar de uma demora, revoluteou
como um enredo sem história, ente
de uma ontologia que não se revelou.

Uma insolente voz nada quis dizer,
desejou apenas desdobrar um nada
em mil expressões, quis permanecer
como uma possibilidade desalmada
do que se alerta ainda como um ser.

Pobre dessa voz, desse vulto exótico
bailando nas convulsões da desrazão,
procurando no seu repassar epulótico
uma carícia na divícia da resignação.

Tudo que vociferou a voz em gritos
suculentos se perdeu na adusta ruína
da contemporaneidade, sons aflitos
infligidos pela realidade aruspicina,
sofrimentos adictos de ecos adstritos.

Resta dissoluta a voz entenebrecida,
um apogeu onde um eu quis retomar
a existência, uma forma já consabida
do mundo despossuído e impopular.

20/6/2023

“JÁ AGORA” TRADUZIDO POR “IT’S ALWAYS NOW”

Curioso pelo título, “It’s Always Now”, disponho-me a ouvir este disco do Ralph Alessi Quartet, que se introduz com uma facha, “Hypnagogic”, termo que só eu uso, no seu português hipnagógico, na literatura pátria, como poderão comprovar os leitores atentos. Ou não fosse uma das muitas aflições que me afigem no confronto entre o sono e a vigília. Alucinado, literalmente. Não queiram saber, e muito menos experimentar, o medo que me invade, sentir que estou desperto num corpo adormecido e inconsciente. Saio agónico dessa vituperação respirando um ofegante ar que nem sei se desborda os pulmões. Enquanto vejo cenas de uma impossível mas verosímil realidade, como agora ouço todos estes instrumentos libertando-me da instrumentação dos preconceitos que se alojam nas fímbrias da sociedade mais ou menos contemporânea. Março de 2023, foi quando apareceu esta preciosidade aclamada pela crítica. Pena os meus livros, hipnagógicos ou não, nunca terem merecido o aplauso flébil da inteligência que se governa por estas plagas, pena ter aberto caminhos que não levam à consagração intestina, ao decoro de uma demonstrada coragem em não permanecer no mesmo lugar. O tempo da leitura nunca será uma música, muito menos próxima da que estou a ouvir, atento à escrita e ao som, saboreando solos nem por isso solitários, solidários da minha vida perdida em conjecturas e arranques poréticos para muito poucos instigantes. Ouço, quase acabado este porisma, um *já agora* título mal traduzido em inglês por “It’s Always Now”.

20/6/2023

A TARDE DO DESCONSOLO

A tarde desobedece aos últimos dias
numa pequena conspiração, o vento
transformou-se em brisas, vozarias
de rapazes e raparigas no alheamento
de adolescências sem reais biografias.

Mas a tarde não define a confirmação
de uma estadia, liberta da névoa voa
através do olhar na desmedida ilusão
de que é observada pela minha pessoa.

Não é. Os sentidos presos ao processo
do tempo perdem-se em escritas vagas,
independentes do caminho e do acesso
ao real, tentando desvincular as chagas
que inundam de dor o culto do excesso.

A tarde escorre no seu tempo inverso,
não diz nada, não traduz nada, levada
pela arbitrariedade do mudo universo
faz da natureza uma presença culpada.

Alaga de medo a tarde do desconsolo,
irradia uma luz refractada, fere ferina
aquele que escreve levando-o ao dolo
que só a morte pode suportar. Interina,
esconde-se na noite, enganador miolo.

A tarde não pode ser imaginada. Passa
indiferente pelas correntes inflexíveis
das horas, o silêncio que hoje a espaça
não tumultua em fulgores irredutíveis.

20/6/2023

O MENINO MARAVILHADO

A chuva, a chuva, repete o menino maravilhado
que não existe nem subsiste em mim.

Mas não custa imaginar esta admiração alegre
e insonte, o olhar deduzindo reflexos
de água no pavimento da rua vizinha.

A chuva, sorri no alistidente contentamento
do meu sorriso. As árvores de fruta agradecem
no agradecimento que voto à natureza
e ao clima desta limitada porção da terra.

Não me ofusca em depressão as nuvens lentas
ou mesmo estagnadas que diviso da janela.

São azulados algodões ocultando o azul
de um céu explícito. São bem-vindas. Estarei
a ser sincero? Meu corpo desviou-se
da naturalidade responsável de um bem-estar,
não é a depressão, mas o fenómeno inútil
que me prende a um estado de medo, mádido
medo, diria agora. Sem sol não sei
como viver. Posso fazer frente ao vento,
posso ultrapassar em virtude o excessivo calor,
o inescapável frio dos invernos pobres,
mas sem sol sou um desastre sem solução.

Saio da janela para vir entreter-me
no acto fecundo de escrever, seja escrita
qualquer ilusão de uma história quotidiana.

Não poderem coexistir o sol e a chuva, arco-íris
que me deslumbrou em infâncias concutidas
pelo espanto de sentir que haver era
um prazer do universo irrepétivel. Versos
foram mais tarde escritos, excessos de línguas
nem tão afáveis como isso. Ah!, a chuva
de hoje, neste lugar da terra, é-me ambígua.

UM DESLIZE NA MÚSICA

Refugio-me na música, num saxofone perpetrado por Dave McMurray, procurando um encontro que me desvie para outras dimensões da existência. Experimento saxofonar na sensibilidade que me coube, cabe-me dizer que o ritmo teve e tem uma importância epulótica no corpo da minha psique? Não gosto, confesso, do título deste álbum, por razões que me são óbvias: Grateful Deadication 2 não é uma solução muito apetecível. Aquele “dead” a fingir de trocadilho baralha-me a dor da consciência. Mas os artistas são mesmo assim, amam dar um passo na radicalidade subjectiva, já que o real importa-se pouco ou nada com invenções da inteligência aracnídea. Aracnídeo, este adjetivo, persegue-me ao longo dos anos como se pretendesse significar alguma coisa, só um homem-aranha estaria na disposição de aceitar uma correspondência ou um sentido ocluso nesse vocábulo um pouco comprometido. Mas lembro-me que consultando um dicionário dos símbolos, há muito, muito tempo, reparei justamente que a aranha significa morte. Foi a “Deadication” que trouxe à tona esse adjetivo? Já não digo nada. O mistério inexiste mistério em repercussões quase musicais, melodiosas, insubstituíveis. Sinto-me melhor? Acho que não. Achar é uma inconveniência rivalizando com encontros fictícios, às vezes mesmo da opinião que nos cresce como cogumelo catastrófico. Há sempre um deslize na música.

21/6/2023

SOBRESSALTOS INDESCRITÍVEIS

Um deslize evursor condena-me a viver
em sobressaltos indescritíveis, as horas vão de segundo
em segundo pelo espaço de duvidosas atmosferas,
alçando-me a temperaturas do ser, do susto
que evolui em perspectivas atinentes à estupidez
afectiva, emocional, mitridática, onde
um onde esporádico culmina. Sou um címulo
medular de células invisíveis, a metafísica esconde-se
nas entranhas, nas vísceras, o corpo não é
só carne e ossos. Há fluidos deteriorando a ideia
que se faz dos fluxos, há corpos negando a natureza
dos corpos, há animais animados de guerra
quando confrontam a sua indisciplina biológica.
Quando se atinge este apogeu a música
esgota-se na sua determinação salvífica, fumega
num fogo incapaz de deixar cinzas, o lume
eclipsando de fulgor as auroras boreais em lugares
que desvendam a terra estética. Eversor destruo
a temperança e o cálculo e o compromisso,
atiro-me para o turbilhão da língua tão assustada
como eu. Será um suicídio? A morte terá
que ser vivida entre um desgosto e a esperança?
Esparso específico a esfera da arrogância de pensar
que o pensamento se liberta da sensibilidade
sibilina, um erro que me deixa exausto. Estou exausto.
E no entanto a música paira pacífica no quarto
onde escrevo estes arremedos de nada, a vertigem
claudicando no meu olhar, vou cair? Caio
num ensimesmamento improdutivo, nenhum ritmo
alcança este sofrimento, alago de suor vindiço
e caviloso a disposição para viver, estarei à altura
do rés do chão? Onde um tapete que me proteja?

A REDUNDÂNCIA

O crepúsculo onde evoluo em convolutas lutas da meditação conturbada permite-me sentir o sol no rosto esmaecido, um arrebol inciso no azul deplorável do céu oxigenado pelo azul. Não é uma contemplação teatral, o silêncio magnânimo do fim perde-se na inconsolável morte do símbolo, um estribilho da canção que nunca foi da terra. Entre a terra e o céu comprovo mais uma vez o surto desse entre, mãos dadas em pacíficas manifestações do ar que respiro. Ninguém que eu possa saudar. Diluído numa transmutação da realidade real sorvo oxigénio pelas narinas hiulcas, alheio ao que se passa à volta. A hora intumesceu e desfigurou, destruiu o relógio, o que resta resta em paz. Salutar e salubre dardeja a luz independente do sol declinante, é o mar frio que acolhe essa bola do desconhecido quase universal. O universo verseja certos ritmos transpostos das palavras, quem as transfere para a voz não se dá a conhecer, mas a voz canta cantigas tão infantis que ninguém tem a coragem de se sentir no limite dos corpos. Melhor a periferia da pele, o perspícuo suor da porosidade, uma avultada matéria matriz da contemporaneidade. Saber e ignorar são faces de antiquíssimas moedas, arqueólogos do saber especificam a desrazão dos sentidos perdidos nas aritméticas das épocas volvidas. No meio, o crepúsculo, esse avesso do lento desmaio da luz que vai redundar na escuridão nocturna. A redundância não é um solecismo.

ELAÇÕES E ILAÇÕES

Terei tempo para me espojar nesta tela vazia,
valerá a pena reconhecer a estadia da errância,
a morosidade do pensamento quando se aventura
ao eclipse da elipse desvirtuando assim o assim
que se desloca de um ponto no definido actual
ao expectante finito de um amanhã coisificado?
A interrogação demora a interrogar, indaga-se
na perquirição inocente, inocenta-se na elação
de uma desconformidade. As ilações são nulas,
trabalhos escravos da inteligência mistificadora,
zelos de uma preguiça que se esconde no hábito
e na rotina destemperados. Não estou zangado
com aqueles que não desejam nem sabem viver,
todos somos parte dessa parte. Choro e deploro
na eclosão de algumas lágrimas turvas injustiças
que atravessam o mundo em todas as direcções,
quem se salva? Não se acede a uma responsável
resposta, ninguém sabe nada de nada, mas todos
arvoram poderes insustentáveis pelos cansaços
dos corpos. Os nervos espalham-se em artérias
de uma povoação estranha, de repente a oclusão
ofusca e cega, porquê esta depressão, por onde
se faz caminho o que falhou como estratagema
para uma via perdurable? Não há solução? Algo
deixa de estar mal para se tornar uma vacuidade
do bem, então os contrários, o contraditório? Diz
a fala dos que ainda possuem uma voz. Vertente
de um sismo vulcânico a lava não lava a sujidade
da roupa poluída e corrupta, será na prisão edaz
que se resolverá o problema? Qual é o problema?
Erro nesta disforme aventura, a porética avessa
ao poder só poderá dizer o que é e se passa. Isto.

22/6/2023

A IMPREVISIBILIDADE DO ACASO

Não, não vou revelar de quem é esta música que estou a ouvir. Mas a manhã aturdida pelo cedo, e uma noite não mal dormida, mas mal deitada, abalou a disposição para uma escrita mais feliz. Que sei eu da felicidade? Há palavras banais que se empregam como se fossem naturais, anais de histórias que não necessitam de ser contadas, afinal a narração só faz sentido quando é sentida, penso eu. Escrevo. Direi mais, estou a escrever. «Escrevo» e «estou a escrever» quererão explicitar a mesma coisa. Desconfio. Mas enfim, continuar não sendo uma palavra de ordem nem de desordem, aqui vou, sempre improvável, sempre provisório, como uma teoria que nenhum filósofo ousou pensar. Compreendo porquê. Mas não denunciar a ausência como uma falta ou um falhanço, (faz-se o que se pode, diz o truismo), é um gesto feliz de amizade retrospectiva. Como exigir aos outros o que, por impotência, não conseguimos realizar? Isto é, tornar real. Ouvindo e escrevendo olho para a tela como se nela apreciasse uma paisagem sem horizonte, e fico triste. Uma vida precisa de um horizonte expectante e aspectável, mesmo se, e obstruído imediatamente este “mesmo se”, às vezes se pense o contrário. Não desejo, já agora, contrariar o quer que seja, tudo é atmosfera, essa esfera onde nos servimos da pretensão tola de que somos necessários. Instasiado pela música, pela luminosidade matutina, desvelo uma túnica antiquíssima, a noite mal deitada, a cama fértil aceitando-me pelas três horas e tal da escuridão que não se fazia em mim, nem no fora próximo onde um candeeiro ilumina a recordação estranha de cidades americanas esventradas pelo deslizar do automóvel solitário. Do que me fui lembrar!

Essas passagens rentes a um honesto mistério, vazios iluminados e desérticos, a autoestrada devolvendo-me sentimentos de nada, mádidas emoções de uma pertença, de uma anterioridade que não tinha razão de ser. Teria nascido, pergunto, em algum lugar? Claro que sim. Deixemo-nos de esgares metafísicos a pretender passar no auge do que surge, o que surge? A facha um pouco nefasta que ouço agora, “Sliding Whisper of Pain”. E eu que evitava, ou evitei até agora, essa dor manifestamente autóctone, tão pessoal que me é difícil escapar às suas comovidas garras sentientes, identifico-me, irremediavelmente, com o cicio deslizante, embora exorte, com píbias exultações, quem sou para advir o que deveria ser. Mas o «dever ser» é inútil nestas ocasiões. Aguenta! Aguenta! Que remédio! Felizmente que já outro trecho veio apagar a eclosão da vicissitude acontecida, ouvir discos pela primeira vez é sempre um perigo, é sempre uma aventura. Mas estou perdido. Perdi as referências existenciais onde me escorava, o elo do que fui escrevendo. Onde um espeque tuitivo? Olho para um além da tela condoída, vejo copas de árvores sacudidas pela brisa, não haver nada que me imponha uma calmaria para a sacudidela de há pouco. Entregue a mim mesmo avanço vígil pelo tecido do porisma inconcluso, assim “occluso em halos de impotência” é um plágio que me faço, ou faço a escritas de outros tempos. Salve-se quem puder, e eu quero libertar-me deste engodo: sofrer o que não me merece nem se conjuga ou conjugava com este demorado momento. Mas o ínstase foi devorado pela eventualidade do evento, o acaso por vezes é de uma crueldade improcedente, traz consigo estas apologias de apoplexias excruciantes.

23/6/2023

PARTICÍPIOS PRESENTES

Elucubrando participípios presentes entro no clima desta atmosfera esplenética, não é o espanto ou o nojo que enfrento, mas um estado tão longínquo da estética que não distingo um centro de um dentro.

Ou vice-versa. Verso após verso a linha do discurso não consegue um pensamento, esbracejo como quem vai no alinhamento de uma próspera expectativa picuinha.

Sofre-se de um sofrimento? A pedinte pergunta não pede uma resposta. A dor não alcança uma aliança. O elo seguinte só poderá ser a visão exacial de um alor precipitando-se na morte e seu requinte.

Mas, e a alegria, que é feito dela? Vazia de emoções comovidas promove o selo do desconcerto, ri-se do humano desvelo, consome-se na indeterminação da razia.

Tem que haver uma saída. Um poro. Luz em quem se interpela um cascalhar do eu, ignora se o que faz traduz o que produz, mergulha na inerente ascensão do apogeu. O que induz equivale à verdade que deduz?

Ignora. A hora perdeu-se no tempo. Agora só importa aceder à sensibilidade do dizer, diz qualquer coisa com acerto e com prazer, será que a vida poderá existir sem demora?

23/6/2023

DISPERSÃO DOS SENTIDOS

A precipitação emerge como uma violência inaudita, será a mania que avança no degelo da rotina indeterminável? Sujeita à carência do nada, de tudo faz uma paixão e um selo.

Mas fazer fará sentido? A sensação espalha uma perda na perdição invicta, o infrangível desgoverno governa o seu vazio, uma palha pede ao fogo que a devore, o medo tangível não teme patrocinar a corrupção canalha.

Desvairadas e inultas as coisas deixam de ser coisas, a falha coincide com o solaz avanço, o norte investiga o sul, o oriente para conviver terá que desobedecer ao ocidente do falhanço.

Não há política na doença. A peste enfática invade as casas desprotegidas, uma cabeça arde de estímulos malevolentes, acusmática celebração de cerebrações inúteis. Defessa, a inteligência destitui o rigor da matemática.

A precipitação é uma dispersão dos sentidos. O corpo vai à frente da consciência, a paixão não apaixona, os choros exploram os sustidos deslizes das lágrimas, dos rostos da oclusão.

Ninguém quer saber do mundo. Ninguém é mais do que é, uma sombra delida da sorte. Quem se atreve sequer a pôr o esdrúxulo pé na matéria de que é feita e desfeita a morte? Quem? Ninguém almeja sentir o que não é.

MESMOFICO-ME IRREMEÁVEL

A irremeável experiência de há pouco
soube a pouco, sem que um saber possa definir
qual foi essa experiência. Definir
não será uma ilusão? Irremeável escrita
a de agora, ora ignora, ora desfigura a aventura
com peripécias escandalosas. Irremeável
eu mesmo mesmofico-me neste azul escrever
da manhã inocente e escrupulosa.

A música é interessante, London Brew
quando quer pode subir a uma deliquescência
onde a estética se perde em conjecturas.

Irremeável o sentido do dia não consegue vir
do clima onde se desenvolve icástico
o que envolve, este tudo de uma sensação
alçando-se a concomitâncias suaves
do perceptível. Não há problema, não fico
triste. Nada teve tempo para acontecer.

Não espero o que quase nunca vem.

Quando irrompe o sucedido aduz um sorriso
como se fosse natural que tudo fosse
irremeável. O irremeável é irremediável.

Não me ponho a pensar nem a sentir.

Nem a conjugar injunções perecíveis. Efémero
como uma rosa que alimento com o cuidado
de um familiar, familiarizo-me. Cuido
que faço parte de um universo diferente,
sem estrelas e sem galáxias ou outras invenções
da astronomia reflexa, reflexo da ciência
na sua intenção de explicar o que há
e o que é. O que será de mim indifere-me.
Transluzo no que traduzo sem língua:
o apogeu de uma experiência irremeável.

UMA CONFIGURAÇÃO DO REAL

Apanhado de surpresa surpreendo-me
com a banalidade do quotidiano amíntico,
subo esporádicas intuições em forma de vigíl
consciência, acontecimento onde avanço
sem esperar que o sentido chegue a tempo.
É tempo de me libertar do ócio traumático
sem que o fazer seja um verbo paladino,
actuo em apresentações da realidade urdida
de relações com o imprevisível real. Urjo
sem saber porquê, avanço, não tenho corpo
para dançar, dançaria se fosse o adolescente
que nunca fui. Não ter sido é um enigma,
ter sido uma memória inexistente ou difusa.

Apanhado de surpresa foi como sempre
vivi, vívido síbilo de um espanto ignóbil
que se fazia passar por uma insignificante
filosofia. Serei digno de ter sido? Será
um crime não ter sido? Entre o que não fui
e o que fui há, ou houve, uma membrana
eubiótica, um líquido aceso na liquefacção
de uma impossível habilidade, habitar
esse espaço temporal sem um sentimento
que não se assemelhasse a um ardil. Sofri
como toda a gente. Gozei como toda a gente.
Não sei se me perdi. Avanço apenas, sou
paradigmático no que pratico, na prática
de uma atitude em que cada palavra lavra
um sulco muito diferente do que é a ruga.
O avanço é uma fenda que exorbita, expunge
as leis das comunidades terrestres, expõe
o ctónico dinamismo de um exequível acaso.
A surpresa é uma configuração do real.

O ÍNSTASE, O ÊXTASE

Continuo num irreproduzível ínstase
ininterrupto como um alcance
no encalce de uma contiguidade írrita,
de que serve fingir-se a comunhão
quando as humanidades se guerreiam
com apreços de justiças inócuas
e justificações arcaicas? O êxtase leva
o fora ao fora, logo, não há distância
que possa acalentar uma aventura
sexual de tão sensualmente entrevista.
Vive-se com o que se pode. Haver
uma cama onde se possa dormir faz
de quem se é não um sem-abrigo, não
um abrigo, mas uma obrigação
sentimental corrompendo a nefasta
racionalidade do “tudo está bem”. Nada
não se transforma facilmente no ser
de um tudo na dispersão de um todo,
exige uma consciência, essa falta
no falhanço da civilização apocalíptica.
Mas continuo a escrever contínuo
como uma diferença, o mundo muda
de face todos os dias, que face é
esta que não muda ao longo do tempo?
A sensibilidade escolheu a indiferença,
só se interessa pelo espectáculo ora
mórbido ora risível, entreter as dévias
horas com insignificâncias é uma terapia
adnata, criminosa, absoluta. O luto
não traz ao choro hipócrita as lágrimas
disjuntivas, disjunto junto palavras
construindo um abrigo contra o mal.

25/6/2023

LUGAR PARA A ESPERANÇA

Cansado e ferido com tanta ilusão de palavra,
palavreio a intenção ilusória de resistir
ao cansaço, esforço-me no que lavra
na sensibilidade a vontade de não desistir.

Forças digladiam-se em auges de poder,
vence o mais explícito nessa disfunção,
a doença não tem remédios, nem o saber
se importa com as acções da corrupção.
O crime compensa, é a verdade do ser.

Sub-reptício o vício financeiro e social
financia a dormência ou o fétido descaso
do incautos, a vida é o que é, é o agoural
paleio dos filósofos entregues ao ocaso.

É terrível, para quem sente o mundo,
ver populações desfeitas em fome e pobreza,
essas crianças ardendo no sopro imundo
que abarca o braseiro da nudez e da certeza
que não haverá futuro no fogo gemebundo.

Quem se importa com o futuro, se o futuro
traz a certa morte? É a devassa desculpa
que nem sequer oculta o interesse obscuro.
Morre-se ao nascer e ao morrer, sem culpa.

Cansado estultamente de tanta ilusão política
abeiro-me do silêncio sem resposta,
não há argumentação politicamente crítica,
não há humanidade que possa ser imposta.
Quem aposta na esperança mítica?

O SENTIDO OBSCURO DA PERCEPÇÃO

Siderado por ter perdido momentaneamente o sentido significante do vocábulo siderado, proponho, não sei a quem, permanecer na praxis do escrever, esta posição um pouco esdrúxula quando se pensa que há tanto a fazer.

Sinto que houve uma rima neste escrito, os finais dos versos desmentem-na, deixando-me siderado de pavor. Não exageremos. A vida, é o bordão obsessivo, a vida nem sempre é uma via, tem esse d a mais que não configura, infelizmente, a existência de um alcance no encalço testemunhal de um mundo movendo-se entre paradoxos e perplexidades, acasos e efeitos sem causalidade, enfim, a vida é mais e menos que uma via.

Já a senda, que não se deve confundir com o trilho, pode ser pervagada de passos em frente ou atrás, de inefáveis hesitações, bezoantes estagnações adjectivando apelativas metamorfoses da encenação. Hesito. Não ficaria melhor se escrevesse «das encenações»? Siderado, modesto no problema adjacente, passo ao trilho. Vejo cavalos do “far-west”, índios e imigrantes sacudindo da poeira metonímica as vastas regiões, planícies e montanhas, as montanhas rochosas. Sinto o calor do verão e o frio dos invernos nevados, realmente sinto um certo frio nesta tarde de junho, meus braços exigindo-me algum agasalho que falho na sua obtenção. Estou a escrever. O quê? Isto. Lacunar de um súbito desprezo, sabe-se lá por quem, apresso-me a acabar este porisma malfadado. Não correu bem, é a sensação, mas o sentido obscuro da percepção não comparece a uma reprovação.

A INTERROGAÇÃO É UM CRIME

Nada como escrever para passar o tempo
numa demora de meia hora toldada pelo deleite
da descoberta. A curiosidade é muita. Que aparecerá
neste conluio? Deixo assim a pergunta.
Deixemo-nos de perguntas, sejamos afirmativos,
direi mesmo, declarativos, para que tudo
possa merecer de tudo um espelho e uma imagem.
Estou bem. Descubro-me na monstruosidade
de uma constatação que não precisava
de passar a escrita, que atrevimento da consciência
se permite o abuso de uma pessoa? Já faltava
a maldita interrogação! Mas a ignorância impera
quase autoritária e totalitária, sempre
exigindo respostas de quem não pode responder.
Eu. Eu, assim abrupto. Subitâneo. Que pudor
transpõe para o real o desmentido
de uma descoberta, que estultice obscena,
destituída de palco, me coloca na posição intolerável
de uma terra não mais arável, infrutífera,
quase desértica? Não há areal nem areias à vista,
a praia é uma miragem de outra margem,
poder-se-á aí visualizar uma passagem, um poro
fazendo parte da pele? Não me perguntem de quem.
Não descubro nada, é a voz mental e emocional
de quem escreve. Tudo na mesma. Dentro
e fora do texto. Ou será que o advir de que falam
as filosofias dispendiosas já não está ao meu alcance?
Que coisa mudará na tão falada mudança?
Tudo me é quotidiano, e às vezes coevo. Verdade,
deixei ontem o automóvel nas traseiras
do apartamento, mudou alguma coisa no mundo?
No planeta? A interrogação é um crime.

28/6/2023

ANTES DE ADORMECER

Exponho-me ao desconchavo como se visse algum mérito
na sua obsolescência, endogâmico no tratamento
quase terapêutico que me invade quando me sinto bem.
Terei o direito de me sentir bem? De me sentir?
As perguntas são invasoras, invasivas, descobrem sempre
um terreno para roubar ou anexar ao esplendor
de um desejo consentindo a vontade de poder. Poderei dizer
que estou imune a essa injustiça? Se conhecesse
melhor quem sou talvez pudesse responder. Infelizmente
não sei responder. Ontem, antes de adormecer, vi,
com uma exactidão inexorável, estrias luminosas na parede
em frente da cama. Compreendi. Deixei as persianas
incompletamente caídas. Senti uma estranheza translúcida,
aqueleas linhas pediram-me um texto, porismas,
e então, desabrido, comecei a escrever dentro da cabeça
fantásticas liberdades verbais, disposições sóbrias
de alegorias dispersando-se em estigmas quase enigmáticos,
soluções de sentidos que não permitiam a dúvida
ou a hesitação irromper desse nada adventício que perpassa
tantas vezes na manifestação dolorosa de um mim
que pretende ser um eu. Vi, os olhos bem abertos, suspensos
conceitos indiferentes à justeza do raciocínio, que há
em mim, para lá do eu? Não deixei a ignorância desfigurar
os meus nervos, avançava no que avancei como voz
de um desconhecido desleixo, de uma perspectiva absurda,
nenhuma gramática se tauxiou nessas efabulações
do incógnito que estava bem presente aos meus olhos míopes.
Adormeci, talvez, no porisma que fecha um livro,
como eu fechei meus olhos para um sempre muito diferente
do que se pensa que é a morte. Aduzo: há experiências
que nos iludem, mas são esses momentos, talvez, que alçam
a memória a uma indelével possibilidade de futuro.

28/6/2023

FULGURAÇÕES DE VOCÁBULOS

A tarde está muito longe de entardecer.
Um nevoeiro frágil desmembra o céu espesso,
as frondes das árvores vizinhas avizinham-se da dor
que felizmente não estou a sentir. Sentir-me-ei
sem a presença íntima da dor? Ou estarei
embutido numa estase petrificada, um objecto
quase sujeito a perder a sua subjectividade móvel,
adurente, inultrapassável? Nunca fui o vento.
Evento de mim passei claudicante pelos processos
da sobrevivência, refugiando-me na anónima
configuração de um nome tão dispersivo
que abeira a vulgaridade na ingente pluralidade
em que se edifica. A tarde parece não entardecer.
Eu pareço o que aparece, a intrusão ultriz
de emoções inadvertidas, estados de ser e estar,
fulgurações de vocábulos querendo desmentir
o real com alicerces de conotações ávidas
de prestar um serviço. Afago-os estupidamente
como se fosse a mãe que abandonou o velho
dicionário da língua, nem todos podem ser
meus filhos, adoptar é difícil para quem não tem
meios, ou mesmo fins. Sobem até mim sons
de músicas terrestres e históricas popularizando
impressões que desconhecia, obrigando-me
muitas vezes a aturar os seus choros, as alegrias
que não fingem. Mãe, materializo a medida
memória do presente, cá estou eu, pacientemente
ouvindo as suas confidências, os seus sonhos,
a gravidade das injustiças e das sevícias exposta
na corrente pensada civilizacional dos dias.
Que mais posso fazer? Afagar, acariciar, são
acções de um carinho que desvendam outra mãe.

28/6/2023

UMA NOITE SONHADA

Depois de uma noite sonhada em transportes de uma sensibilidade intelectual, o escrevedor que sou eu comprehende que os porismas poderão aceitar alucinantes manifestações como inexpressões abstraídas dos inacontecimentos existencialmente vinculativos. Estupidamente, imperfeitas, problemáticas. Se a língua comporta bem a presença da palingenesia, do palimpsesto, (exemplo porético por excelência segundo a experiência mitridática, pois aparece sobre uma anterioridade rasurada, essa superfície perfunctória e anfigúrica), por que não propor uma palinpolítica, um palinplanetá, uma palinterra, ou mesmo, muito humildemente, uma palinvida excentricamente conceptuais? Isto é, inauditas? Como poderá haver civilização sem civilidade? E mesmo se as alegorias deram na eclosão da metáfora, como interpretar esse transporte senão vendo nessa figura um «depois» ou um «para além» do fora? E o que é o fora senão o mundo? A humanidade? Os biliões de homens e mulheres habitando ainda noções de nações atrasadamente anistóricas? Só a mudança é histórica, mesmo quando se dissolve na memória dos livros facciosos. O saber do passado nem é saber nem passado. É imaginação. O futuro, dizia o poeta Charles Olson, é o nosso mais remoto passado. Só o futuro poderá encontrar o novo passado perpassado de sonho e de invenção. Um, já agora, palimpsessado. Talvez. Talvez procurando a etimologia deste termo polifónico se possa encontrar a junção de um «*tal*» (semelhante, tão grande), com um «*vicem*» (mudança, volta), uma latina monstruosidade do tipo «*talis vicem*», excesso impensável para a suposta civilização que nunca o foi.

29/6/2023

UMA LÚCIDA LUMINISCÊNCIA

Quando se escreve, manhã cedo, entre a música de Giacinto Scelsi e a voz de alguém debitando palavras de textos incompreensíveis, por longínquos, vindos do quarto ao lado, não é fácil ser-se difícil ao focar no porisma que se escreve uma atenção pródiga capaz de reter a sensação trânsfuga onde se vive. Entalado entre dois mundos diferentes a consciência consegue apenas exsudar uma excentricidade sem síntese, definindo-se parcamente na coexistência, não de contrários historicamente filosóficos, mas no desejo quase carnal de sobreviver na dispersão indefinida de atitudes, gestos, vozarias ineptas. Logo, nada há para dizer. Mas a escrita que se propala nasce indevidamente desse nada policresto, apaga a confusão de outras existências com o estigma muitas vezes doloroso de uma solidão que nada tem que ver com o isolamento. Estou bem. Esqueço o «entre» neste momento da demora quase quase meditativa ou reflexiva, avanço na alegria de me sentir, apesar de tudo, isto é, da solidão adnata, acompanhado, mesmo se no tumulto e bulício tantas vezes vulníficos quando a dimensão vulgívaga pairava como uma indecência da civilização risível onde pensamos que albergamos a nossa história. A história é sempre dos defuntos. A vera vida, da infância. Digam o que disserem os avaros detratores. Haverá sempre argumentos inteligentes e inúteis para destruírem afirmações subterrâneas, aceitá-los como reacções obsoletas e senescentes. O que é é sem como nem porquê. Não vale a pena opor à subtil contradição outras tantas contradições, o mundo foi roubado à terra pelos homens e mulheres famintos que buscavam um alimento, uma subsistência. Esse «sub» diz mais do que tomos de opiniões mais ou menos sociológicas, antropológicas, poéticas.

Todos têm direito à sua ilusão. Eu iludo-me com o entre, com a percepção anterior à sensação, mesmo se, afável, comprehendo que será difícil aceitar o disparate inconcludente. Todos, ou quase todos, desejamos a limpidez de uma realidade habitável. Se a dor desmente o sofrimento, que prazer ousará pervagar na frágil fronteira ente o consciente e o inconsciente? Vocábulos irromperam em textos diluviais, estranhos vultos avulsos, intemperanças inconcebíveis, quer esquecidos estilhaços de línguas presas em dicionários, ditos culturais, protegendo um tesouro estéril, quer frangíveis neologismos procurando respirar o oxigénio edaz que ainda sobrevive em torno do planeta. Velhos signos, poluídos e esgotados no atrasadismo da preguiça inconcussa desprezaram os sinais, o significado icástico transformou-se em significância, o sentido visceral dos sentidos do corpo perdeu-se nos conluios das teorias fantasmagóricas que davam ao estertor a esperança de um vagido. A morte não nasce. A vida vívida e vivida ânsia é trágica. O drama foi a invenção do negócio no século do dinheiro financeiro. A tragicomédia obrou sempre uma catacrese do horror e do riso, facécia da pobreza que não se vingava da sua condição nefanda. Não posso ouvir num sentido lato a música arcaica de Giacinto Scelsi, não descortino as frases inabordáveis da voz atinente, ligo-as numa atmosfera vagabunda e prófuga, uma expressão da sexualidade por vir, futuro de uma sensibilidade que só poderá ter consistência no apogeu de um eu destituído do mim que o tem preso em preconceitos incestuosos ao longo dos séculos. Quando se escreve qualquer coisa essa coisa ultrapassa a ignorância ingénita para advir uma outra forma da ignorância que nos permite avançar num enleio fogoso onde as chamas não destroem, antes prodigalizam, um lume muito semelhante a uma lúcida luminiscência.

30/6/2023

NEM MORAL NEM HISTÓRIA

Abandonar-me numa controvérsia do finito
pelos meandros de vozes intransponíveis,
deixar-me ir numa viagem sem regresso
até ao cúmulo da desprotegida sensibilidade,
sentir que no outro da hipótese há um eu.

Não vou quando escrevo. Só a imobilidade
me permite avançar nos rodeios da língua,
sentado numa cadeira apocalíptica persigo
a sucessão de sensações e de emoções, vejo
na tela do monitor uma coisa ser coisa.

Nem alegre nem triste, nem nem nem nem,
lengalenga que me balança para determinações
indeterminadas, acasos de sortes e revoltas
extasiadas nos seus íntases revoltos, deiscência
é o sinal de uma liberdade no sentido carnal.

A estesia exige multifárias estesias, a sensação
desconfia da inteligível sensibilidade, sentir
ainda é uma opção? Uma capacidade? Ignoro.
Homens e mulheres consomem-se em ignaros
consumos, consumam-se no que consomem.

O que é já não consegue ser o real disjuntivo.
Desfeito em realidades apócrifas fere feraz
a feroz materialidade do vazio onde outrora
habitou um espírito. Pobres e sem essência
passamos rentes ao descuido da indiferença.

Moral da história? Nem moral nem história.
Apenas o esquecimento de um desassossego.

30/6/2023

O LONGE NÃO EXISTE

Não, não, não ir mais longe. O longe não existe para quem escreve o perto visível, esta presença tão natural que até se desconfia do que persiste como um hábito habitável. Fazer da indiferença uma deiscência é o trabalho em que se insiste.

Como se nada fosse. Mas o nada, infelizmente, é. Esta inexistente fogueira não abrasa, a asa de um voo paradoxal não surge na permanente alegoria de uma vida, pensar não merece a casa onde possa eclodir o pensamento abrangente.

Cingirmo-nos ao alcance, ao braço estendido a um outro que é pessoa, a experiência salutar de uma amizade que possa abrigar o sentido de uma permanência, uma demora nesse olhar que deseja ultrapassar e achar o tempo perdido.

Deixarmos o sol ser uma luz sem representação, intuir e sentir na luminosidade a beleza, o imo que nem as galerias nem os mudos museus dão às culturas do poder e da estética, um opimo acordo entre quem se é e o amor da multidão.

Este perto desperto e alegremente alucinante não é um muro ou uma barreira, o exequível consente uma conversação, conceito amante para todos aqueles que sofrem o inexpressível capital de uma pobreza, uma fome ultrajante.

O longe é uma promessa que não configura. Odeia quem não se sente atraído pela usura.

30/6/2023

TREMEBUNDO DE UMA PAIXÃO

Não posso dizer que esteja tremebundo de uma paixão
indesculpável, que a tarde não seja a tarde,
que o vento não tivesse chegado neste sóbrio clima
que desmente a atmosfera, que a atmosfera
não surja agora como uma esfera, e que o seu conceito
não divirja do aceitável. Não, não posso dizer. Posso
sempre esperar que não sendo lido posso dizer
o que me apetece, trazer ao porisma a sua maldade,
o seu zelo, a sua discrepancia. Esta é a história
de um presente ausente de si mesmo, de uma memória
tão presente no presente que até parece que viver faz,
em certo sentido, algum sentido. Não faz. Não faz.
Famigerado pelo dissoluto desterro da palingenesia
que prorrompe com um rompimento atroz
e desabusado exprimo a ausência do sofrimento
como se tivesse finalmente chegado a paz.
Não chegou. Estou miraculado? Sei o que digo,
o que faço? Estranho como a língua explora a explosão
das palavras insuportáveis. Viver. Viver. Foi o grito,
mas sem alarme. Paro. Que me deu para estar aqui
convicto que estou a seguir o meu conselho,
a minha arbitrariedade, esse livre arbítrio alcunhado
como traço da civilização ocidental? Qual civilização
qual intrujoice, não há cidadãos fora da cidade,
só existem homens e mulheres movendo-se esparsos
em cinemáticos deslizes da consciência real,
quando o real o permite e se deixa ludibriar, doente,
pela realidade. Que doença é esta que não aceita
a medicina nem um fim digno de ser anónimo?
Onde se poderá encontrar uma onda que abrigue
a imponderabilidade do onde? Onde se está? No vento
ou na tarde? Ou noutro lugar qualquer, inominado?

30/6/2023

NENHUM MUNDO SE JUSTIFICA

Sim, sentir ou pensar ou desejar ou sofrer
não inaugura um homem, não inaugura
uma mulher. São passos sem uma escolha.
Passagens para margens na desenvoltura
do acaso, da sorte, da realidade de viver.

Nenhum mundo se justifica sufragando
o delírio e a loucura, há uma intemperança
nas artimanhas do que não sabe ser destino,
há em haver qualquer coisa, a mudança
de quem passando passa no eco nefando.

Sem que alguém tenha proferido a palavra
capaz de introduzir na língua um futuro
aceso de virtualidades. A temporalidade
não é uma ideia abstrusa, se houver no muro
um furo a passagem apela a quem a lavra.

Os caminhos crepitam de velhice precoce,
as margens destilam líquidos venenosos,
onde uma fonte onde se possa beber a água
que o corpo implora com gritos desastrosos?
Como lidar com o falhanço da sobreposse?

Enganos míticos outorgaram às populações
da terra o à-vontade da desmedida, agora
o sofrimento da escassez deixa em cada rosto
o rastro da estultice. Ninguém está de fora,
o rico e o pobre colmatam as deteriorações.

Não há vingança onde não há humanidade.
Esquecemos que somos terra, uma unidade.

UMA ENCENAÇÃO DO CAOS

Veiculado pela inexistência rodopio no turbilhão dos acontecimentos contemporâneos, há guerras que não se respeitam, há explorações nos salários. Há, em haver, uma maldição. Por isso vou soletrando os hinos dispendiosos, sorrindo dos prazeres enganadores, resvalando eco após eco numa ecologia do pensamento dessultório. Os elos dispersos em interrogações infundadas, ora uma encenação do caos, ora uma teratologia amorfada. Tanto que fazer na culminação de um desejo. Amarfanhados delírios irrompem irremeáveis em peripécias que se perdem nas vis lonjuras. O embotamento é uma fracção do desleixo coetâneo, as lamentações não são dos homens ou das mulheres, a infravida desvela-se em esgares de incompreensão. Escrevem-se livros sobre a experiência do sentir, sobre as urdiduras do espanto, coligem-se receios em atmosferas vagas. Ninguém está presente na desmedida do presente, o que se pressente comanda e diz, o amor deplora a amizade, a propaganda propaga-se nas imagens onde se adoram o brilho e o pervicaz fora de uma imanência enriquecida pelo crime da vaidade. Todos têm razão. A fotografia na revista melíflua convida os olhares alienados dos alheios mecanismos da inveja, os ofendidos debates alardeiam a ignorância mais impróvida. Não há fuga possível. O possível perde qualquer indeterminação, age na acção o desacato, a violência, a suxa injustiça. Nenhuma forma é infalível ou fenomenal, a vida concentra-se na vida e tudo nos embeleza de mal.

O ABRAÇO

Julho, diria eu se ainda fosse exclamativo,
ainda digo, mas com a experiência da velhice
que arrecadou meu corpo mortal.

Faz dois meses e alguns dias que empreendi
esta aventura inadjectiva, sem saber muito bem
ou muito mal o que iria surdir em forma
de acontecimento porético. Não sou do futuro
próximo o seu profeta, mesmo quando tento
sacudir o pendor sibilino perdido no zelo
do tempo histórico. A verdade não me é questão.
O fingimento é uma mentira. Tudo o mais
é viver dia a dia o quotidiano vislumbre de estar
a ser sem grandes divagações especulativas.
Só uso o espelho quando lavo os dentes.
E mesmo assim, obliquamente, quase esquecido
da figura que se apresenta diante de mim
como uma realidade humana. Sou um homem
porque me pareço com os homens, sou
humano porque desejo ser humano. Húmus
não me falta. Basta ir ao terreno regar
as árvores sequiosas. Julho, escrevi eu,
mais eu do que julho, mais predisposto a ver
o redor no seu clima transformado.

Transformou-se meu corpo ao longo
dos longos anos, épocas foram vividas entre
estímulos inauditos, tempos inacessíveis
tantas vezes a obumbrar a compreensão.
Compreendi o que sucedia, o que se passava?
Raras vezes. As coisas irrompiam coisas
de que não podia falar ou escrever, traços
de espaços irreconhecíveis ao entendimento.
Sei que escutei muita música, o abraço.

RIO E SORRIO

Abuso de um mim problemático como se a língua
me fizesse obedecer às suas leis, fazem-no,
de solecismo em solecismo, numa reviravolta
intuitiva e visceral. É o aspecto mitridático dando
conta da coexistência capaz de me manter
vivo com a naturalidade extemporânea do que é.
Sou um fora com sensibilidade. Um dentro
destituído de forma ou de presença, mais tradição
que convicção. Não escrevo com o olhar
ou a sensação perceptiva e ideológica, escrevo
com palavras, esses sons de músicas ecoando
incoativos arpejos de danças biológicas,
acertos com o real, perdulárias realidades eleitas
persuasivas manifestações de uma aventura
tão presente que abafa a ausência descomunal.
Repto réplicas de emoções traumáticas,
ponho cada pé na água delirante que se esconde
do rio mitológico. Mitos desaguam acescentes
no nada em que foram criados. Rio e sorrio
como se a face fosse ainda um rosto, e o rosto
um rasto, uma réstia de um corpo achado
na perdição e na perda, esses pilares sociais
onde fui obrigado a viver desde sempre. Nasci
como toda a gente. Morrerei como mais
ninguém. Banalidades. A prisão não é fisicamente
detectada, persiste como uma sombra dupla
que não necessita da luz do sol para se manifestar.
Escrever manifestos nunca me atraiu. Atrai-me
trazer à tona da consciência factos feitos
de pequenos nadas, de seres suculentos onde
posso estancar a sede que me devora num suor
ainda adolescente, imanente à curiosidade verbal.

O REAL NÃO POSSUI LADOS

Sitiado por uma desenvoltura apodíctica
apodero-me do desleixo do temperamento,
a idade é um sobejo rumor de memórias,
a emoção é uma narrativa em movimento,
feitio de um giro na revolução epidíctica.

Soletro suavíssimos sons sugerindo o encontro
com o demonstrável, o real advém realidade,
o vezo interpretativo vomita uma entidade.
Sente-se, contudo, o iniludível desencontro.

O nada pode exigir de tudo um todo visível,
um redor arrogante e disciplinado. O acaso
destrói os planos da indesmentível vontade.
Ser ou não ser, nadar nesse nada só dá azo
a uma derisão tumultuosa, afirmação risível.

Não se pode passar para o outro lado. O real
não possui lados. Não é um lençol balouçando
aos ventos demiúrgicos, não fica esperando
pelo amistoso devaneio do pensar conceptual.

A saída poderia ser a loucura. Não há porém
cura para esse desvio. A saída poderá talvez
surgir da subversão subtil, da intuição lúcida
quando se inventa na vida do dia a dia a vez
de uma acção extravagante, desejosa de bem.

Onde estão esses homens e mulheres soltas
na descompostura do mal? Em que arremedo
de casa ousarão trazer as planícies ao medo
das montanhas, de nuvens luzentes envoltas?

O PATHOS

Participo em particípios presentes e passados sem me afligir com as ficções contemporâneas, fruições de estudos tumulares beneficiando do estrupido que galvaniza as mediocridades singelas. Ouço esses hinos inocentes em servis livros da omnipresença cultural, felizmente que as populações escravas não se reconhecem no que ignoram. O mundo seria um horror inclassificável. Cinzas de lucubrações sáfaras sobem aos ventos da intemperança, o diálogo não é uma atracção das feiras comunais, vozes apregoam apenas a comida que a fome devora. Visão pessimista? Talvez. O planeta planeia que soluções para os desgraçados? Intuições não edificam instituições, as instituições fogem do sofrimento como corpos asseptizados. Deu o que tinha a dar o ocidente? Quem sabe? Soo no mutismo da solidão a uma palingenesia patética, o pathos não aufere de uma revisão do passado, salve-se quem puder, e são sempre os mesmos a alcançar a segurança política. Tempo desperdiçado sentir a irrazoabilidade da profusão de projectos, fazer isto, que tal, não fazer não seria melhor, debatem ferinos os que mandam no próprio poder. Ninguém tem razão enquanto houver pobreza. Os alvos são mundo quando se trata da exploração. Ir aos lugares ctónicos onde riquezas ascendem à luz das bolsas económicas, este é o progresso civilizacional, gritam de alegria os senhores da terra. Os pobres chorarão? Desconhecidos de si mesmos fazem de conta que sobrevivem.

A AGONIA DO DIA

Na soltura das horas que devassam a agonia
do dia lanço olhos enigmáticos sobre os pragmáticos
estilhaços da vida. Da vida não sou capaz
de compreender as suas causas nem os seus efeitos,
falha um relógio no coração cinzelado
do corpo onde desmerecemos uma abreviatura.
Não sou da escrita o seu comovido movimento ínfimo
e fugaz, atrás e à frente a fuga dos sentidos
atira-se sobre o real como se nele houvesse a maravilha
de uma resposta. Sei o que faço, saberei, finalmente,
o que escrevo? Nada da profundidade mítica
comparece ao momento da exposição explosiva, arder
na matéria das coisas é descobrir a carícia
da mãe há muito desaparecida. Ao pai coube-me
a infelicidade de habitar um país putrefacto,
facto que me entenebrece de aborrecimento e enfado.
Tudo parece petrificado num menos que todo,
a pobreza pátria não me deixa gozar o prazer
de viver nos confins da história de uma pessoal vida.
Não me sinto para poder sentir. O quê? A tarde
esvoaça no seu incompleto vento, a música
apagou-se na suspensão provisória da sucessão,
a janela, neste sábado suburbano, traduz
uma solidão onde nenhum homem, nenhuma mulher,
nenhuma criança concebem a possibilidade
do mundo ser mundo. Mudo de horror escrevo
as palavras pacíficas do desgoverno, condoído atento
ao que não se passa, a passagem um conceito
sem real nomenclatura na vastidão ingrata do século.
Faço-me compreender, pergunto ao silêncio.
Terei eu próprio que responder. Mas não respondo.
O redor não merece de mim nenhuma simpatia.

UM CADÁVER OBSOLETO

Comi, comovido, os primeiros pêssegos das árvores
que acalento, os frutos frutificando no palato
o sabor de uma frescura húmida, a boca abertura
para uma disposição porética do hiulco e do hiante.
No dicionário do real, acertos contemporâneos
da desenvoltura propagam aventuras infelizmente
dependentes do comércio do ramerrão. Nada
é o carinho da pátria eternamente empobrecida,
essas políticas que não descobrem políticos audazes
para subtrair a miséria e a fome das mesas
dissolutas. Comovido com a ingestão dos pêssegos
pus-me a imaginar outras vidas em planetas
tauxiados nas galáxias científicas, certamente aí
haveria o lugar para a felicidade das suas populações.
Coexisti extraterrestre na companhia do selvagem,
passei por urdiduras do sofrimento imperiosos
instigado pelo império colonial dos sentidos esparsos.
Nunca soube se era, em que época realmente
vivia. Não condizia nem coincidia com a presença
dos presentes, concidadãos dados à melancolia
da ignorância satisfeita. Não era proprietário de coisa
nenhuma, muito menos de árvores de fruta. Fui
intraduzido e intraduzível, soletrei tentativas orgânicas
de formas temporais no espaço dos argumentos
platônicos que sobreviviam nas academias críticas,
soçobrei em choros cínicos ao desprezo subtil
da cultura que se pensava civilização. Civilização
é uma palavra sem referente. Refere-se ao vazio
envaginado de tolas manifestações do despropósito,
esses risos autofágicos diluindo as obsessões
de quem não sabe que está morto. Um pêssego
nada diz a um cadáver obsoleto. Nem ri de despeito.

DO SENHOR E DO ESCRAVO

Saliente a tarde percorre no tempo a hora de uma metafísica demora, saindo do fora para querer entrar despossuída na falível ideia de um dentro. O gesto inexequível.

Pervaga quase sexual um vento com medo da loucura, o momento nada tem de solene, o instante esvai-se no atalho de ramagens que flutuam fluctívagas na ilusão do perene como uma convicção religiosa do degredo.

Não há segredos para quem sofre as penas do infortúnio, ninguém condena as cenas da opressão, ninguém acha as desumanas expressões da pobreza pobres carraspanas.

Ventosa, a tarde magnifica o que não fica do que foi, do que é, do que será. A tarde já não arde no fogo da alucinação turbida. Tarde demais para destruir o velo cobarde que encobre o incomensurável da rubrica.

Livros acesos descreveram a história fatal do senhor e do escravo, nada de anormal para a natureza humana, disseram, o forte desgraça o fraco, o fraco fala da má sorte.

Assim foi e assim vai do mundo. O vento não inspira o pobre, não lhe instiga a ideia de uma guerra desconhecida, passar a voz pela revolta, pelos golpes abissais da tareia que poderia mudar o anódino num evento.

TUDO PODERIA SER DIFERENTE

O aparente silêncio deste apartamento
cede às vozes de notícias sobre contraofensivas
que não têm sido, infelizmente, tão ofensivas
como se esperava. Estou preocupado.

Não sinto o silêncio como uma ausência do som,
exponho-me apenas a um futuro próximo
que poderá não ter futuro. Devo falar do vento
que grassa neste subúrbio apocalíptico?

O frigorífico está vazio. Logo à tarde não tardarei
a ir ao supermercado que nem é assim
tão super. Não discuto o uso das palavras.

Todos compreendemo-nos, mesmo quando fingimos
que não compreendemos. A voz vomitada
pela televisão desprovida de visão irrompe-me
nesta retorcida sensibilidade tímida, vou agora
mesmo levantar-me para destruir essa voz
despropositada. Não tenho disposição para a música.

Ofendido não sei porquê apenas escrevo
que estou ofendido sem saber ao certo porquê.
Tudo poderia ser diferente. Conheço essa avulsa
lengalenga. Prediquei tantas esperanças
ao longo dos anos, em momentos de sevícias
e de aflições, e depois? Nada. O que decorre, decorre
independente de qualquer volição minha,
os acontecimentos deixaram de ser adventos,
até mesmo eventos, se puder dizer assim.

Estou preocupado. Uma guerra terá que ser vencida
para deixar de ser guerra. É triste. Pessoas
mortas sem um chão que as acolha, caídas de céus
medulares e irresponsáveis as forças
de que nunca acreditamos que fosse o mal.
Este porisma também me preocupa.

A PAZ É UM LOGRO

Instado pela manhã e pela tímida depressão
apresso-me ao degelo da terapia, as palavras irrompendo
em transparências que não são lúcidas, indiferentes
à acuidade de uma razoabilidade discursiva.
Não sigo nenhum curso. Estou encalhado. Figura
de nenhuma transfiguração limito-me a respirar o ar
que me envolve sem me devolver ao que sou
ou poderia ser. Não estou perdido. Mas perdi as amarras.
Sinto-me uma renda de bilros que se extraviou
em efusões de uma fealdade, uma erosão estertorada
na estruturada mendicidade de uma personalidade aflita
com o que se está a passar. Não vou fingir, tolo,
que não sou um homem, que os eventos do dia sóbrio
na sua passagem iniludível não me acabrunharam
até à explosão de um silêncio íntimo. Estou infeliz.
Zangarilho pelos instrumentos mais ridículos da confusão
e da dispersão, não me contenho num corpo, olho
e não vejo com exactidão o redor, chego a perguntar-me,
espavorido, onde estou? Estou aqui. Escrevo.
Escrevo que estou aqui porque há um aqui. Além
do ali que pressuponho que exista. A vida poderia ser
mais simples, mais benéfica, mais benévola.
Não, não é uma névoa o que vai nesta distância
sem um alcance previsível. Não é um nada. Não é nada.
Perdi apenas a noção de nução, os nutos ablutores
de uma possível comunicação deixaram de funcionar,
um organismo nunca foi uma máquina. O animal
que sou pretende salvar-me. Respira sem se lembrar
de que a pira pode ser mortífera, ou desfazer uma pessoa
em cinzas calcinadas. Vou tentar pensar. Pensar
o inverosímil desvelo de uma pragmática liberdade.
Serei capaz? A paz é um logro. Lograrei alcançá-la?

HAVER NÃO É MAIS SER

Seguro de que não estou seguro, seguro
as rédeas de uma dimensão desaparecida,
o tempo faz-se história no passado, furo
da inteligência estudiosa, mão demulcida.

Ando às voltas como um louco turbilhão
que se instiga a si próprio, o desejo edaz
não se identifica numa temida convulsão,
o prazer transfigura-se na eclosão audaz.

Não haver um tempo para que a urdidura
do real não traga à multidão o sofrimento
de uma miséria vivida, se o aviso perdura
nos meandros fictícios, porquê o lamento?

A mão não encontra a mão da companhia.
Haver não é mais ser, se ser outrora havia.

Prosseguir na loucura de encontrar a saída
não é uma loucura. Agência da inumerável
gente incluo-me na disposição construída
com o amor, o presente deverá ser amável.

Esqueçamos o futuro. A volição selvagem
não precisa de planos precisos. Navegando
pelo metafórico mar da possível passagem
talvez possamos evitar o limite miserando.

A liberdade poderá ser um mito. Mitificar
nem sempre é um crime. Só a acção cobre
o ímpeto, sem nos atrevermos a escarificar
o mundo não se fugirá à condição de pobre.

ÊXTASE E ÍNTASE

O êxtase não encontra a dimensão do fora,
esvai-se no intestino deslize do simulacro
na tentativa de espairecer no segredo sacro
de uma verdade que coexiste com a demora.

Demora-se em convulsões de falsas perdas,
expande-se na ilusão da essência espacial,
extroverte-se no que verte de pasmo exicial
não suspeitando das deliquescências lerdas.

Advém uma estase flutuando como estesia
de uma contundente sensação, sem atavio
nem consciência julga-se infinito, extravio
da eternidade que poderá recuperar a poesia.

O êxtase perdeu o seu corpo, a sua inclusão.
Ficou das cinzas inteligíveis apenas a ilusão.

Refugiou-se então no íntase, seu contrário
e sua paixão, tentou insuflá-lo de ambíguas
erotizações camufladas em carícias irrígua,
descobriu atônito que lidava com o precário.

Tentou mesmo assim compreender o anseio
do seu companheiro desavindo, a matéria
de que eram feitos era a mesma, a artéria
do movimento, de um indefinido devaneio.

Mas o dentro e o fora eram casos perdidos.
Extenuado pela procura da sobrevivência
deixarou-se vencer argutamente. A ausência
poderia durar séculos, instantes de vagidos.

ESSE RENDILHADO

Quem escreve não se atreve a perder o fascínio pelo real, inscreve antes na página inaugural uma afável diluição da verdade que transluz na mentira com o realismo de quem conhece a natureza do humano. Eu sou aquele que vai e vem entre duas dissimulações da percepção, indiferente aos sentidos da argúcia que gera na disponibilidade a sensação como primeiro passo para o testemunho. Eu testemunho a dor dos eventos inexplorados e irremeáveis, cada dia é uma apreensão, uma preocupação, uma pele de outros suores nem quentes nem frios. Leve no seu estertor ouve-se um inesperado vagido. O mar é onde navego com barcos figurando outros tantos estremecimentos do conhecido e dos sentidos, ninguém está perdido, quem, além ou aquém, poderá dizer que a feiticeira fala perdeu do dizer a sua voz? Alguém canta uma incestuosa canção, obscena e perdulária, absconsa e obscurecida, não é, porém, quem escreve com uma atenção tenebricosa. O dévio mergulho no engulho como na angústia deve-se ao desvario imponderável da existência fruste. Só a existência vive de quem a concebe livre e sem razões, não raiva vinganças mesquinhias contra a beleza do mistério, se mergulha age como uma carícia do carinho, o impérvio medo não lhe altera a matéria ou a sua substância. Fascinado quem escreve pensa que está toldado pelo real inamissível, mas é uma ilusão. A dor da alegria impinge ao decorrer da escrita o curso de um discurso, esse rendilhado que se enreda.

O SUBEROSO

Saio suberoso da cama aquecida pelo meu corpo, será esta sensação a de um boneco de madeira, doendo nas articulações invisíveis uma velhice que não se coaduna com a impressão que retenho do quarto quase despido de móveis. Pergunto ou afirmo? Fiz as abluções do costume, tomei as medicinas do costume, agora, sentado no ser etimológico ouço um “Farewell to Philosophy” como se fosse natural ouvir, para lá da música, um desencontro acasalado a uma descoincidência quase antefísica, os sentidos expostos ao som de um excêntrico violoncelo evidenciando sulcos na determinação sóbria da orquestra. Vou dizer: amo esta música. Cada segundo que passa, passa por uma forma muito atenuada de um carinho, o suberoso desapareceu há muito com o normal movimento do corpo, o corpo parece sonoridade exposta a um para sempre que não existe, existe apenas a alegria talvez um pouco compungida por assistir à filosofia na sua partida para lugar nenhum da contemporaneidade do actual mundo. Ouço até o que vejo, este texto deslizando feliz por não ser um ser humano, por, se for possível, não ter que sofrer as agruras de experiências, ora calamitosas e impérvias, ora devotadas ao gozo de prazeres que ainda não foram catalogados, isto é, não pertencem à história. Saio desta música iluminado por uma estranheza iniludível, onde estou não tem nada que ver com o que sou, estou numa dimensão onde as forças do poder perdem a sombra da prisão, ou a prisão de sombras áridas onde o sol não se digna perpetrar como filosofia.

A CIVILIDADE, A CIVILIZAÇÃO

A manhã não me exige nenhuma janela,
escrevendo diviso esse fora, ou, pelo menos,
as frondes das árvores atiçadas por um vento
que não soa a nada, mas perpassa sem graça
pelos olhos como uma aflição da natureza.

Que noite culminou nesta manhã? Houve
um pesadelo duradouro, a guerra entrega-me
a ficções da pravidade, sofri remoinhos hiantes
onde pensei ser tragado pelas acções ignóbeis
dos homens perdidos em extravios do poder.

A prisão não é mental, é histórica. Nasce-se
sem como nem porquê, e depois é isto, ficar
exposto às arbitrariedades do que nem sequer
é acontecimento, o real ressentindo-se triste
da crueldade que o humano pode extravasar.

Interesses materiais materializam-se férteis
em avatares do sofrimento infligido, os outros
não são outros, muito menos semelhantes, a luz
que acende as habitações de reflexos explode
em fracções de segundos, segundos exiciais.

Poder-se-á conviver com a dor que a guerra
galvaniza com violências tecnológicas, será
possível esquecer o que é mundo e encontrar
na evasão uma fuga para a consciência? Não
será uma cobardia? Um desmentido. De quê?

A civilidade deixou de ser civilização. Resta
no solo da mortandade os restos dessa ilusão.

SOLTAR É O VERBO

Charlie Haden compõe com Gavin Bryars este “By the Vaar” com uma paciência portentosa, cada dedo dedilhando o instrumento solta sons apaziguados, vozes calmas acalmando o momento que se vive, embora a orquestra de câmara procure contrabalançar esta postura com incisões de ímpetos, avanços de contrapontos apostados em estabelecer uma discordância. Talvez a vida seja assim, talvez a moeda possa advir o começo de uma outra filosofia, as duas faces tão ligadas que é uma perda de tempo tentar apagar um dos lados com fricções que não subsumam as comuns ilusões da temperança. Ouço. Ouço e escrevo, estou longe do quotidiano e da sua estética, por enquanto. Enquanto dura a invenção de uma dádiva de imanente beleza, essa de um deílico soltando-se na deiscência incalculável da realidade presente. Não interpreto o quer que seja. Que seja feliz a audição, cicio ao silêncio das horas sedimentadas no tempo, agora é aqui que se articula a vida com o percalço, não há pachorra para se morrer de prazer. E, no entanto, o que se sente evolui quase acmástico no acusmático prodígio do paradigma, enigma nunca desvendado porque inexistente, há formas que não precisam de conteúdos, há continentes ávidos de serem descobertos pela disponibilidade. Se fossemos humanos tudo seria diferente. Somos o que nos dita a sobrevivência, passamos de mão em mão. Não somos música. Poucos são os que possuem instrumentos jubilosos, que os outros só servem para acorrentar as mãos trabalhosas.

ELOGIO DA REDUNDÂNCIA

Da redundância redunda uma certa abertura para a repetição do icástico, real avanço, avança a possibilidade da célere procura, fórmula silente de um merecido descanso para a sensibilidade descurada pela cura.

O corpo não sabe que é corpo. Corporiza talvez uma personificação, esse resvalo da figura que não respeita a retórica, lisa membrana fingindo de pele e de intervalo.

Os sentidos inauguram o sentido, formas longínquas do significado e do sensível, desconfiam da segurança acre das normas, soltam-se no sentimento com a intraduzível potência que falta às desavindas reformas.

A compreensão do acaso é uma limitação da inteligência. Mas quem não deseja ser um pensamento do pensar, a inauguração de uma convicção destinada a convencer?

A vida é uma intrusão. Traz nela o desejo de uma felicidade, quase sempre oferece à humanidade a dor e a ilusão do ensejo. Um arrependimento sem fonte desobedece ao cariz da matriz, fatal estertor do sobejão.

Persiste contudo a teimosia, um dia, um dia tudo mudará, a passagem far-se-á, o viço de outra vida chegará para afagar a estadia, como quando nasce um bebé forte, roliço.

A ESTÉTICA DA VIDA DE TODOS OS DIAS

Nenhum apoio para me expor à escrita da estética da vida de todos os dias, apenas a insuportável comichão emocional, este desejo quase suicida de me lançar na brancura de uma tela cinematográfica onde possa por alguns minutos lembrar o olvido. Estou disseminado no turbilhão cenoso da esfera que dardeja atmosferas, luzes saltam como vertigens, outro vice-versa versado em nomenclaturas do universo.

Sei o que digo. Diluo a palingenesia numa vasta extensão do degredo, não é segredo que a sólida solidão me é inata, mas é triste ter que repercutir a tradição de uma mediocridade ocidental, afinal quem se atreveu a atravessar o perfil da travessia? Escolhem-me as palavras dissolutas, faço de conta que me impregnam de sentidos, mas será ainda possível sentir o quer que seja? Olho para todos os lados, que coisa me permite pensar que é mundo o que vejo? Beijo em configurações da pervicaz imaginação o sulco hiulco onde escabujo, a sensualidade perdeu edaz a sua sexual dimensão de origem, a biologia sara a ansiedade do medo, a angústia desmascara o sol. Partir, foi o grito, percorrer os caminhos da terra, deixar em cada lugar os tempos dos passos perdidos, as estações da terra climas onde se é forçado a se reconhecer. O quê? Não há quê que perdure mais que um som, já a temperatura do ser adivinha qualquer coisa, é uma estultice divina tentando envenenar a estadia onde mais se reconhece a lassidão de um percalço. Mas é-se um enigma que nunca será paradigmático.

ABREVIATURAS DO REAL

Sigilosa a noite traz-me o sono diante da televisão escabrosa, nada em nenhum canal, apenas o desvio para uma outra vivência, e falas, e certa tradição na maneira como se abordam os problemas. Envio de mim o corpo compraz-se no sono da corrupção.

Perco minutos, meias-horas, em soltas sonolências, abreviaturas do real perdem a urgência, o pesado estilhaço introduz-se na consciência, insolvências conduzem-me a um silêncio transparente, lesado.

Acordo tresmalhado, que aconteceu, e a resposta resume-se a um nada, as notícias não são capazes de trazer os acontecimentos à vigília pressuposta, levantar-me e ir para a fria cama, fazer as pazes com a almofada fadada para vir a ser transposta.

Seria bom. Mas o corpo pesa, o sofá estarrecido não sabe como me expulsar, caio numa realidade quase virtual, ir, não ir, o sono arborescente tido como um bálsamo para a doença da velha idade.

E quando finalmente me levanto, apagada a luz, a noite, a sua escuridão ancestral, lúcido abismo fazendo-me lembrar de outras casas, o que seduz a lembrança, cidades vividas no signo do sismo, um quase choro devolvendo-me ao que me reduz.

Momentos de sensações emocionadas, esta casa não é a casa, nunca houve a casa, mas tugúrios onde pus os pés sibilinos com a destreza da asa onde um pássaro em voo raso cicia murmúrios.

A NOITE

A noite desgoverna e empalidece quem
amolece com a sua escuridão intransponível,
singulto de uma ênfase desdobra-se em espasmos
quase ininteligíveis, apenas detectados
pelas sensibilidades educadas pelo sofrimento.
A noite anafórica irrompe pelas janelas
disponíveis, um candeeiro transporta imagens
de outras paragens em continentes amigos.
Estive lá, estive lá, os olhos desgarrados indo
de coisa em coisa, pousando nas libertas fachadas
das casas entrecedidas em arquitecturas
rurais, o prazer, sentir que dormir pode ser
um enleio e um deleite, uma amostra irremeável
que se perde em dedos enclavinhados.
Abóboras incendiadas pela luz artificial,
não ser eu o proprietário daquele enclave sadio.
A noite entrevista pela janela do apartamento
parece até um pouco apartada, não fazendo
parte da parte que nos cabe, uma vida embebida
em alegorias e ficções. Agora. Aqui.
Sorte, ter estado. Estarei a ser demasiado
sentimental? E depois? A noite petrifica a hora
numa silenciosa mobilidade da escuridão,
haverá lua? Haverá aqui alguém? Sou esse corpo,
essa experiência do presente, da presença
de uma memória que transcende o ramerrão?
Os vizinhos dormem, devem estar a dormir. Soa
o silêncio, uma deiscênciam irrespondível
arpa no meu peito, estarei aquém de um além,
estarei ainda vivo? Viverá a noite algum acaso
do real, ou estará perdida a sua perdição
fantasmagórica com o advento da luz do dia?

A CLARIDADE DO INCOATIVO DIA

Transparente até não poder ver o que o olhar concede
quem escreve desvia-se da ilusão amíntica e fácil
com uma desenvoltura independe do tredo medo.
Já foi tempo para a cobardia do desgaste e da morte.
Agora é neste limite da percepção que a visão
das coisas advém uma aventura sucessiva, palavras
que instigam a eclosão de uma permanência
devotada à sua perda. Tudo é perda, nem tudo
é perdição. Diz a claridade do incoativo dia, o ardor
de uma dor exultando no pensamento impensável,
esse desmentido de um poder quase desumano
perante a oclusão severa do real. O real contundente
avança nos dias indiferente às estações loquazes,
a ubiquidade é um delírio do receio no recreio
das sensações emotivas, mas não emocionais.
Não se pode brincar com as palavras nem o acesso
à língua se faz imediatamente linguagem. A agonia
nem sempre é agónica, nenhuma luta continua
sem o luto e a fraqueza dos que tombam na secura
das terras avermelhadas. Não há sangue exangue.
Nem profecias tentando ultrapassar os eventos
que acontecem agora. Não saber é sobreviver aflito
em tudo o que nos pode proteger, deblaterar críticas
sem ter em conta a crise ocidental ou planetária
é não querer bispar a transparência de uma manhã
vulgar. O sol é real. Não um pretexto para poesias
e enciclicas das ondas sentimentais, mas a razão
só raciocina se houver na argumentação elíptica
o sentido da passagem, da mudança extrovertida.
Não é fácil deslindar um apogeu na fundura obscura,
as feridas despejam em alguidares possibilidades
que podem significar o pérvio despertar de uma vida.

A DURAÇÃO ÁLALA DA MANHÃ

Ultrapassado pelo que advém, a duração álala da manhã, o homem que sou soergue a cabeça e procura perceber a sua compreensão, debalde. As árvores continuam a ser árvores, os ventos transformaram-se numa brisa, o azul do céu alto só é celeste se se tiver em conta as convenções. Nuvens trespassam o azul em meneios vulgares, quantas vezes não se viu o que sevê, diluídos brancos tentando sobreviver movendo-se, formas deformadas da ideia de forma, dispersões, asas esgarçadas em manifestações de nada. O mundo desta região da terra desfaz-se em silêncio, ver é consentir ao olhar a divulgação de nonadas. Estou aí, se faz sentido dizê-lo. Aí prospero, eco de ignorâncias apressadas, elo de ínviias falas, oco de uma intumescência só inteligível se, se a linguagem nos permitir uma escassa invenção. Ninguém cria nada. Todos crêem na fórmula enriquecida pelo saber e pelo hábito, a rotina parece levar os pés a um caminho perpetrável, seguir as pegadas dos outros é uma conquistada sabedoria com séculos de existência, explicam. O inexplicável fica de lado. Os lados afrontam fronteiras ilícitas ou deportadas, onde o volume de uma caixa, um condão, uma etapa? As metas mitificam-se em alegorias ávidas, nas partidas sente-se que a metáfora poderia ser metonímica, ou mesmo adiáfora. A meta é a morte. Paragem de um coração desprovido de respiração, o corpo advém cadáver. O sortilégio, uma maldição. Há companhias congregadas em sítios específicos para a comunhão, mas quem se revê nos outros?

O MAL É O QUE É

Transluz na acuidade da luz suave
uma compreensão sem matemática,
um saber pragmático ergue-se ave
para voos da concepção automática.

Desliza a enunciação da experiência
diária, o que aconteceu não acontece
mais, um a mais eclode na eficiência
do apogeu quando a luz entenebrece.

Não há razão de ser que fuja ao ardor
da apetência desgovernada, abrange
o cúmulo da riqueza não desvela dor
nem um remorso auferido pelo dever.

Não faz sentido o que se está a doar
à realidade do real? É bem possível
que a língua não seja capaz de se dar
à incompreensão do mundo visível.

Avança-se como quem deseja atingir
o acme da respiração, importa o tema
que se está levianamente a introduzir,
um porvir que não caísse num dilema?

Esquece-se o que ficou para trás. Traz
algum benefício meditar na dimensão
do desastre? E vida sempre foi voraz,
a humanidade sempre viveu da acção.

A corrupção não tem que ser crime, é
o que diz o criminoso. O mal é o que é.

A ORDEM OBSCENA

Ao soturno desvelo da imanência realista
eleva-se no ar estarrecido a ordem obscena
de uma senescênciados valores democráticos,
a impunidade arde em fogueiras esclarecidas
e as políticas albergam isomorfias da cidade.

Os campos concentram-se em subsistências
empobrecidas. Predizem que o futuro certo
é um radioso deslumbramento da inteligência,
ministros alcançam apogeus desnecessários
para implementar as riquezas das finanças.

Estás errado, não comprehedes nada, vociferam
os arautos da boa nova, mas é a velhice ideal
que se passeia pelos anos, ano após ano,
num país que não acerta o passo ocidental
com os demais parceiros do embuste perclaro.

A fome divaga pelos bairros apocalípticos,
cenas de uma desilusão intestina são filmadas
pelasmáscaras encanecidas, noticiários
divulgam os dentes fétidos dos pobres idosos,
quem se queixa da riqueza e do seu delírio?

O país é pobre, testemunham os governantes.
Não há dinheiro que chegue. E a dívida
sem dúvida aumenta nos ciclos dos putativos
investidores. Não há investidores. Não há
empresários, soluça a mocidade impotente.

O que poderia haver faz estremecer toda a gente.
O medo não é um rio de prosperidade coerente!

A LÍNGUA

Acorro pressuroso à companhia da língua escrita, esperei por este momento duas horas cilindrado pelas imagens da guerra, o impoder uma transacção imponderável e vígil, o desejo de me estirar nesta página uma promessa que tinha feito a mim mesmo. Mesmo assim pergunto-me se fiz bem em ter acorrido tão prontamente a este local da deiscênciam libertária. Liberto das acções caseiras, limpar o apartamento das suas coalescências ímpias, esse pó incompreensível, esse chão nodoso de uma cozinha tauxiada de nódoas, estou comummente livre para esta menos que tarefa, introduzir no mundo uma arrogância simples, quase vindicativa, arrogando direitos verbais que me instruam na aprendizagem do estar. Deixo ao ser a sua insolvência dévia. Previsível toco as letras fiéis do teclado com dedos débeis, há sempre um medo pervagando a angústia social, um receio abstruso obstruindo a parte mais próxima da verdade. Minto sinceramente os auges sentimentais, o pressentimento leve onde me encontro desconta a necessidade da expansão, vocábulo que detesto. Irrompeu, que hei-de fazer? Faço de conta que não dei por nada, o nada nunca se dá na simplicidade da sua evidência, proscrito o escrito agora nada mais me resta que continuar. Palavra a palavra vai o livro enchendo as suas páginas. Tudo como ontem e talvez como um amanhã, que se pode esperar do real? Um fluxo? Sujeito a ser sujeito sujeito-me ao que há: a língua.

O GOZO FESCENINO DA HORA

Intransitivo faço tudo para me movimentar na alegria de uma estadia humana e subjectiva, cedo demais para justificar mais um dia de vida, a manhã acerba não compreendendo os limites em que vivo, a liberdade não tem idade, dizem, a história porém não o confirma. Adeus ao terror de um nefasto horror, a mente edaz e coriácea não aceita mais as excursões do passado que passa ainda por presente, nada a dizer. Escrevo imune ao nada e ao ser. Estou num outro plano do real, de nada me serve, verdade, mas seria uma mentira não o dizer e dizer que tudo está bem. Concedo-me o gozo fescenino da hora, de ontem vem-me a suspeita que pensei alguma coisa, essa coisa imarcescível hoje rasurada. A memória foi sempre do presente. Versuto e inconcluso acerto o passo, vou destruir a literatura ocidental com uma aberração que bradará aos textos? Ciente de que não iria cometer esse crime catapulto-me para uma adurênciaria sem nascimento nem futura morte, escrever é o fito, não importa o quê, esse quê falhou tantas vezes na cumplicidade dos conteúdos tidos como a evidência do que nunca poderá ser previsto ou sensivelmente presenciado. Transito na especular intransitividade escatológica, teratológica, às vezes a vez desmorona, deixa de ser tempo, deixa de ser ser, diluindo-se delida, a vez, na voz amordaçada. A prisão é real. Entre um adjetivo e um substantivo a fuga é para o verbo, verbalizo que imanência manente? Sei o que sugiro, o que abraço como um naufrago? Ulisses nunca se teria afogado nestas águas. Nadando, evitaria a opressão do nada, tanto o desejo de chegar a casa. Mas eu já estou em casa. Será um ganho? Uma sorte? Transito de um fim para um começo, desvinculado.

6/7/2023

A PODRE CIVILIZAÇÃO

Nestas quatro paredes existe uma janela
opondo-se a uma porta, é neste entretecido
«entre» que perco o tempo que não revela
uma solução para o prazer de estar retido.

Não sou um barco metafórico nem a vela
que se conjuga com o vento, o estremecido
encontro com um apogeu não me desvela
um mistério, um enigma, um sibilo temido.

Estou como quem tem que estar. Esta porta
não me acede à liberdade. A janela estende
a vista para o fora, fora isso não me aporta.

Onde? Gostaria de saber. Um lugar atende
o desejo de viajar? Que vislumbre exporta
a hora para um ser que não se comprehende?

Resta-me desenvolver a escrita que a hora
me permite, consciente de não estar a fazer
nada, rabiscos sobre a tela que não devora
o palimpsesto fictício onde se possa viver.

Que há para ser dito? Que o mundo arvora
guerras assassinas, que a pobreza do dever
não vê a pobreza, que a luz do sol demora
a evidenciar os crimes do desmedido poder?

A terra abrasa. Cadáveres de várias partes
do globo ignoram a existência do planeta,
onde descobrir o refrigério de outras artes?
A podre civilização não possui uma sineta.

O ABANDONO

Não seria tempo de abandonar este livro
por demais porético e passar a um outro referente?
As árvores não me falam, suportam talvez a minha presença
como uma sombra ensandecendo o sol do meio-dia.
Não tenho ilusões. A água que corre da mangueira fértil
desliza sobre essas caleiras daninhas, não há força
para uma enxada antiquíssima, a intimidade
com os utensílios não me farão crescer outras mãos.
Medito a expulsão. Reflito um alcance. Devoro intruso
uma proximidade benfazeja, não pergunto a quem sou
ou a quem não sou as respostas inaugurais, basta-me sentir
que o sol empolga o meu corpo como se fosse meu o calor
que me abrasa de sentidos indistintos e reclusos.
Estarei a mentir, a divagar? Devagar deixo a água sair,
numa cristalina manifestação da tradição, pela intraduzível
presença, a dicotomia não é binária, a comunidade
funda-se em populações localizadas nesses povoados
mais ou menos planetários, esquecidas as fronteiras políticas.
Serão homens e mulheres esses homens e essas mulheres
que são? A distância é tão longínqua se se perde
a sua noção numa ablação dos poderes da ruminação
entregue ao sentimento que deduz a sensibilidade amorfa.
Picado pelos insectos indesejáveis o corpo exorbita
em inflexões de dores impulsivas e inesperadas.
Não seria tempo de abandonar este livro?
Fica a pergunta num silêncio plenamente injusto
mas justificado, as árvores não ouvem as palavras soltas
que se dispersam pelo vento atinente à consciência do corpo.
Quando será tempo de acabar a rega, esta escrita
paracleteada? Intruso no âmago de um arremesso vulpino
distilo um suor errabundo que não encontra o mundo
nem a terra seca onde os pés advêm selvagens.

A BELEZA FOI TEMPO

Deixo o tempo fazer tempo. Quem poderia vir nesse vislumbre da estrada, ou que quê ousaria introduzir-se na calmaria desta tarde dialogada entre o intumescimento de um sonhado porvir e a inclusão eubiótica de uma dispersão do dia?

O tempo desdobra-se em sentidos, o que será que quer dizer tantas significações? Inaugural numa metamorfose do homem desejo apenas que a calmaria permaneça. Mas o que deu dará ainda uma transcendência ínsita na perda rural?

Não há um ritmo nem uma harmonia, a canção deplora o que foi gasto, esse deslumbramento não caucionia a tarde, o tempo do foro erudito não é íntimo, a intimidade foge da derrelicção onde se desmembra a beleza do conhecimento.

A beleza foi tempo, foi história. Durou arcana durante milénios humanos, desapareceu logo que a memória se transformou em tecnologia. Que resta do seu encanto? A natureza humana procura na natureza os restos do ancestral fogo.

Desce pelo caminho vizinho uma mulher feita de quanto é sonho. Vê-la é sentir no seu rosto uma palingenesia da beleza perdida, a descida encontra na calmaria isenta a ideação perfeita de uma opinião que não anteviu o seu oposto.

Existe o tempo. Existe o lugar. Existirá o belo sem representação? Corpo do presente singelo?

O PORISMA PARECE SAUDÁVEL

Não saber como estou não me deixa triste.
Não confunde quem sou. Não me funda com nada
que não seja conhecido. Não saber quem sou é saber
que ainda sou. Que ainda estou. Preso o olhar
nas teclas não diviso a tela, ouço meus dedos abrindo
caminho na página estarrécida, o temor transformando-se
em horror, o horror dispersando-me pelo mundo.
Levanto os olhos. O porisma parece saudável,
traz talvez em si qualquer coisa que me apazigua,
hoje não estou sujeito a nada, nem o nada adquire
da mente uma suspensão do conteúdo. A forma desliza
no êxtase de um segundo, as palavras surgem
tão indispesáveis que penso ter atingido um alcance
longínquo. A ilusão também é uma casa habitável.
Não fujo do seu domínio, enfrento-a no silêncio
da manhã como reveladora da luta em que me empenho.
Não, não estou triste. Estarei alegre? Estar aqui
desverbaliza-me, acolhe-me com braços estendidos,
faz-me sentir uma paz há muito prometida,
mas por quem? Quem me dissolve no magma
dissoluto, quem se aproxima catacrético do ardor
que advém de uma explosão exposta à paixão da dor?
Sofrimento e dor e paixão não chegam para elucidar o eco
que replico, que termo sem etimologia poder-se-ia
inventar para dar do sentimento um abrigo? A nodosa
sensibilidade não consegue mais ser sensível.
Está diante de mim como um preço a pagar, a quem,
é um delírio. Não, não estou triste nem alegre,
estou simplesmente entregue a um vocal desconhecido,
sem essa palavra capaz de me sustentar num sentir
avesso e adverso, a explosão sideral do lugar
onde ninguém se acha nem se perde. Porque existe.

7/7/2023

UM REMÉDIO AMÍNTICO

Sinuoso numa indiferença guerreira agarro-me à desmedida brejeira que me põe a escrever, dissolvo-me na consciência da hora, movo-me no momento como um cataclismo apodíctico. Não comprehendo o que digo. Ouço a estranha música da cumplicidade nos indícios do início, mas haverá um início que não seja princípio ou começo? Recomeço. Sinuoso na descrição da escrita percorro as distâncias imarcescíveis, coincido com o que colido, essa contundente barreira de um inóspito suicídio. Estrangulo-me na inocência convulsa de um atraso adjacente, milenar, inultrapassável por nenhum progresso. Mas progrido. Vejam só estas linhas descendo por uma apatia e aparência de fosso, o termo nem sempre é um fim, irrompe na deiscência sem sentido, hiulca sensação quase apocalíptica se a palavra ainda quisesse dizer alguma coisa. Nada diz o nada. De suspeita em suspeita dói comprehender que a assunção da realidade óbvia se eclipsa em elipses do desencontro, achar vida nos conluios do real não passa de um passo, elo procurando a sua corrente, muitas vezes revista como consciência. Não acredito que a infância seja um ponto de partida. Acredito na despedida de um espaço aprazível. Acredito que acreditar até poderá ser um remédio amíntico. A carícia epulótica percorre o corpo devoluto, um sangue arde no finito limite das suas veias, a ferida fere as artérias oxigenadas pelos pulmões explícitos. O prazer é um desejo ao contrário. Viver explora os caminhos detrusos de um isolamento sinuoso.

7/7/2023

A INVISÍVEL VACUIDADE

Introduzo no marasmo da mesmice local um colóquio e uma distância. O que passou por experiência disse apenas o que sabia, só a ignorância se atreve ao resplendor da intrujoce, só a ávida timidez conhece a ânsia. A passagem pelo desmentido ardor constrói no corpo mental o desamor.

Melhor perder o tempo na adoração poética da multifária e sacra criação, dizem os polidos agressores da vida contemporânea, abertos pelo carinho da crítica, cúmplices da intrometida aversão pelo que é o agora. O ninho onde esperam o cibo não tarda. Tida como cultura premeia-se o adivinho.

Importa pouco fazer do tempo a fuga em frente. Os livros da memória dão a quem os lê o poder da sanguessuga. Que bom sentir o ressentido, o desvão de casas apodrecidas, essa feliz ruga de uma sabedoria fácil na sua ilusão. O culto dos mortos-vivos ainda exulta na ignorância do desastre que oculta.

Não há acesso ao vislumbre do perto nem do lado de cá, a transcendência bacoca boceja do actual, compraz-se na invisível vacuidade da dormência embalada na ideia do criador esperto.

7/7/2023

O ERRABUNDO SENTIDO

Nunca se poderá estar diante do mundo porque o mundo define-se pelo errabundo sentido de não estar. Pode-se sim avançar pelas armadilhas do impossível, esse lugar onde uma língua sofrerá a ferida ardente de uma transfusão inamissível, acidente contido na luz do sol real, uma fogueira que se abeira da translucidez e se esgueira para os meandros inóspitos da existência. O que existe insiste na inaugural ciência das procuras e das investigações, acções de uma praxis que deixa as considerações da poiesis moribunda, abandonada, caída e caiada de branco como cadáver sem saída, esqueleto de uma vesânia antropomórfica abandonada pelo segredo da arte mórfica. Resta a quem vive prosseguir, no sofrido sofrimento como no gozo do prazer, lido no acontecimento testemunhado, traduzível pelo olhar livre, não pelo jornal previsível que vende notícias ao preço dos negócios eleitos pelo mercado. Só no auge dos ócios uma convicção poderá advir opinião casta. A violência é a matriz ácida que nos afasta. A profusão da confusão enlameia o olhar ingênuo, a ablução tem que ser diária, lar habitável onde a brisa do fora desemboca num mimetismo carinhoso, estranha troca. Há perigos em toda a parte. Ser-se a gente que passa não é fácil, a política indigente não poupa os fracos, os frágeis, os arautos de outros tempos menos injustos, incautos.

7/7/2023

ESTE MENOS QUE NADA

Não mais dizer mundo ou terra ou humanidade, não mais subscrever a realidade extinta diante da emergência do real. Não mais dizer real. Simplesmente dizer que se ignora o encontro com o que é e está, esta coisa que não é qualquer desvio ou atalho da coisa, esta coisa tão presente que passa quase despercebida ao olhar. Não sou uma coisa. Não serei? O saber conclui o processo de qualquer verdade, diverte os sentidos nas intuições acusmáticas, factos fantasmagóricos expulsando os sonhos dos sonos abstractos. Um riso nunca é fescenino, pese embora à tradição. O presente não pode pressentir a traição como um exagero ou uma excepção, o discurso narra o que erra na abundância de palavras que transformam o dicionário invicto no caixote do lixo da história. Toda a distância pressupõe a esfera. Prospera no peito quente de quem escreve uma outra linguagem, um abrir compulsivo suavizando-se na espessura do diálogo. Quem está aí está aqui, quem responde sabe que a pergunta não foi formulada. Há em não haver uma estranha liberdade, que fazer dela exige uma praxis, uma promiscuidade que abandonou há muito a abjecção do passado eco. Ecoa no recesso sem acesso das montanhas um sublime morto, desfeito em ossadas brancas como as paredes deste quarto existencial. A casa felizmente existe para alguns, os felizes expoentes da contemporaneidade incompleta. Não mais abrir o círculo nem fechar a porta ousada, deixemos aos demais este menos que nada.

7/7/2023

UM VENTO TÚRPIDO

Sopra lacunar um vento translúcido
e tacitíflu, sopra na iminência de uma ausência
que sempre é da sua passagem, aragem
vinculando um olhar às copas das árvores
sedentas de água. As folhas começam a conhecer
o amarelado de um outono entenebrecido,
as falhas são sempre dos climas mais
ou menos ideológicos, tentações de tentativas
exarando os livros da obscenidade assassina.
O crime compensa. Mas haverá fuga para a frente?
De trás chegaram os avisos do destino,
as monstruosidades vulgares, os jogos da cabra
cega, essas inutilidades tutelares. Títulos
específicos especificam a ordem dos discursos,
quem leu esses livros cheirando a bosta?
Quem se perdeu nas asneiras abissais, histórias
de famílias desavindas, de amores maternais,
de pais despidos da encenação terrestre?
Sopra insanável um vento túrpido, testicular, auge
de um magma que não saiu de um vulcão,
vulto avulso das vicissitudes anódinas e inócuas.
Escorre um sangue no chão da inclemência
e da crueldade. O sentido evita os sentidos anais
das histórias das nações disseminadas,
corpos compungidos distinguem-se da forma
desprovida de conteúdo, uma teoria apostila teatral
no acaso das coincidências. Nada responde
ao nada irresponsável, uma abertura, quer-se ar,
quer-se respirar, onde paira o oxigénio
que azulou o céu de prestígio e de beleza?
Com certeza nada mais existe neste canto narrado
com o fervor de uma esperança. Nada sopra.

7/7/2023

UMA AVENTURA

Consinto e concedo o que sinto ao cerco
desta abertura verbal, o discurso revela
um cântico difluindo odores do enxerco,
o curso não diz nada com nada, só apela
a um esconjuro revigorado pelo esterco.

Concedo talvez cedo demais a abertura
ao mistério aparente, parente do resumo
que se faz nas escolas da descompostura
onde a juventude vive do sério consumo
das ilusões que propiciam uma aventura.

É preciso acreditar, diz a máxima eterna
concluída com a demissão, com o grato
desmentido de uma mentira, da fraterna
dimensão do social zelo, mas esse boato
não dura mais que uma intenção interna.

Sinto que sentir não é uma vera solução.
Que pensar não é mais um temperamento.
Penso um sentimento na falsa divagação.
Estarei seguro do que sinto, do tormento
revestido do pensamento da imaginação?

Recolho-me ao casulo do mágido medo.
Não sou um insecto desmembrado. Acha
onde ardo revigoro o lume do fogo tredo
ferindo meu corpo com paleio de chacha.
Tanto sofrimento não é viável ao enredo.

Perdido no imo da perdição arfo e grito.
É um texto que escrevo, mas não medito.

7/7/2023

FALSO EDIFÍCIO

Instruído pelo meu desejo conduzo
a escrita pela desdita, a sorte amável
é uma medida e um apelo que reduzo
ao seu mínimo, o perigo execrável
transpõe a porta onde me introduzo.

Alago-me de suor, o corpo deduzido
extravasa-se pela soltura intelectual,
todo eu sou superfície, reflexo contido
das cores insubstanciais e do factual.

O sol dispensa-me a luz do exequível
sentido. Moro onde morro, ou passo
pelos meandros da emoção infalível?
Onde estou não é uma margem, aço
de um edifício sou brilho irresistível.

Brilho como a cegueira da derradeira
monstruosidade humana, o desespero
toma o meu nada, tudo se me esgueira
na confrontação com o exacto esmero.

Vem a noite e eu esfrio. Um calafrio
sobe-me à garganta, isto é o fim, sei
que pergunto. Ninguém. Num desafio
da consciência despedi-me dessa lei
improcedente e só escapei por um fio.

Estou aqui para não contar a história
da minha vida. Viver foi um suplício,
morrer será uma desmedida memória
tentando esquecer-se do falso edifício.

7/7/2023

A ACTIVIDADE

Não tenho tempo. Não tenho tempo. Desculpem. Muitas coisas a fazer, e qui, nada. Aqui, sim, aqui, neste local onde se problematiza a vida com certas frases, estas linhas descendo cúmplices como se houvesse um crime a cometer. Há talvez um crime, não digo que não. A partir de hoje nunca mais direi que não, nunca mais, prometo. Fará sentido? Não estarei a ser, mais uma vez, estúpido? O tempo para vir aqui escassa, tanta coisa a distrair-me, a actividade é um bem, faz bem ao corpo e à mente, faz bem. Estou um pouco repetitivo, não estou? Vir à pressa, com uma urgência desavinda, ávido de estar presente, será propício á minha provecta idade? Lá estou eu com as interrogações. Sim, claro, a porética é interrogativa, mas o sim de uma afirmativa também faz bem. Sim a quê? Por favor, não me perguntam. Não sei. É possível que haja muita coisa possível, e há, e há, o cepticismo, o pessimismo, são deslocados. Estão deslocados? Bem me parecia que era tudo uma questão do local. Ou de local? A gramática vai e vem num vaivém desabrido, excêntrico, sou o culpado? Há muito tempo, na Califórnia, U.S.A., nos automóveis dentro da lei, podia-se ler: Act Local, Think Global. Fazia sentido. Haverá hoje em Santa Bárbara, tantos anos passados, ou volvidos, tanto me faz, o estilo é-me indiferente, quem transporte no seu transporte a sageza de tal aforismo? De tal injunção? O globo deu o que tinha a dar, uma bola, o planeta não acerta com bolas, sejam de futebol ou outras. Que outras?

SEM IDADE

Não me sinto para poder sentir. Não escrevi já esta frase? Alguém a escreveu, tenho a certeza. Sem memória é como dar um tiro no escuro. Esta certeza. Não disseram, as filosofias do século passado, que não havia origens, por isto e por aquilo, mais por isto do que por aquilo, se me recordo. Não me recordo. Acordo todos os dias com a ideia infeliz de uma juventude impossível de possuir na minha idade. Mas não escondo. É verdade, acordo todos os dias com essa ideia infeliz que me enche de uma felicidade avassaladora. Não presto, sabem-no bem, vassalagem às ideias, mas comprehendo, ferido, que elas têm que existir. O que seria da févida humanidade sem ideias? Digam-me, o que seria? Nada. Estaríamos ainda na idade da pedra, pior, estaríamos sem idade. Esta ideia é ambígua, não é? Amo, contudo, a ambiguidade. O certinho, o puro, deixam-me lívido de medo. As pessoas, julgo eu, comprehendem-se sem a ajuda da exactidão. Vivemos todos, ou quase todos, no mais ou menos. Uns no mais, outro no menos. Não me perguntam de quê. Seria demasiado penoso explanar o acme deste aparente pensamento, embora digam alguns que na aparência fervilhou muita boa filosofia ao longo dos séculos. Então na poesia, nem falar. Mas foi uma descarada mentira a primeira asserção deste texto. Pois claro que me sinto, por paradoxal que possa parecer. Sempre senti entre o parecer e o aparecer uma afinidade complexa, intuitiva, uma irmandade órfã. Não saberia explicar porquê. Sem como nem porquê prossigo este exame, ignoro se da consciência, se dos sentimentos, se da, da...

O ESBOÇO DE PENSAMENTO

Foi-se o esboço de pensamento, foi-se a ideia. Fico, como é que vocês dizem, descalçado. É preciso ser-se um grande filósofo para se criar, inventar expressões metafísicas como esta. Pena já estar descalço, ou só com as meias. Mas enfim, troçar de tal inventiva seria um despropósito. Alguns dirão, ó pá, foi o povo, qual filósofo qual criador, outros afirmarão a pé juntos que o colectivo nunca trouxe nada ao mundo. Entalado entre estas duas opiniões calo-me sem opinião. Que sei eu do que sei? Fico infeliz por não tomar um partido? Não. Partido já eu ando de tanto trabalho braçal, e depois, não sei porquê, a palavra partido traz-me sempre a ideia de corrupção. Não sei porquê. Não sei porquê. Compreendo e concedo, quem estiver a ler o texto que estou agora mesmo a escrever, poderá pensar, mas este gajo não sabe nada, é um ignorante. Fico ainda mais penalizado. Os lugares-comuns comuns e os truismos sempre me fascinaram, são férteis manifestações de uma inteligência ingente, outros diriam, monstruosa. Eu, apalermado, não empregaria esse adjetivo, preferiria dizer teratológico. Afinal, o que é a instrução? Os livros lidos, os dicionários compulsados, a, vejamos, erudição? Afirmo sereno e desde já, e categórico, não é arrogância. Poderá sê-lo, consultando uma etimologia inocente. Fraco na invertebralidade dos raciocínios, espero apenas que tenham paciência comigo, a senescência desculpa muita tonteria, a obsolescência é um facto provado. Desfeito em efeitos do verbo desregrado o sentido da forma não enforma mais o sentido, que se poderá fazer? Quem tem uma ideia? Quem ousará pensar?

10/7/2023

PORETICAMENTE QUESTIONÁVEL

Que hoje não é ontem nem será amanhã, essa conclusão constativa, fez muita filosofia, qual delas a mais absurda. Não há nada de absurdo no que me limito a ser, seguro que a liberdade de pensar é só a liberdade de pensar, não é uma forma absoluta da liberdade. Esse absoluto dessa ilusão, a liberdade, não existe, nunca existiu, nunca existirá. Felizmente, suspiro eu aliviado, inulto. E depois? Depois lanço olhos, não o olhar míope, à volta e vejo que na diferença de ontem com o hoje não há muita diferença. As coisas, ou melhor, os mudos objectos estão imaculadamente, vejam só, nos seus parcos sítios. Reconheço-os, a cama onde dormi, a estreita cozinha onde cozinho, a cadeira onde me sento para escrever estas baboseiras hiulcas. Não sou filósofo, não sou poeta. Sou só um homem. Envelhecido. Escrevo esta palavra “envelhecido” para me lembrar do envelhecimento que atingiu o meu corpo e a minha memória. Que mais sou eu? Continuo a ser um homem. Escrevo que o sou, fica testemunhado neste texto essa constatação existencial. Alargo-me ainda de expectativas, a vida de todos os dias não adia nem profetiza, hoje não é a premonição icástica de ontem, é só mais um dia. Este mais é, desculpem o vocábulo, fundamental. Isso mesmo. É como o sinto. Para sentir não se necessita de argumentos, de falácia. Sente-se, muito simplesmente. Apercebi-me subitamente de uma rima, rimei o quê com o quê? Escrever foi, é ainda, uma aventura, nem sempre venturosa, é verdade, nem sempre conseguida. Consigo permanecer no auge de uma desenvoltura, indiferente ao futuro. Mas para lá caminhando, lentamente, muito lentamente. É a vida. Engraçado, não estou a gostar deste texto. Talvez, quem sabe, por não ser um porisma poreticamente questionável.

ESCARROS DA SORTE IMUTÁVEL

Demasiadas palavras sepultam-me vivo
neste emaranhado de sílabas, o rumor
alarmá-me para o perigo, o olhar cadivo
no fora procura a sua demora, evitar a dor
de me sentir esdrúxulo e introspectivo.

Adormecer neste sol, nesta amplidão
onde a angústia calcorreia os significados
mais íntimos. Que sinto na nua dispersão
da consciência, que sonhos mistificados?

Intrigado com a ausência de uma frente
lembro-me do passado e da desmedida,
reflito uma imagem de mim vagamente
urdindo redes sobre os alçapões da vida,
lançando-me ao rosto um fogo insolente.

O sol não me alivia. A frente alardeia
promessas obscenas, crimes impossíveis,
quer-nos escravos do desejo para a ideia
de poder nos tornar fantoches elegíveis.

Que fazer? O sofrimento, a dor, a fuga,
o choro, são escarros da sorte imutável.
Onde espairecer o corpo se nos enruga
a força do mais forte, a incomensurável
mutação da morte viva que nos subjuga?

Avanço cercado de palavras, as amigas.
Aceito o cerco e o círculo. Onde círculo
afasta-se a paixão, diluem-se as fadigas,
ouço com limpidez os sons que ejaculo.

AS RÉPLICAS DO PASSADO

Músicas inultrapassáveis rondam ágeis
os meus iniludíveis ouvidos, tumultos
de díspares sentimentos colhem frágeis
os últimos redutos dos oraculares cultos.

Não há uma dimensão nem uma melodia,
os passos que se dão são pegadas, vícios
de outras eras, atmosferas da melancolia
que subsiste nas fronteiras, os sacrifícios
que disparatam na ausência de harmonia.

A língua não possui um corpo habitável,
os olhares perderam os olhos, a matriz
de tudo em tudo descobre um irrazoável
declínio ascendendo com um novo cariz.

Ninguém comprehende ninguém. A hora
mastiga as réplicas do passado, a ordem
não é da palavra, a palavra não só devora
o eco como propõe o crime, concordem
ou não aqueles que vivem como outrora.

Perdem-se as músicas dos instrumentos
definitivos, soberbas vozes fazem a casa
estremecer, ninguém ouve novos acentos
na indisfarçável estase que só nos atrasa.

Bombas bombardeadas pelo desmazelo
caem no chão cinzelado da dificuldade
humana, gritam lacinantes no flagelo
os clangores comuns da esquálida idade,
exibe-se a destruição como um modelo.

ESTAR, SENTIR, NEGOCIAR

Ignoro como estou. Não sei como me sinto. Percepciono as coisas que me envolvem, vejo uma tela em frente, mais próxima que a outra tela, a janela que me outorga um sul sem mistério nem revelação. Pensei muitas vezes, estupidamente, estar miraculado, por que o pensei? Não reconheço quem fui, o que fui, os passos que dei em passados que não foram ainda passados a limpo? Ignoro. Não saber, por vezes, é ultrajante. Não faço, nunca fiz, o elogio da ignorância, e no entanto sou obrigado a mostrar a ignorância todas as vezes que faço perguntas. Deveria desistir das inquirições, do desejo de compreender o que se passa, comigo e com os outros, aqui como por esse mundo afora? Nada aflora a consciência, se ousasse vislumbrar-me com uma alma seria mais feliz? Que dizer do espírito? Só como tradução do inglês “wit”. Perspicácia e humor não navegam páginas escritas na encruzilhada do “à rasca”, o tempo para ser um princípio da acuidade não me sobra quando, precipitadamente, me abeiro do nada implícito no que será escrito. Volvo ao mundo com a sensação de que nunca deixei de ser mundo, como um automóvel movendo-se sorrateiro pelas estradas que poderão levar a um precipício. Ou serei eu esse precipício? A vida trágica foi-se há muito em filosofias históricas, o tempo não é o da tragédia, nem se morre ou se põe fim à vida quando se tem acesso ao drama negocial inventado pela burguesia mercantil. Do mercado somos a sua mais humana prova. Sentir-me-ei uma coisa que pode ser comprada no supermercado?

12/7/2023

É BEM POSSÍVEL!

Uma violência agónica pede-me para destruir as páginas deste livro. Não sei de onde vem essa brutalidade compulsiva, qual a razão que me levaria a esse acto, qual o facto que ilumina esse sentimento. Não vou dizer, ciciando, estou perdido, porque não é da perda que se trata, antes de uma convulsão íntima, como se a vida assim desnuda merecesse mais que a simples experiência da vida. A vida não é uma ilusão, mas qual a solução peregrina para a devolver a uma verdade quase biológica, independente dos substratos lógicos da língua? Ousei linguagens prófugas e trânsfugas, abri percepções adnatas, sugeri alguns pensamentos induzidos pelo amor da amizade, homens irromperam em algumas páginas, mulheres acordaram para o desvelo de uma igualdade, crianças ouviram extraordinárias histórias passíveis talvez de inaugurar inesperados futuros. Penso que colmatei vazios corruptos com a alegria de quem pode mudar o mundo, tantas as tarefas, debelar os prejuízos da fome, desvincular a pobreza da fatalidade, ulular gritos icásticos contra as guerras fratricidas. Nunca houve arte ou poesia nestas planícies do presente, nestas montanhas da ausência, a metáfora metamorfoseou-se em apetências de realismos concretos, de realidades capazes de uma permanência no fluxo do tempo. Porquê, pois, esta violência, esta brutalidade, este desejo de derrubar o edifício construído? Só por ser um edifício? É bem possível!

12/7/2023

O ESCOPO

Como invejo todos aqueles que têm certezas, convicções, opiniões, uma ideia de como deveria ser o mundo. Eu tento imitá-los com o didactismo pobre de certos textos, mas depois fico envergonhado por ter ousado impregnar o real com deveres ser. Sinto que algo de falso, de fictício se introduz nas expressões do meu desejo, sinto até a injunção de uma descoincidência aguda entre o que vivo e o que escrevo. A verdade com todos os limites que a caracterizam não me satisfaz, não me ilude, prefiro mil vezes a razoabilidade do verosímil, de um poderia ser se, se formos conscientes das nossas inóspitas limitações. Nada comprehendo daquilo que chamam o mundo. Acontecimentos perpassam pelos noticiários e eu não sou capaz de assimilá-los para poder julgá-los com exactidão. Nunca comprehendi os homens e suas acções. Os seus interesses, os seus investimentos, a força que os atira para a frente como se eles fossem essa frente. Aquilo que se aprende nas escolas como sendo a história. Minha filha, há muito tempo, com doze ou treze anos, fazendo-me perguntas sobre isto ou sobre aquilo, a maior parte das vezes, recebia um não sei. Até que um dia, chateada talvez, me disse: Ó pai, mas tu também não sabes nada! Eis a verdade, sem precisar do apoio teórico da verosimilhança. Sinto-me, agora, culpado. Filhos e filhas de amigos tiveram sempre a sorte de uma resposta taxativa dos pais. Adquiriram assim uma segurança que a minha filha não possui. Não hesitam, acham soluções, a vida é a vida, ser é ser, haver é haver. E safar-se na vida é o escopo.

A EXPRESSÃO DA IDEOLOGIA

O que me traz aqui não é a expressão da ideologia. É o nada onde convivo quase desde sempre. A única acção que me vai trazendo vivo, um motivo para suportar a dor da desrealização.

O real não me permite passar alegre ou triste pelas vicissitudes dos factos, não há nada que exista que me integre na efabulação dos conceitos intactos.

Nunca achei que a solidão fosse parte constituinte do isolamento, um alento oriundo de não sei onde não me fez arte nem o artifício de um consentimento. Achei na estupidez suxa a contraparte.

Imperfeito e inacabado na introvertida incompletude cá vou deslizando repto para uma metáfora ingénua, conseguida ao preço de um deslumbramento inepto.

Não é uma solução? Talvez. Este talvez tem muito que se lhe diga. Basta passar os olhos pela sua etimologia. Uma vez não são vezes, diz a consciência popular independente da ciência e da sua altivez.

Levanto-me quando caio. A praxis edaz não conduz ninguém à radiante aventura, a vida não ensina nada, o nada é mordaz só para aqueles que elogiam a literatura.

RESSONÂNCIA

Há anos que tento tauxiar num texto honesto a palavra ressonância, não porque a música ressoe mais do que devido, mas é manifesto que há qualquer coisa no recesso da música que merece o apreço do conceito e do resto.

Este resto extravasa meu pensamento ardido na ambiguidade e na omissão, a imperfeição como estética é um arrojo ímpar, desmedido, incapaz de ser aceito pelo ocidente da razão.

E quanto à estupidez, o que dizer? A cupidez intelectual assusta-se com a perdição exacial que lhe invade os domínios, o poder, a higidez é onde se refugia para sobreviver. A policial mentira remete o presente à pólis, à sordidez.

Nos confins da escassez e da pobreza fática não há lugar para se enfrentar os problemas, critica-se o solecismo, e toda a problemática concernindo a actual ineficácia dos poemas.

Nada como se continuar a morrer no carinho das aparências, os poetas pensam-se a sarça da ocasional inspiração, os críticos do ninho dos jornais debandaram a praça, só disfarça a morte o que percorre o devastado caminho.

Uma honesta admissão da hominalidade traz ao coração dos eleitos o medo, melhor fingir que tudo está bem, o vazio e o desdém, a paz confrangedora de quem ignora se deve partir.

NA AVENTURA DA LINGUAGEM

Estupidamente nervoso, acerco-me deste não sei porquê
como quem só pode viver escrevendo, escrevendo
que vivo, que estou aqui, sempre aqui, sem lugar.
No mundo que sou modifício as causas e os efeitos,
inscrevo-me na fluidez do discurso seguro que as coisas
precisam do tempo como do espaço, entidades primevas
que nenhum pensamento moderno conseguiu ultrapassar
ou reverter. Não sou capaz de me desvelar. O segredo
não se esconde no meu corpo, a consciência tutelar
assume apenas as invasões do real, acontecimentos
passam em peripécias periféricas, atmosferas icásticas
devolvem à realidade o seu peso para que o sentimento
possa advir como uma manifestação da íntima carne.
Haverá sangue nos meandros, essas veias veios
de uma mina escassa em riqueza, essas artérias árduas
percorridas pelas vicissitudes e pelas ocasiões céleres.
A experiência não é só da experiência, a história
pessoal materializa-se em conjugações de acções
que ousam imitar a praxis. Pratico uma devolução
do mundo ao mundo, do ser humano ao ser humano,
mas a desumanidade prorrompe todos os dias no clamor
da terra, esse grito planetário. É-se uma moeda simples
mas controversa, cada gesto disferido parece convidar
ao seu reverso, o reversível acompanha o irreversível,
a loucura sente-se vesânia e sanidade. Não é fácil
viver-se entre dicotomias afanasas, é difícil ser-se
fácil, resta-nos o plágio do passado desmemoriado,
concluir uma independência que depende de todos.
Não houve razão para o nervosismo inicial, o tempo,
diz a tradição, cura tudo. Que tudo aceita a cura, a cora,
o coro de vozes dispensadas pelo nada? Nada fica escrito
na aventura da linguagem, ou só, apenas, urdidos factos.

14/7/2023

MEMÓRIA DO PRESENTE

O porisma presente não vai aceitar a humildade de um fim, disso tenho a certeza, mas nunca se sabe de antemão. Há sempre acidentes de discurso. Mitridático até à raiz conceptual atrevo-me a pensar que o gesto epulótico merece um desvio, um acerto da consciência, uma consideração. Considero o repto com alegria. O apanágio não faz sentido nem é razoável. A concatenação das diversidades terá que ser compreensível, há parataxes rentes à proliferação das prolixas hipotaxes, o erro renova o errabundo deambular das mutações periódicas. A língua não é vida, mas a linguagem anistórica arranca da vida sensações inusitadas, incontroláveis emoções, figuras impensáveis na vida quotidiana. A curiosidade acompanha o gesto mitridático, ser o que vai ser no acasalamento das palavras é um gozo mais excitante que o prazer, é um arroubo enlevado, uma redundância do vaivém intraduzível no fim dos amplexos, não só intelectuais, como amantes. Eclipses da consciência possuem a fácil ciência de uma estadia no animal, sejamos animais ínsitos no desejo, ouçamos os apelos do corpo, do texto inconformado com a sua textura velada. Velo peregrino ao lume azul de uma chama, velo enquanto língua desgovernada pelo impulso e pela intuição, agir não é fugir do perigo do desastre, da monstruosidade que pode irromper. O porisma advém húmido, dor de uma questionação ininterrupta, ôntica, quase ontológica, se a lógica ainda for possível neste aqui e neste agora. O momento é uma demora. Fruir deste menos que conceito faz conceber uma leitura introduzindo quem lê na memória do presente.

14/7/2023